3 1761 07047969 6

FIALHO D'ALMEIDA

Lisboa Galante

Episodios e aspectos da cidade

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
CASA EDITORA DE
COSTA SANTOS, SOBRINHO & DINIZ
4 — Santo Ildefonso — 12
PORTO

LISBOA GALANTE

Porto 1890 — Typographia Elzeviriana
Rua de S. Lazaro, 393

FIALHO D'ALMEIDA

Lisboa Galante

EPISODIOS E ASPECTOS DA CIDADE

« Paris est une ville qui se montre quazi nue à toute heure, une ville essentiellement courtisane et sans chasteté. Pour qu'une existence y ait de la pudeur, elle doit posseder cent mille francs de rente. Les vertus y sont plus chères que les vices. »

De Balzac.

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

CASA EDITORA DE

COSTA SANTOS, SOBRINHO & DINIZ

4 — Santo Ildefonso — 12

PORTO

PQ
9261
F5L5

AO DOUTOR

SILVA CARVALHO

AMIGO E CAMARADA D'ESCOLA

De todo o meu coração.

LISBOA VELHA E LISBOA NOVA

Eu ainda conheci um pouco da Lisboa antiga, como ella teria sido no tempo do Sr. D. João VI, e conforme Beckford a aguarellou nas suas Memorias. Cidade de frades, beatas e desembargadores, soturna de noite, reentrando em becos onde os gatos se moviam n'um *sabbat* phosphorecente, com lendas de fadistas que enchiam a provincia de panico e de epilepsia a proza dos jornaes; e tavernas onde noite e dia o gaz flambava, nimbando a fumarada dos cachimbos.

Nos bairros de rezidencia, retrahidos sobre as encostas das *sete colinas;* nos peque-

nos largos onde seis arvores davam sombras pavorosas d'embuscados; em cada ingreme ruella corcovando bruscamente por baixo d'um arco, onde o braço d'um lampeão resahia do granito, mal humorado por allumiar os lameiros da via — predios altos, estreitos, irregulares, coifados de mansardas sem vidros, encostavam-se uns aos outros, rindo sardonicamente pela bocca dos portaes sem portas, e resahindo como ebrios das linhas geometricas de construcção — em todas as saccadas havia roupa a enxugar, nespereiras em caixões — e jardins de pequenos empregados bucolicos pezavam sobre as varandas decrepitas, onde algum gato reflectia o nada das couzas mundanas, e uma mulher verde espulgava cobertores. Em baixo, as lojas de venda, pintadas uma só vez em vida dos logistas, offereciam ignobeis detalhes dos generos accumulados, uma desordem furiosa de mil coizas; e vinha um tal cheiro de ratos, queijo assado, e roupa velha, que mais parecia andar-se viajando por dentro d'um artigo do sr. archeologo Brito Aranha.

A primeira pharmacia que deitou armações de vinhatico produziu tamanha emoção,

que os jornaes lhe consagraram folhetins descriptivos; e por dias esteve o transito interrompido, tão espessa turba se agregára ante o sumptuoso laboratorio.

Entanto, com o montuoso do solo, a irregularidade pictoresca das casas, descortinada dos cimos, era uma confusão de brancas fachadas, tectos em chapeo de *clown*, varandas que iam e vinham, arborejos ictericos e torrelas de freguezias; mas nenhum trecho de caracter, architectura typo, ou atrevido zimborio, em que pouzar a vista cançada de voar sobre esses bairros taciturnos. Quando ao canto de tal rua, perdido entre humildes cazinholas, meio sepulto n'uma ladeira aspera, de repente, surge o angulo d'um velho palacio brazonado, desconforme como os mausoleus de Thebas, quadrado, derruido, singular de velhice e magestade! Os portaes desenham-se em pedra esculpida, mas installou-se uma carvoaria no pateo; por cima, a sobreloja serve de pouso a pobres cantores da rua, cegos simples e compostos, tamborileiros gallegos, raparigoilas de pandeireta, realejos com e sem macaco, phenomenos de feira hibernando alli a estação das chuvas,

entretidos a digerir o proprio estomago — enfim, toda uma côrte de milagres, desde o homem dos pintasilgos sabios, até ao velho malandro que vive d'uma ulcera pintada, e regouga limpando aos andrajos os cinco-reisinhos que lhe dão — Sempre ha gente muito porca!

Lisboa que não deixára ainda o capote e lenço tradiccionaes, e cria em milagres, affirmando que crescia o cabello ao Senhor dos Passos, sentia por esse tempo um forte medo de bruxas.

Conheci predios desamparados de moradores, com má fama de rezidencias diabolicas, que se apontavam de longe aos exorcismos das beatas. Os cães vadios, então mais numerosos que os empregados publicos, desfructavam *nonchalances* que o Chiado não permittiria hoje aos seus mais impudentes janotas. De resto, havia em poesia a especialidade dos *cysnes*. Ser *cysne* era uma d'estas glorias tocantes, uma d'estas emoções subtis, uma d'estas requintadas lisonjas, que só hoje teem paralello nos laureados de Mont-Réal.

Havia *cysnes* de todas as cathegorias; de praia de banhos, casa particular, botequim

e anniversario natalicio — para cazamentos, para enterros, para acrosticar quem sahia despachado . . . Certas corporações exalçavam-se recolhendo os varios *cysnes* dispersos: por exemplo, a alfandega tinha mais d'estas aves que o Passeio! Um homem d'espirito aprezentou-me não sei que auctor de poema em quatro cantos, *Os Banhos das Caldas*, n'esta formula concisa:

—É o nosso caro L., *cysne* substituto!

E o vate por nos agradecer a homenagem, tudo era ir movendo a figurinha sem edade, quazi uma regressão nostalgica do homem ao kangurú.

Tambem se perde a memoria d'uns *omnibus* que havia formidandos, talhados em arca de Noé, medonhos d'escaninhos, providos de dois andares ou tres, escadarias em espira, e um convez d'onde o passageiro ia gozando todo o panorama da cidade. Esta immensa machina, que era uma applicação da nau *Vasco da Gama* ao transito das ruas, movia-se sobre quatro pequeninas rodas, puchada por uns franzinos cavallos idealmente magros

como Sarah Bernardht, mirrando-se como ella na extranha nevrose frenetica do genio.

Por cima d'elles, em cadeirola de ferro, ia um cocheiro á Hoffmann, espendurado como um corvo á beira d'essa mole oscillante, toucando-se d'um oleado conico, e envolto n'um *double* de panninho azul. Aquillo ia pelas ruas cascalhando ferragens, n'uma estrupida de cadeias que batiam, vidros soando rachado, siflos de chicotada, e imprecações d'estrebaria. Para subir á plataforma, um trabalho!...

Antes de se aventurarem lá cima, muitas pessoas deixavam testamento. Mas d'aquella altura que magestosa perspectiva de casarias esparsas, o rio espanejando enseada n'um azul de lhamas scintillantes — a torre de Belem, o Castello, a Serra de Palmella... Via-se tudo, norte a sul, oriente a occidente, aguas, ruas, arrabaldes! Moradores de quinto andar situado na passagem do monstro, já não cahiam em descer as escadas ao predio: quando o *omnibus* vinha na vertical, passavam as pernas fóra da varanda, e eil-os no tejadilho do carro dando bons dias aos outros passageiros. Um dia, um triste dia por

certo, estes cetaceos sentiram-se velhos, com as costellas fracturadas pelos solavancos da via, o dorso corcovando ao peso das malas que lhes punham em cima, e desguarnecidos, vergados para a banda, roidos de baratas . . . Os cavallos morriam, ou tornados como o oxigenio, por falta de comida, quatorze e meia vezes mais leves que o ar, evolavam-se rompendo os tirantes, e realisando nos espaços as phantasias loucas da balada.

Inda se vêem d'aquellas Babeis em malapostas de provincia. Errava eu por Traz-os-Montes, estudando monumentos, a ultima *season,* quando me vieram dizer que um dos mais pequenos estava quartel de cavallaria em Bragança. Agitada velhice, inda que alevantada e patriotica! Ao passo que outro, *omnibus* austero, um nadinha reaccionario seja dito, muito do nuncio, fôra nomeado Sé cathedral de Pinhel, passando entre os archeologos de toda a Beira Baixa por um dos grandiosos bocados d'architectura christã que havia na Peninsula. E as eruditas corujas conclamavam: assombro de naturaes e estrangeiros!

Um dia puz ponto na bohemia á Murger,

em que eu esbanjava por ahi os annos de braço dado com os amores galantes; fui-me penitenciar até ao Oriente, á Terra Santa, como os grandes contrictos da historia, a rezar no Santo Sepulchro, e abrir uma garrafa de Champagne sobre o Sinay, approximadamente no sitio em que Moysés partiu as taboas da lei. Escusado dizer a viagem. Os senhores abrem Gerardo de Nerval e ficam informados com inteira probidade. Consultem para costumes desenhos de Bida e alguns cartões de Marilhac, afim de se darem côr local. De resto eu deslumbrei-me pouco. As mulheres veladas teem melhor *silhouette* nos sanguinos e bistres lavados dos desenhistas. Alguns perfis de velhos soberbamente tostados, tendo essa magreza nervosa e agil que approxima os homens dos galgos de raça. Achei o Ramadan pictoresco em Constantinopla, muita alegria, certa graça carnivora nos dentes brancos que riam em barbas pretas, inteiramente sem par. O porto é como sabem, explendente, vasto, azul turqueza, maravilhoso de tons perlados d'espuma quazi vaporosa. Ante a cidade, reduzido pela distancia, um pedaço d'Asia, o *Corno de Ouro*,

mostra um serralho em ruinas, minaretes de não sei que mesquita abandonada, e palmeiras em bouquets deliciosos de palmas. Oh, as palmeiras são circacianas vegetaes, flexiveis e altas, perpassadas d'uma ondulação cortezanesca nas suas fórmas sempre juvenis! Quando me lembro que o meu paiz faz vassouras d'estas rainhas da areia calcida, tenho ganas de me expatriar.

Os camellos ao menos, abrazados nas longas travessias do dezerto, procuram-lhes a sombra amiga e n'ella se acolhem, como sob a abobada d'um templo. E relativo a dromedarios, meus amigos, os do Oriente são uma vergonha ao pé dos nossos. O que se chama camellos, só na rua do Ouro e camara dos pares.

Assim, estão gritando que nos falta um jardim zoologico. Que vem então a ser a capital? Em que trecho da Australia cabriolam macacos como em S. Bento; em que solidões africanas ha os leões da Havaneza, e aves de pennas variegadas como por essas redacções? Mas o que falta é um tambor para chamar o publico, e collegios de meninas que deem pão de ló aos elefantes.

—Entrar em jaula, meus senhores!

Na minha ausencia, Lisboa mudára. Alguns d'aquelles grandes palacios de familias extinctas ou arruinadas, tinham-se desmoronado pelas encostas sobranceiras ao rio, cançados d'esperar que os restaurassem, e tristes no abandono dos seus salões sem tectos nem pavimento, onde no marmore das chaminés por vezes, escudos d'armas cinzelavam as ultimas elegias d'uma era de cavalleiros. Ardendo n'uma febre de grandezas, Lisboa sentira a necessidade d'outras ruas, outros estylos, outros interiores: alguma coiza coherente com os ideaes, os habitos e os trabalhos da sua vida moderna. E eil-a transbordando dos accumulados lugubres dos velhos bairros, Alfama, Mouraria, Estrella; partindo a cintura de muralhas n'um *charivari* de construcções podres de chic; fazendo dos arrabaldes, centros; trepando aos outeiros, ou alastrando-se como um acampamento nomada, á beira do rio.

O estylo das casas ricas, perdendo o caracter pesadão, medieval, que antigamente era

bom gosto entre as altas classes, e quazi passava ao proprietario diplomas de fidalguia, punha agora esforços evidentes para se armar á ligeira, sem perda de distincção ou desharmonia de linhas. E appareceu a casa moderna, pelo estylo de Paris! As primeiras tentativas desagradaram. O portuguez é naturalmente pesado, amigo do solido, e rebelde ás ligeiras coizas d'arte tão maravilhosamente francezas por indole e origem. É vêr os nossos paysagistas. Os nossos escriptores. Os nossos poetas. Querémos na obra d'arte o excesso, qualquer a fórma que o traduza e comprove. Em litteratura, a hyperbole, um estylo atormentado d'imagens e cheio de bizarras theorias. Na tela, coloridos estridentes, vehemencia, profusão.

Á serena ironia dos povos litterarios, composta, subtil, toda interior, mesmo nas suas phantasias mais macabras e *blagues* mais fundas sabendo guardar uma mascara de senhoril gravidade, preferimos nós o sarcasmo escandente, a grossa hillaridade fradesca, o dichote que se crava como um sedenho no cachaço da victima. Leiam os artigos politicos de qualquer jornal, e verão como pequenos

factos attingem na lingua dos verrineiros, colossaes e tremendas proporções. Dão-nos uma amante franzininha, nervosa, cheia de refinamentos, resumindo ella só cinco seculos da civilisação mais correcta. Demonio! pensamos logo. A osgasita não tem carne. Mulher que se sinta nas mãos! Quem dera cá uma comadre de nalga rija e sobrolho fero! —Em balde a educação, a adaptação estrangeira pelos livros e vulgarisações dos criticos, pretendem supplantar dentro de nós estas fatalidades do sangue e do clima.

A natural feição da raça é pois dura, excessiva; tosca e quadrada a sua maneira de realisar: só um alto esforço e uma tenacidade horrivel conseguem furtar os artistas a esta cornea tendencia para o genero d'arte pé de boi. Imagine-se a repugnancia do proprietario em adoptar a principio, os modelos d'architectura nova, que os rapazes haviam trazido de Paris.

Porém hoje, ao fim d'esforços, já os podemos vêr realisados por essas novas praças e avenidas, alegres, nitidos, acabados de pintar . . . Fui ha dias fazer o gyro de Buenos-Ayres, sabem? aquelle bairro da alta fi-

nança, sem lojas, nem pregões, que a vida ingleza tem civilisado, mercê da proximidade e convivencia. Ha herva nas ruas, mas abundam ao fundo de jardins nascentes, as elegantes rezidencias de linhas simples e altas janellas com vidros inteiros, d'um christal puro, por traz dos quaes os stores de seda vão tamisando a luz um pouco cruel do dia.

N'essas ruas de palacios sobranceiros aos bairros fabris, onde o ruido dos passos parece atufar-se em mollezas d'alcatifa, paira um silencio d'alta vida e um desdenhoso ar de boa sociedade e gente rica desde o berço. Poucos ou nenhuns ruidos — as visinhas não cochicham de janella para janella, um trintanario passeia á redea vermelhas horsas inglezas, ou moços d'estrebaria lavam as rodas dos coupés de noite. Pouco mais. Algum trem que se affasta de stores descidos, mysterioso, discreto, levando o senhor juiz para o tribunal, o senhor banqueiro para a bolsa, o amante ou o medico — algum trem que se embebe a largo trote pela arcaria d'um palacio, cheio de creanças guiadas por uma ingleza velha, ou conduzindo, quem sabe? a

primeira culpa d'aquella joven senhora que o marido abandona aos *Monstros Parisienses* de Catulle Mendés.

Escadas largas, com corrimões de bronze, *lambrissées* de mogno, sob uma cupula em *vitrail,* fazem nas residencias pequenos muzeus phantasticos e preciosos. De lance em lance, alguma estatueta supporta um globo d'alabastro. Nos patamares com jarrões esvasados, espalmam-se decorativamente folhagens d'avencas, gloxinias, trepadeiras, fetos raros; em volta aos espelhos com molduras de ferro forjado, as heras sobem n'um redenho de metal — emquanto as bananeiras empenacham a boscagem das suas grandes folhas, e tufos de begonias regias, carnosas, humidas, circuladas d'um sangue rutilo, parecem corações de virgens levianas offerecendo-se ao primeiro que suba. Atravez os vidros das estufas, nos macissos dos jardins e parques luxuosos, plantas que arvoram exoticos modelos de floração, como outros tantos pavilhões de revolta contra as rotineiras fórmas do lyrio indigena, das rozas de cem

folhas e dos embirrantes cravos de defuncto. São os hibiscus que revolutêam torcidos como cabellos em nucas ainda mal enxutas do banho — arhuns de seda, perpassados d'uma graça virginal—rozadas orchideas feitas d'espaduas d'infanta — palmeiras curtas que dir-se-hiam cinzeladas em malakite — e a *sterlitzia regina*, flôr de principes, cortada em velludo roxo e côr de laranja, rompendo d'entre a hirsuta folhagem de ferro branco, com antheras d'oiro e fauces de dragão chinez.

Depois lá dentro, nos gabinetes altos de vinte pés, onde o luxo é hereditario e nenhum pormenor cheira a enfatuado, lá dentro as peças de residencia enfileiram a sua série de muzeus pessoaes, tão caros á familia, feitos de recordações de viagem, memorias das pessoas ausentes ou mortas, dos amores fanados, dos respeitos commovidos — tudo isso que é bugiganga e não obstante preoccupa— moveis e bronzes d'arte, porcellanas, velhos Sévres, barros e marfins esculptados, leques, armas, rendas, miniaturas, — accessorios de bem estar e de luxo, espargindo a vivacidade aerea das suas linhas e volutas, pousando

dois dedos de loucura na vida calma do interior, e por cima inoculando-nos uma sorte de nobreza, pela contemplação raciocinada de tantas coisas preciosas. Em Lisboa, já não é preciso entrar no palacio d'um amador illustre e rico, para encontrar a obra d'arte como centro d'adoração. Este seculo desceu-a dos templos e dos palacios, e pensa vulgarisal-a mais ou menos intacta, pelas residencias modestas, mercê das industrias que a reproduzem e vulgarisam. De 34 para cá, a educação, apesar de morosa e desleixada, deu aos nossos homens refinamentos intellectuaes progressivos, que fizeram d'elle, em politica um sceptico, em sciencia um crente, um atheu em religião, no amor um bandido, e na arte um *diletanti*. Raras naturezas, plebêas mesmo, ficam hoje insensiveis ao encanto d'uma fina obra trabalhada por algum artista de genio. Eis as classes burguezas cultivando o gosto, esse bom senso delicado, dizia Chénier, pelos dictames d'uma inspiração já litteraria; visitando as exposições de quadros e as lojas de coisas antigas; indo aos concertos; estimulando-se nos leilões celebres; seguindo com prazer as discussões que uma es-

tatua, um quadro, ou tal peça de mobilia provocam nos jornaes; desenvolvendo, n'uma palavra, aptidões intuitivas d'artista, tão proprias n'um paiz de sol como o nosso, colorista fatalmente, paiz de paysagem, que possue os trajos do Minho, as marinhas e costas do Algarve, as cantigas de trabalho do Alemtejo e os cerros e castanheiros da Beira.

A prova d'esta furia d'arte, *cachet* d'extrema cultura, está nos livros da especialidade, que em espantosas remessas, de toda a Europa chegam para os finos espiritos de Lisboa, livros os mais preciosos, os mais raros, os mais perfeitos — está nas casas de *bric-à-brac* esparsas por muitos pontos de Lisboa — nas officinas que restauram moveis antigos — nas innumeras lojas de bugiganga e artigos de Paris — nas sociedades de musica e aguarella — nos muzeus e collecções particulares que se organisam até por esses andares mais modestos, sem falar nas collecções celebres do rei D. Fernando, nos quadros do visconde Daupias, nas loiças de Fernando Palha, nos esmaltes e joias antigas de Julio Cordeiro; e colchas, pratas, tapeçarias dos nossos velhos mosteiros e casas nobres. A arte! — eis o es-

pecifico contra a nevrose do homem de genio, o escriptor sobretudo. Por ella os sentidos se educam, o coração se corrige, e se acalma o frenesi no espirito, imberbe ainda e já murcho, de tudo haver visto, dissecado e gosado. Por ella se alcança esta susceptivel sensibilidade, ultra-feminina, ultra-refinada, tão ligeira e mimosa, que a menor discordancia basta para lhe trazer convulsões e nauseas. Ella prescreve regras para as coisas mais rebeldes de enquadrarem n'um codigo o substractum da sua natureza — para as que escapam á nossa analyse — e para as que nenhuma palavra ainda conseguiu exprimir com fidelidade e rigor scientifico. Ella nos corrige o typo se não vimos directamente d'Antinous ou Apollo; nos illumina a vil preço a nudez da casa; idealisa a mulher dos nossos sonhos; nos disfarça certos cantos brutaes da existencia; nos transfigura e nos sublima. E captivando as mais bellas faculdades do homem, recebe um selvagem para nos restituir um ser dôce, polido, delicado, que tudo transforma á volta de si.

Se eu fosse rico, gostaria de ser o mais doido *bric-à-braquista,* como Balsac, ou o

principe Demidoff. Jules de Goncourt, ataxico, maniaco, quasi doido, sentia-se repousar d'atrozes dôres, revendo e tocando as suas admiraveis collecções do seculo XVIII; e em vesperas de morte, o dôce e desequilibrado artista ainda escrevia ao seu amigo Burty:— *Japonezerie for ever!*

Esta para assim dizer restauração do typo architectonico, esta revolução na residencia, coincidiu com outra não menos absoluta dos costumes, do typo e dos prazeres. Lisboa já não é a cidade de capote e lenço da senhora Izabel Maria; nem a cidade romanesca, emphatica, desesperada, com escarros de sangue e grenha ao vento, dos senhores Mendes Leal e Thomaz Ribeiro.

Foram-se os ultimos typos da elegancia de ha cem annos, com os seus alambicados modos de falar, vestir, receber, citar poetas latinos, e ouvir em extasi D. João VI ao cantochão na Bemposta. Foi-se a população ingenua que applaudia em delirio os *Dois Renegados* e a *Festa e Caridade*. A hygiene removeu dos bestuntos os ideaes carunchentos. A

ruina das casas historicas obrigou a trabalhar os nobres e as côrtes de parasitas que lhes gravitavam d'envolta. A concorrencia estimulou na lucta os trabalhadores de todas as classes, agora eguaes pela communidade nos mesmos esforços e fins.

Em todos os actos sociaes a publicidade destruiu os privilegios, corrigiu os abusos, e esmagou os vicios tolerados de seculos. E ao passo que a educação ou creava sabios ou fazia homens praticos, a gymnastica ia avigorentando em athletas os filhos d'uma raça amollecida pelos dôces dos conventos e indolencias do clima naturalmente enervante. Sob o ponto de vista do typo, Lisboa, terra classica de mulheres feias, no dizer de viajantes, repelle hoje aquella reputação de mau sestro por não sei qual evolução plastica e surprehendente, vingando-se em possuir o que a mais ideal formosura aos vinte annos póde archivar de captivante e divino.

Desappareceu ha muito dos salões o typo da Venus barbuda, Venus porco espinho, que espavoria os officiaes da marinha ingleza nos bailes da senhora regente. Uma raça de brancas mulheres flexiveis e altas, cabellos casta-

nhos e boccas em flexa, belleza mais intellectual do que physica, fundada na scintilla hysterica dos olhos, na esquisitice das mãos, nas fragilidades da cinta, passeia hoje os asphaltos da nossa bella cidade, enche os salões de concerto, faz os *five o'clock tea*, applaude nos theatros, revolutêa por essas praias e estações d'aguas—com pés quasi espirituosos, dolencias d'espaduas, e nucas de oiro em que parece anicharem-se colibris de beijos. Belleza sem amplidão, convenho, sem traços salientes, d'accôrdo, sem unidade, sem architectura; belleza fruste, flôr d'um dia, fundada nas carnes, e que uma vez fanada, como não tem transição, resvala nas pelles de gallinha d'uma velhice precoce. Mas em compensação, a sua adolescencia é o que o mundo tem de mais encantador, de mais elastico, de mais destro; e ellas ahi vão por bandos e revoadas, as bellas Dianas e Ledas, adiante das mamãs, braços dados, rindo e pipiando nos perystillos, cingindo ao busto os forros das suas *sorties de bal*, recompondo sobre as testas cabellitos rebeldes, *lorgnando* os rapazes com ares de duquezinhas á Brantôme, na intima delicia da sua adoravel frivolidade.

Estas galanterias vivas de dezoito annos, ainda elançadas n'uma especie de hesitação de sexo, ressumbram virgindades já provocantes, tendo nas iris raiadas a castanho e fulvo, alguma coisa da astucia ingenua das gatinhas nubentes. E a extravagancia dos vestidos, o *pêle-mêle* das côres, a fanfarrona postura dos chapeus altissimos de copa, aba curta e molhos de plumas mirabolantes!... O que ellas desenvolvem em publico, de talento scenico, graça artificiosa, espirito e adoravel *calinerie,* é por si só um poema de sagacidade e *ruse* feminina.

Quanto á belleza dos homens, quasi nem me pronuncio; as mulheres porão n'este ponto do meu discurso, com a sua incomparavel observação, as subtilezas de critica que eu a golpes de lente mal posso descortinar. O grande Tackeray, d'um paiz onde efflorescem os mais admiraveis typos da raça loira, a primeira como obra d'arte, fala dos homens portuguezes como d'animaes magnificos; e no seu acre livro sobre Portugal, a princeza Ratazzi, — que entendedora! — tem referencias de lisongearem muito a vaidade dos nossos marialvas e gentishomens. Ah! que

isto orgulha bem o patriota. A menos que se não seja um preto, um corcunda ou um torto, todo o homem tem direito d'exclamar lendo as referencias supra: — isto é commigo! *Ellas olham.*

A educação dos gymnasios, a apotheose da belleza feita aos acrobatas sob o ponto de vista da força, e uma forte propaganda dos exercicios de destreza — a carreira, a caça, a equitação, o tiro ao alvo, a remagem, etc. — vão transformando para melhor o typo dos nossos rapazes, creando corpos vigorosos, musculaturas elasticas, linhas finas e firmes, outra correcção de caracter e outra viveza de temperamento. E não se veja um effeito litterario n'este culto á belleza plastica. Cada homem que nasce necessita tres coisas: ser intelligente, ser forte e ser bello. Sem intelligencia ainda se é feliz. Exemplo, os addidos d'embaixada. Sem força ainda se vive. É o caso dos nossos generaes. Mas sem belleza, de que serve, oh deuses, ter visto a luz?

Aqui viria fallar-lhes do Chiado como d'uma instituição profundamente gommosa, onde se exibem as raridades do *sport* e a fina essencia da elegancia; onde os ephebos quei-

mam os seus primeiros charutos á porta do Baltresqui e do Magalhães; onde os membros do Gymnasio-Club enfloram sob a justeza dos vestons, musculaturas dignas da Grecia heroica; e destros cavalleiros e mundanos, correctos, grandemente talhados, partilham entre si o coração d'uma andaluza. Mas decididamente eu não pretendo fazer n'este volume, um curso d'elegancia. Só me cumpre elucidar um ponto em que geralmente se commette um erro, leve que seja. É que a elegancia como em geral se interpreta, não tem que vêr com a verdadeira distincção. Duas horas de sala d'armas, alguns minutos de cabelleireiro e de club, um bom alfaiate, uma ponta de desdem, e certo ar fatigado de quem esperdiça a vida sem lhe saborear dos proventos, bastarão para dar o elegante. O homem *comme il faut* dá mais trabalho. Necessita primeiro que tudo não ter vindo directamente d'uma hortaliceira, afim de se lhe não revelarem no sangue, a cada passo, atraiçoando-lhe a linha, as pequeninas saburras plebeas da vida de balcão, gestos aduncos, uma tal ou qual entonação de vóz, e os defeitosinhos de caracter e de corpo, que em

geral não escapam ao olho *morno* d'um homem do mundo.

Depois, nenhum homem distincto é um imbecil; o que explica como idiotas nascidos em meios cultos, entre o luxo e a alta vida, com genealogias de principes, e o sangue branco pelas ociosidades e prazeres de quatro seculos, dêem quando muito um janota, desenvolvido como um feto, no fundo d'uma garrafa de vinho, um toureiro, um addido d'embaixada gordo e com olhos de mocho, jámais um homem *comme il faut*.

Se eu quizesse agora falar dos costumes, dos prazeres, do leviano modo porque em Lisboa se vae pelas coizas mais sérias siflando um *couplet* do *Bocacio* . . . Mas queiram voltar a folha.

AS RUAS—O DEMONIO DA VITRINE —UM ADULTERIO COR DE ROZA

A minha residencia é triste, por ser glauca e lezardenta a rua, estreito o horisonte, e funambulesca a vida que n'esses altos predios, á roda de mim, de contínuo pragueja, gargalha e lucta. Dia e noite ha disputas e camizas enxugando por todas essas janellas. Nas cocheiras, terriveis bull-dogs esquartejam ratazanas. Vozes d'esgoto, n'um primeiro andar com taboinhas, pedem meios *beefs* a quem passa. Casas de prego. Casas de jogo. Casas de passe. Rua curiosa! — um d'estes desvãos gordurosos, percebem? entalados por commodidade entre duas largas ar-

terias da cidade baixa, antro e despejo aberto aos rodilhões do vicio, da miseria e da fome. Mesmo de manhã, por serem altissimos os predios, nem lastima de sol ao menos sobredoira as platibandas, onde jámais alguem viu a sombra d'um pardal.

De maneira que ha uma pellucia de cogumellos esverdeando os muros, suando nos patamares penumbrosos e pondo laivos de bilis na pedra britada dos passeios. O mesmo emprezario aluga por vezes todo um predio — installa restaurant nas lojas, põe taboinhas e batas de percale roza no primeiro, abre panno verde no segundo, dependura uma taboleta de prego no terceiro; e emfim, não lhe repugnará ter escriptorio de firmas falsas por cima de tudo isto.

Encantador, não é verdade?

Encantador este emprezario que ardendo por ser prestavel, faz o sacrificio de nos ficar com o relogio por uma miseria, e de nos servir a pequenos intervallos, as quatro cousas que um neto de Voltaire, um descendente de Jacques Bonhomme, um admirador da *Curée,* mais são capazes d'apreciar na vida: jogatina, ceia, boa cama e boa femea.

Rua d'um pictoresco cycloramico, com recantos de fome, labios pintados, cabellos falsos, vestidos de velludo, e meias de seda sem calcanhares — d'essas que franziam de mordacidade a bocca saxonia de Hogarth, e que o cynismo vesgo de *Thomaz Vireloque* passeou talvez dos seus farrapos, e talvez contaminou dos seus ditos. Caras, risos, vestuarios, nucas, chinellos, teem um esbandalhado que se esbeiça trahindo existencias d'acaso, esquecidas de hontem, esquecidas d'ámanhã, e deformadas torpemente, como estas doidas figuras que as colheres de sopa reflectem.

Gente destroncada dos convivios honestos, serenos, fecundos, desinteressados, que o habito legitima na vida, ou a honra, ou a igreja. Exotico bazar de torpeza! Promiscuidade que tendo perdido o refrigerio das lagrimas, já ri quando soffre e quando não soffre. Nada funambulesco como esta collecção de feras famintas, ás quaes algum domador partiu os dentes, e não obstante avançam ainda para refilar e morder. Tenham a bondade d'examinar, por exemplo, esses *ménages à trois*, tão originaes; essas mancebias que

jantam disputas molhadas n'uma chicara de café, e nas mansardas dos seus predios sepulchros fumam n'um desmazelo verde, cigarros feitos de rapé meio grosso. Diversas cathegorias de sequestrados—viuvas de militares que nunca existiram, bravos do Mindello falsos, sujeitos despedidos de professores pelas suas bem conhecidas opiniões republicanas . . . — ratões que vendem sinas, deitam gatos, amolam thezouras, compram cebo, distribuem prospectos, compõem folhas de verso para os kiosques — côrte de milagres bizarra, fóra da lei, fóra do mundo normal, pervertendo as suas faculdades e emoções pela nevrose que os feriu entre fome e febre, tossindo dez annos, luctando vinte, tendo esperança quarenta, e afinal gastando a vida toda a morrer!

Tudo alli parece tocado d'uma epilepsia sardonica que traz á ideia os corredores de Rilhafolles, quando a canalha uiva nas gaiolas, sem cabeça, e reacendem as furias, á hora do gaz encher de reticencias a negridão dos bairros comprimidos por essas encostas e gargantas.

Mesmo em face das minhas janellas, um grande café soturno abre para aquella rua suspeita umas portinholas mysteriosas, por onde se engolpham janotas, toureiros, manequins d'esporas que ninguem lobriga a cavallo, gallegos discretos que vão deixar uma carta, ou escorregadias sombras de velhas comadres que buscam emprego a uma filha costureira. Este botequim não tem a physionomia flacida do *Martinho* ou do *Suisso*, centros de litteratura pobre e militarismo individado. Á primeira vista dir-se-ia um d'esses pacificos albergues para cavaqueira de velhotes, tão calada, alta e polida é a expressão da primeira sala, resguardada do bulicio, com pannos de mogno cahindo sombriamente dos muros, e pequenas mezas onde ha sessenta annos as mesmas calvicias oscillam mysticamente, como hostias, por cima dos mesmos agudos calices de *geneppy dos Alpes*. Mais dentro, essa feição cachetica de socego funde-se em pouco e pouco. E reconhece-se então que a *gomma* da cidade installou nos bilhares e em certos gabinetes, um parlamento para combinar o *entrain* das finas partidas de prazer, um instituto para bacharelar

os ingenuos em materias de pagode e dissipação, e ao mesmo tempo um asylo onde os arruinados vão pedir beneficios no Campo de Sant'Anna e subscripções no Gymnasio-Club.

Alli se decidem as touradas, vendas de cavallos, reputações de cocheiros, raptos, mancebias, noitadas ao Dafundo, todas as galantes historias da vida facil que tomou o freio nos dentes. E rapazes que a gente conheceu vegetando á secretaria d'um escriptorio, vão lá cahir um dia subitamente, ainda com o lucto do pae nos chapéus, e a bolsa cheia da herança que lhes vem deitar uma escapada de sol sobre as mornidões da vida.

Assiste-se então pouco a pouco á evolução do mollusco em *parvenu,* dandynando n'uma ostentação de brevas que fumegam como a chaminé do *Gaz.* Presenceamos-lhe o fastigio, a face prospera, o riso feliz, a carne batida e contente, relações, sympathias, todas as mãos que o apontam na rua, todas as mulheres que o binoculam nas primeiras representações, dançarinas que dançam para elle só, rapazes que o invejam, logistas que lhe chamam conde, gorgetas de libra principescamente atiradas á dedicação dos creados —

e emfim os seus caprichos ducaes, que variam entre um cheviote lagarto, uma actriz pintada de loiro, e quatro trambulhões nas corridas.

Porém Morny começa a ter joelheiras, a não pôr collarinho todos os dias, a não rapar as cerdas do picaresco focinho, a querer mal aos agiotas, a encostar os amigos com pequenas sommas, por lhe ter esquecido a bolsa . . .

Vem ainda um gaudio ou outro, alguma vez, vislumbres do oiro-sol no occaso, ultimos *cotillons* da vida larga. São as propriedades vendidas, os agiotas desconfiados que o esgatanham, o praso das letras que expira!

Emfim, o artigo *amantes* decresce em qualidade, attingindo variantes phantasticas. Quem começou pelas gordas acaba pelas tisicas. Os explorados por mulheres, a seu turno, entram a viver de as explorar — e ha sempre para o negocio, rabidas velhas cujos olhos estão ainda febris, viuvas quentes que nos espinhos da frescata vão esgarçando os seus inconsolaveis crepes, esposas de maridos gastos, ou jovens gazellas mestras de piano e as mais *prendas do sexo*. Até que um

dia os jornaes notificam que no roubo de tal casa, tal banco, tal rua, um rapaz muito conhecido . . .

—Ah, sim, aquelle bexigoso que tinha a Perola por conta . . . Que pulha!

Defronte do botequim, o lupanar.

Toda a noite as malagueñas roucas estalam, e assomam figuras desfeitas, de cabellos em borla sobre craneos de marfim, e batas espaventosas por cujos decotes pendem os seios, n'um enjôo de velhos requeijões apolegados por toda uma clientella de leiteiro.

Algumas caritas finas onde a fadiga poz uma doçura doentia, e a pallidez esmaece nos tons da cera molle que serve para tirar a mascara aos defunctos. Nenhuma conta mais de vinte e cinco annos—algumas ainda vão nos dezeseis! Ponho-me a vêr detidamente esses corpos votados ao amor barato, talvez desde o berço, por uma predestinação inconcebivel. Em pouquissimas o esqueleto é desenvolvido por egual. Os pulsos são tenues como juncos, as mãos rachiticas, bacia derreada, hombros cahidos, e esse ar torcido,

saltitante, onde atravez da desenvoltura scenica do officio se podem precisar os altos desequilibrios da funcção nervosa.

Poucas d'estas plasticas deusas á hora poderiam ter dado physicamente a mãe de familia. É mirar-lhes o fulgor estranho da pupilla, ir-lhes notando a curva esteril das ancas, o tom chlorotico da pelle, a perversão hysterica dos desejos, o caracter das ambições, das sensações, dos sentimentos, onde dir-se-hia já noctiluzir, como um pyrilampo na sombra, o zig-zag da mania ou da loucura.

Vicios de conformação herdados de paes decadentes, miserias que desde creanças soffreram n'algum pobre interior de operario ou pequeno empregado, oppressões exasperadas pela crueldade dos tractos, ou surdas revoltas de ser pobre, contrariaram-lhes a expansão animal, comprometteram-lhes a saude, e foram-lhes exacerbando certos instinctos.

Costureiras, ambicionaram os ricos vestidos que as filhas dos banqueiros iam fazer cortar ao *atelier*. Creadas, soffreram a contagiosa influencia da vida dissipada dos patrões. Operarias, foram-se imbuindo da vida

bestial da officina, onde o amor é infame e o dialecto obsceno. Nenhuma noção do dever. Algumas nem sabem de quem são filhas. Outras já se esqueceram de quem foram amantes.

A acquisição d'uma fita tornou mais acerbo o furor por um chapéu — que reclamou o vestido recortado por um figurino canalha, *veloutine* na garganta, e joias de latão com pedras de vidro vermelho e verde.

Depois ha o elegante rapaz de barba á Guize e colete côr de perola que as vem esperar á sahida do trabalho; o operario janota que as leva aos domingos á Rabicha, e as embebeda na volta com promessas e copinhos.

Todos os homens na rua lhes commentam a frescura implume, a belleza e a mocidade. Ha uns velhos venerandos que fazem telintar grossas moedas de prata em ellas passando arrebanhadas. Militares que as não largam. Homens casados que as seguem, tossindo de vagarinho.

Á volta d'uma esquina os olhos cruzam-se. Hesitação, pulsações, alvoroços, narinas que arfam, um rubor que lhes vem efflorescer

ao estiolamento da face . . . Alli mesmo, sob o gaz que jorra d'alto, uma larga *vitrine* tem estofos d'inverno com severos lavores sobre fundos pallidos, electricos de pregas, nuançados em tons mordentes, parecendo estar dictando ás cabecitas leves, todo um codigo de vida sem vergonha. N'outra casa, as plumas fazem cocáres de meio metro, galantemente curvadas nas suas frizaduras aristocraticas. Quanto custa?—Um demonio occulto na *vitrine,* vibratil, pequeno, vae-lhes mettendo á cara aquellas tentações. Ha *bournous* deliciosos d'arminhos, franjas, rendas, alamares; vestidos de recepção com damascos côr de oiro, teem nos pufs de renda branca pequeninas aves da China, que se anicham em *bouquets* de myosotis. Velludos e *failles,* sentindo-se cubiçados, erguem então a voz para cuspir desdenhosas palavras sobre os maltrapilhos que os não podem comprar. A fiada de *vitrines* prosegue abrazadoramente, e sempre o vibratil demonio convidando as pobres raparigas.—Mas quanto custa? quanto custa?

Cheias as mezas dos hoteis, rizadinhas de mulher nos gabinetes dos restaurants, thea-

tros que flammejam . . . E nas grandes ruas, sob a noite errante onde rolam trens forrados, *par-dessus* de golas erguidas, capuzes de seda sobre rostinhos de jaspe, globos de gaz, rumores de prazer, os estonteamentos são tantos, tamanhas as tentações, a febre de gosar tão furiosa e vermelha, que francamente, pequena mendiga, tu deves achar bem idiota a tua folha de vinha.

Depois lá em casa é tão porco!

Tres cubiculos para seis pessoas. Um travesseiro só para o repouso de seis cabeças. A mesma garfada a fazer trabalhar seis boccas. Por doze pés, quatro botas desencontradas. Então *Nana* revolta-se, diz que está farta, *que se raspa* . . . e em sapatos d'ourelo, por esses *boulevards,* vae sorrir aos estudantes.

—Emfim, dizia uma contando o seu romance á luz d'um grande copo d'aguardente: *uma pessoa não é de ferro!*

E não.

É, porém, bom dizer! — nem tudo são torpezas á roda das minhas janellas. Nas aguas

furtadas, por exemplo, ha um pé de junquilhos florindo n'um vaso de fayança verde, e uns poucos de canarios que debicam alface empoleirados nas grades das suas prisões.

Aqui ao lado, por um prodigio d'isolamento, móra a mais deliciosa visinha que póde offerecer-se um estudante poeta, modesto, com amores estranhos, habitos de trabalho, e phantasias delicadas como os *scherzos* de Massenet, os *ballets* de Lurli, e as melodias d'Ambroise Thomaz.

Casada, para mais casada. O que accrescenta um picante ao ineffavel prazer de a adorar — Ah, que adulterio chic se fazia d'alli!... Mesmo porque o marido é um pallido inexpressivo, bigode e mosca enquadrando-lhe os beiços n'umas divisas de furriel, sua luneta de tartaruga bem typica, elle muito obsequioso.

Em casa, todo ajoujado á mulhersinha, gosa o bem estar d'um rato dentro d'um queijo, esse amarellento. Indaguei — bom rapaz; quanto a dividas, deixa-as cahir em senilidade, para as matar depois, o ingrato, d'esquecimento. O ponto é que as não paga — que demonio! — quando se tem a mais

linda mulher, e umas lunetas de tartaruga!... Chama-se Aurora, ella. E ri muito, oh muito, como tem dentes bonitos, eguaes, meudinhos: por fórma que eu não sei, palavra de honra, se a louquinha ri por causa dos dentes, por minha causa, ou por causa do marido. N'uma epocha experimental, em que os nervos, responsaveis por quanto se faça, se deitam a explicar tudo que possa haver de mais inexplicavel—a cocega, os tacões tortos, a ideia do Immanente, e o estylo das gravatas côr de canario—seria já banalidade escrever d'aquelle sorriso: é uma nevrose. Que elle ha nevroses d'um preço!

Ponho em bateria, por captar-lhe as vistas, as mil arguciosas estrategias, jogos de scena e fosquinhas habeis, que tem a aranha para apanhar na teia uma d'aquellas inoffensivas moscas. Assim, faço-lhe versos, eu que nunca os faço. Canto-lhe bocados de Rossini, eu que detesto a escóla italiana. E me ponho á janella, copiando para o sentimental da attitude, velhas estampas da *Graziella* ou do *Raphael*—eu que já bati os romanticos.

Ella ri sempre o seu humido riso quasi espiritualisado na persistencia d'um habito, e remorde n'um momo a sua fina *bouche en coeur,* reminiscencia talvez de quando pequenina sugava a teta da ama. E que bom genio o seu!

Jámais pude ver-lhe nas diaphaneidades da testa uma ruga d'impaciencia, ou qualquer fulvo corisco d'ira nos seus olhos côr de charuto havano. Que o mundo viva, sossobre, delire ou soffra, ella irá sempre mostrando os seus dentinhos de neve na sua bocca de sangue. O mais que lhe importa? Passam por ella todas as cathegorias de homens, todos os typos, todas as estaturas, todas as côres de cabellos, todos os modelos de calças, talhes de barba e feitios de mãos.

Pois nenhuma d'estas coisas perturba a limpidez dos seus olhos. Simplicidade soberba de mulher honesta!

Tem por certo ou já teve, como todas as mulheres, as vehemencias de hysterica, os apetites criticos, dias de furia, necessidade d'uns braços viris que a cinjam ventre a ventre, de boccas cheirando a charuto que a beijem e percorram, todas as adorações flam-

mejantes do fatal amor que encurta as distancias, quebra as difficuldades, desnuda apparencias, e arremessa aos braços da culpa a divina nudez impeccavel da mulher mais digna.

Por isso me exaspera a sua tranquillidade, sem explicar o respeito que sinto ante essa abstenção calculada, que a faz parecer feliz junto d'um homem que a não satisfaz por certo. Á primeira vista a sua rigidez espanta, como a estatua d'um mausoleu. Depois o gelo funde ao clarão dos seus olhos allumiados por não sei que lampadario pagão — arfa-lhe no seio alguma coisa que tenta libertar-se ás estreitezas d'um carcere — e os dedos que dir-se-hiam tocados a pequenas convulsões d'impaciencia, rasgam d'instincto as bellas rendas de linho dos punhos. Não que eu ria das puras intenções do seu coração. Mas esse marido amarellento, obsequioso, com lunetas de tartaruga... Diabo! Diabo!

Pallida um quasi nada, toda a manhã que ella vae e vem, de janella em janella, aparando rozeiras, dando sol ás begonias e glo-

xinias, subindo stores e descendo, pondo e tirando *fichus* de todas as côres. A preguiçosa! Porque tem dilatadas as pupillas, os olhos parecem mais escuros, e esbatem-lhe nas olheiras umas sombrasinhas tenues côr de céu. Nitidos como esmaltes da China, os arcos das sobrancelhas convergem-lhe ao nariz n'aquella ideal delicadeza que se me afigura a momentos um prestigio de raça — e de palpebras descidas, narisito arrebitado, uma nuca adoravelmente frizada de cabellos claros, não se imagina como é espirituosa essa cabecinha de vento *á bec roze,* com o seu perfil de medalha, ligeira como um passaro, nervosa como um insecto d'agua, branca d'espuma, alada, radiosa e perfida — perfida como a onda, dizia o tragico!

Ouvi que os dois, ella e marido, permutavam de quando em quando scenasinhas de ciume, tão bem marcadas que até podiam passar por verdadeiras: ella por dar-lhe a illusão de que o adora, elle por persuadil-a que ainda tem forças para certas rapaziadas. Gracioso acto á Pailleron que ambos fingem acreditar!

Ella tem pelo marido a estima mais dedi-

cada, faz-lhe os pensos, encera-lhe os bigodes, inda que são sempre na testa os beijos que lhe dá.

A triste verdade é porém que o calor das febres d'elle, cheiros d'iode, que sei eu? um terror de o vêr dormir com lunetas de tartaruga, trazem pôres do sol ao seu coração impressionavel, melancholias, secretos nojos, um receio que a molestia se pegue . . .

A principio elle não gostava de a vêr sahir só. Lisboa é tão mal intencionada! E disse-lh'o com extremas cautellas, entre beijos, alli de joelhos aos seus pés, por não exacerbar-lhe o nervoso, ou vêr-lhe torcido o narisito arrebitado. Isto lhe valeu tempestades domesticas.—Por fim que tinha? Uma rapariga tão bem comportada! E sahindo tão poucas vezes. Vá lá.

—Mas fica sabendo que te seguirei sem tu desconfiares. Hum! Sou muito fino.

Qual segue! Qual é fino!—ella a voltar a esquina, elle a atirar-se sobre a cama, cançado, amargurado, infeliz, com dôres nos ossos, o figado cada vez mais gordo, e as malditas lunetas de tartaruga encavaladas na penca.

Vem decahindo a tarde. Por fórma que ha no céu, longe do occaso, tons de junquilho e madreperola d'uma frescura mimosa que a penumbra já quer embaciar. Vou seguindo a estranha *coquette* que saltita d'asfalto em asfalto, pára n'esta *vitrine*, entra a perguntar qualquer coisa nos livreiros, detem-se n'aquelle abrigo, volta, desapparece, volita, torna a vir, torna a voltar, alta, franzina, encostada á sua umbella de *faille* e rendas pretas, e com cabellos baixos sobre as orelhas, n'uma ondulação clara de loira. Gosto raro n'um simples vestuario que lhe molda os relevos do corpo sem falsificar a natureza ou faltar á verdade.

O seu chapéu é uma obra prima em velludo garrafa, com pluma bronze enroscada na copa, e uma garra de oiro que amachuca pela direita um poucochinho da aba. E nada mais distincto e novo, nada mais d'esta manhã que o seu *par-dessus* em cheviote grão pautado a vermelho, com azas que lhe encobrem os braços, e um fivellão que deixa cahir sobre a *tournure* um grande molho de fitas. Luvas de canhão molle, braceletes de prata fosca, o ar contricto de quem vae com-

metter um peccado . . . Mas admiravel o socego da sua face branca, fria, lisa, impassivel. Como esse marido deve ser feliz!

Já a noite desce, circula, enche os antros, apaga o rio, confunde montanhas e bairros. E cada vez mais ella se afasta dos turbilhões populosos, das grandes ruas em tumulto, onde o vicio esbandalha as suas insolencias, e por quatro mulheres que passam, duas téem os olhos pintados e uma nota aviltante. Os passitos d'ella, quasi espirituosos, regulares em começo, hesitam agora n'um *tic-tic* de tacões imperceptiveis, e fazem grandes rodeios, parecendo tocados de monomania espiral.

Por vêzes, na sombra dos velhos edificios, ao voltar corcovos de rua, eu sinto que ella volta os olhos de repente, a vêr se é seguida. Depois atravessa o *square* meditabunda, por baixo de pimenteiras e chorões. Um militar convida-a; dois ou tres vultos acotovelam-na tossindo; ha mesmo um que por momentos delibera acompanhal-a . . . E a minha agitação centuplica!

Então vejo-a entrar n'uma ruella tenebrosa, ao fundo ha um sinistro pateo, casebres

pardos, perfis espectraes, mansardas onde se pragueja forte, gatos na lama, e um velho latoeiro trabalhando á luz fumosa do petroleo. É pois certo?—Desappareceu por uma escada, ás escuras, sem ruido.

Breve se aclara um store branco por traz de não sei qual miseravel vidraça. Depois, não vão dizer, hein?—uma *silhouette* ondulosa de mulher, toda negra na brancura do store, estende dois braços; outros dois agarram-na pela cinta, estreitam-na, fogem com ella para fóra do transparente. Ouço cahir um movel...

Fóra de chalaça. Sempre tive agoiro com lunetas de tartaruga!

AMOR DE VELHOS

Devo dizer-lhes que Carlinhos era um petulante de buço preto e olhos claros, cheio de vivacidades com raparigas, prompto a rir, delgadito e forte, tendo pelos actos de bravura uma quasi religião.

Compensavam-se n'elle certas delicadezas de femea que tinha — brancuras de mãos, flexibilidades de cinta, uma doçura de feições, e a graça ondulosa dos que adolescem sem cuidados nem represalias paternas — com os primeiros esboços d'essa energia tenaz, inquebrantavel, leviana e generosa, que ainda agora é tradicção em

certas raças da provincia, e guarda fama de povoado em povoado. A escóla fôra-lhe um pretexto de troça, onde esse incorrigivel tinha posto em debandada a austeridade classica dos mestres. E como as primeiras desordens do sangue, ensaiavam pelo campo da aventura as suas sortidas, não havia mezada que chegasse, nem horas para folhear as lições. De mais, a sua impetuosidade fisica, que explendia côr e frescuras de saude, pouco dava á vida cerebral; voltou á aldeia sem curso, elançado de figura, tendo as olheiras symptomaticas do amor esbanjado, com uma arte especial para surprehender as mulheres, e predilecções decididas por quanto fosse prazer.

A fortuna da familia fazia-o no sitio uma especie de menino d'oiro, sagrado e querido; desculpavam-lhe as audacias, tinha entrada em todos os lares, e quando nas romagens o seu cavallo piaffava nos adros das ermidas, ou a galope ia cortando a chafra-nafra das feiras, as raparigas deslumbradas achavam-no bello como um deus, e fugiam com elle, mandando á fava os namorados. Realmente, ninguem achava extraordinarias taes coisas.

O que as velhas então faziam era ter saudades do pae, rico grão-senhor de herdades e quintas, destemido, brilhante, alegre, aventureiro, que ainda em vesperas de morrer tinha raptado a lavradora das Lages—aquella russa magnifica de carnação, que tinha o ar d'uma grossa madona eborense.

Carlinhos mesmo, era filho do amor, vindo não se sabia d'onde, amor d'acaso, satisfeito n'alguma arribana de granja, ou arredado logarejo entre serras e moinhos. O certo era que dias depois de haverem enterrado no velho cemiterio, a filha que ao rico homem restava da esposa legitima, entrara aquelle com um pequenito pela mão, e junto da esposa, sem palavra, tinha-lhe deposto no regaço aquella miniatura do Carlinhos pequeno, a mais fresca e divina que era possivel sonhar. A pobre que se via sem descendencia, já não estava em edade de ter filhos; resignada ás traições do marido, e ennobrecida d'esse grande orgulho benevolo e senhoril, que ainda na provincia revelam as antigas familias, acceitára o *bambino* sem cousa alguma perguntar. Além de que, adoptando a creança, assegurava-se herdeiro á casa, e os

filhos do irmão de seu marido não participariam ceitil na grande fortuna do casal. Ah, mas essa adopção tinha dado a mulheres sem marido, frenesis bruscos de contagio, e muitas creanças appareceram dizendo-se irmãs de Carlinhos. Talvez calumnias forjadas pela *outra* familia, inda que, falando sério, não faltassem a taes pretensões, signaes de verosimilhança.

Tanto os da Oriolla, que assim era conhecida a familia do Carlinhos; como os da Torre, que assim nomeavam a casa do tio adversario—eram fortunas de respeito e gente de poderio. Os primeiros tinham o maior nucleo da propriedade de redor da Oriolla, aldeia perdida entre carvalhaes e sobreiras; os segundos faziam séde de governo proximo a S. Mathias, outra aldeia nos valles de Beja. Uns tinham cabellos pretos, alta estatura fina, nariz direito, olhos claros, e uma côr fulva de pelle, nuançada em deliciosos *duvets;* eram da Oriolla. Mas outros insculpiam-se herculeos e loiros, nariz recurvo, dentes carniceiros, barba rara, e os olhos singularmente obliquos contra um nariz que

arfava com destrezas de hispano-arabes; eram da Torre.

Pois extraordinaria bizarria! Dos trinta annos para baixo, toda a Oriolla copiava o typo do pae de Carlinhos; e acontecia o mesmo em S. Mathias, a respeito do typo loiro da Torre. Nas terras de roda, estas coincidencias faziam riso, inda que se explicassem com honra, aqui para nós. Os da Oriolla davam pão á sua aldeia, como os da Torre a S. Mathias. Lá vinha o proverbio — mesmo pão, mesmas feições.

Ora cada qual d'estas familias rivaes — e nunca pude saber porque rivaes, ciumes talvez d'uma herança mal repartida, ambições de voga entre os povoados, eleições renhidas n'algum anno de mais gastos, emfim, qualquer pequenino attricto d'esta natureza ou d'outra, onde o orgulho dos senhores ruraes, tão vehemente e meticuloso, faisca incendios e intimas assolações — cada qual d'estas familias, não passava dia sem discutir, com uma rica metralha de descomposturas, o viver da outra. Em torno d'estes odios inter-

familiares, tinham-se formado mesmo pequenas côrtes feitas de figurinhas insipidas de proprietarios, mulheritas beatas e maldizentes na sua dentuça podre, com poucos meios e grandes deslumbramentos pelas pratas de casa rica, sabendo as mesmas historias e queixando-se dos mesmos flatos, levando e trazendo recadinhos, segredinhos, pequeninos fetidos d'intriga, em preço do chá com doce que pelos serões lhes serviam, e da quasi familiaridade que em publico, esses senhores de terreola lhes dispensavam. Na Oriolla sabia-se por exemplo dos vestidos da prima Dora, o que tocava no piano, e quem estivera a jantar nos dias d'annos.

—Diz que houve balancé até de manhã.

E da cortiça exportada para Inglaterra, lã que vendiam os da Torre; e rebanhos, vaccas, porcos, cavallos, poldras . . .

—Tão maus, que elevaram o preço dos carneiros, só para prejudicar os lavradores somenos. E os porcos d'elles não prestam, carne de cão, mais dura ! . . .

Cada viajata de Dora na estação de banhos, cada mez d'opera em Lisboa, no inverno; as primaveras com o pae pela Anda-

luzia, no Algarve, ou em Marrocos e Gibraltar, para espreitar o dolente azul do Mediterraneo das artilhadas escarpas inglezas, eram motivo de censura na casa da Oriolla, e surdas profecias de ruina eminente. As mulheritas vinham aos serões com seus maridos, trazer o que sabiam da Torre, inventar quando não havia que trazer, e a mãe de Carlinhos commentava os varios casos entre velhas creadas que a tinham acalentado, velhinhas que davam tu á sua dona, enroscando-se-lhe aos pés com sonolencias de gatas fugidas ao serviço. Mas desgraçadas visitas que ousavam julgar deante da rica viuva, o proceder da sobrinha ou do cunhado — que tombadas em graça, nunca mais lhe viam os dentes e provavam o doce!

Ella só, viuva de Fernando Zarco, podia discutir os desvarios de seus parentes; o resto contava sem commentarios o que ouvia por fóra, ou ia escutando o que ella dizia sem retrucar jámais; aliás... Na Torre, exasperação identica a respeito da Oriolla, não havendo serão que as estroinices do primo não fossem esmiuçadas, exageradas e discutidas. Carlinhos não tinha pae, Dora

não tinha mãe. Mas toda orgulhosa do seu reino domestico, da riqueza e alta educação que recebera, tambem ella punha em torno de si uma pequenina côrte dulcerosa e servil. Era mais nova que o primo, e a sua belleza de loira, magnifica e alta, toda fresca em batas d'estofo exotico, deliciosa de cabellos e mãos, e com ares d'inaccessivel castellã, fazia d'ella a musa do districto, e a paixão de quantos gordos filhos de casa opulenta, batiam por feiras e lavouras em grande. Viam-se os dois muitas vezes, Carlinhos e Dora, casualmente, nas festas de Beja, em praias de banhos, e por Lisboa, onde até acontecia ficarem no mesmo hotel. O pae de Dora, Manoel Zarco, fingia não dar pelo sobrinho, o *engeitado*, como elle dizia na sua brutalidade morgadia. Os rapazes, porém, é que se iam mirando ás furtadellas, sem querer saber das caturrices do velho. Carlinhos, tão ruidoso e leviano por onde quer andasse, ficava sério e perturbado sob esses rapidos encontros com Dora, e os seus olhos claros esmaltavam profundezas ardentes, e melancolias de quem fica a scismar. Porque em verdade, mulher alguma podia equiparar-se

a Dora, pela nobreza do seu typo, maneiras, vestuario, contos de fortuna e altivez de familia. Os bem informados n'isto d'interesses e allianças possiveis ou premeditadas, não viam por essa área toda do districto, um cazamento á altura de Dora, a menos que essa orgulhosa descesse, o que todos diziam não ser provavel. Apenas um noivo a merecia bem: Carlinhos.

—Esse, opinavam as terras circumvisinhas, quando as gallinhas tiverem dentes...

Precisamente esse dia, S. Mathias suspendera os trabalhos do campo em signal de festa; os das herdades tinham vindo com os seus cajados e as rudes botas altas de coiro branco; rolávam bailaricos por todas as casas; e no terreiro da igreja, ás portas das vendas, no balcão da escóla regia, embocadas das ruas, por aqui e por alli, os camponezes em ranchos, fato novo, ruborencias de vinho no queimor da face, havia mais de tres horas que aguardavam a boda. Os campos n'esses meados de junho, tinham primeiros doirados do trigo maduro, ondulante e farto,

que a aura por zonas encama n'uma saudação graciosa; por um lado e outro, entre gavelas arrepeladas sem ordem e remoinhos desflorados de messe, ria o escarlate das papoulas; e como tinham vindo as cigarras, ruidos de cega-rega trocavam alertas d'arvore em arvore, á medida que ia avançando o verão. Entanto inda as noites eram frias, e o orvalho da manhã perlava nas folhas secretas lagrimas d'amor trahido; corria mesmo agua por alvercas e ribeiros, fria, salobra das terras atravessadas, dando erectos viços ás junças e mentrastes das ribanceiras. Microscopicamente, as vinhas iam esboçando cachos, entre pampanos pisados d'amarello e vermelho ferrugem, começavam os perdigotos, as rolas tinham chegado d'uma aspera migração — e desconfio que os melros, casados de fresco, fazendo musica de opereta entre os murmurios das cannas e silvados, arredondavam já os seus ninhos, á espera da petizada. N'essa grande paz bucolica, a alma abraçava simples ideaes de ventura, nua d'ambições desordenadas e volupias lividas, e na doçura de palpitar entre aromas silvestres, ia voando em cata de amores delicados e mansos

idyllios, pelas veredas onde as condoidas espigas se curvavam, a depôr nos regaços, as esmolinhas do primeiro trigo em sasão. De longe, a aldeia era encantadora d'alegria e brancura. Nas colinas de roda, empoleiradas ermidas vigiavam por ella dia e noite; Deus foragido pela descrença das cidades, andava por alli talvez na estatura d'algum velho mendigo de fallas doces e resignada humildade; e pela noite, quando os rebanhos vagorosos seguiam para os curraes, esse cantinho rustico tinha scenas d'uma graça innocente, pastores e pastoras ajoelhando ao toque do sino para dizer o *angelus*, risos de ganhões pelas devesas, cantigas que se apagavam nas corcovas do caminho, emfim, quanto entretece a elegia plangente do morrer do sol. Esse dia cazava-se o Carlinhos com a prima Dora, e as duas cazas fortes do districto, tantos annos separadas por odios, iam emfim restaurar-se na boa cordealidade, por esse laço dos primogenitos.

Imagine-se o espanto que um tão inesperado successo derramou por toda a provin-

cia, conhecidas as desavenças dos Zarcos, desde tanto apregoadas. Mas assim como tinham ficado na sombra os motivos de apartamento, assim incognitas ficaram as molas intimas da nova amizade entre as duas cazas. Evidente, que o principal motivo de ligação era o cazamento dos rapazes; isso não bastava entretanto; outras secretas ponderações deviam ter influido; e essas, quaes? Porque emfim, era conhecida a indole orgulhosa e tenaz da viuva; as suas phrases sobre o cunhado citavam-se em modelo d'altivez varonil e decidida independencia; e por seu lado, o da Torre não a poupava tambem. Nem uma só vez Dora tinha falado com sua tia; creancita ainda, succedera encontral-a não sei que de vezes; os olhos pretos da viuva detinham-se um momento na bebé, e desviavam-se logo sem rastro d'affecto. Verdade é que Zarco guardava identicas reservas sobre Carlinhos, e referindo-se a elle punha sempre palavras crueis, marau, vadio, o filho d'aquella... Subitamente, eis que iam cazar! Jámais por aquellas redondezas se tinha dado coisa parecida.

—Vamos nós agora a vêr, se a da Oriolla

virá dormir á Torre! diziam muito interessadas, das suas soleiras, as gordas comadres de S. Mathias. A mór parte nem tal acreditaria, mesmo vendo. E as apostas começaram.

—A vêr como dorme! — Apostar em como não dorme!

A camarilha de Manuel Zarco arengava com sobranceria, entre os grupos mais impacientes:

—Afinal, quem se humilha são os da Oriolla. É bom saber.

E alli a Fevronia, toda preponderante, meia azul e sapato roto, batia palmas n'uma loucura, dizendo por todas as cazas:

—Quem viver tem muito que contar, não haja duvida.

Foi n'este marulhar d'opiniões que um forte rumor de sege alvorotou a aldeia, e emquanto rapazes descalços corriam, cães ladravam, e cabeças de mulher vinham ás portas espreitar avidamente, os trens da Oriolla romperam a grande passo pela rua larga, vindo topar alfim nas escaleiras do adro. Este caso foi muito falado, e ainda se pasma da magestade com que se apeou a viuva da sua

grande berlinda estofada a cazimira perola, com grandes fivelões e lanternas de prata insculpida. Tinha-se chegado muito povo a ver, as janellas todas guarnecidas de madamas, e o mordomo da senhora viuva, gordalhudo e com uma expressão presidencial, desenrolou um rico tapete amarello e branco, desde o estribo até aos portaes do templo; os creados da taboa tinham-se erguido e descoberto; e n'isto Manuel Zarco com um riso amarello, todo curvado de obsequios, sahira a receber sua cunhada — e a medo, todos repararam, offerecera-lhe a mão para saltar. Diz que ella nem o encarou, e foi sósinha pelo tapete fóra, de cabeça alta, um dos braços pendentes, e a cauda do seu vestido de damasco negro roçagava que parecia mesmo da senhora rainha. Carlinhos ia atraz, um pouco deslocado na casaca de noivo, porque em verdade ia-lhe melhor a jaqueta e o chapeu largo. E fechavam cortejo as velhitas que tinham embalado a viuva, ambas de roxo, ajoujadas, chapeus profusos violetas, e mitenes de renda onde as suas velhas mãos boiavam carcomidas. Junto ao altar tinham posto uma grande poltrona em setim rutilan-

te, flôrdelisado a ouro velho, onde a viuva se assentou sem mais cerimonia; e todos em pé serviam-lhe de côrte, com passadinhas respeitosas e pequenas venias cheias d'uncção. Apoiado á espalda da poltrona, velho Zarco mastigava demoradamente as palavras com o seu modo sonolento, sifflando os *ss* de quando em quando, e ella sem dar attenção, um momo altivo de labio, entretinha-se a esfolhar com o seu pé de fidalga, rozas brancas espalhadas na alcatifa.

Embalde o da Torre lhe fez notar que melhor seria assignarem as escripturas em caza d'elle, como era natural; até ficava alli perto, no largo.—V. exc.ª descançaria um pouco nos quartos de minha filha...

—Meu cunhado, não me sinto fatigada; assignaremos isso no gabinete do prior, onde quer que seja, mas sem arredar pé da igreja, que é caza de todos. E a proposito, disse ella tirando o relogio, é a hora, duas e meia. Janto ás seis, e o caminho é longo.

O da Torre ia sahir, a viuva tinha-se erguido sem reparar na impressão que estavam fazendo os seus cortantes modos de dizer. Zarco deixou-se caminhar ao lado d'ella, foi-

lhe lembrando com voz mansa que os velhos rancores deviam acabar com aquelle enlace dos filhos: tudo afinal se esquece.

—Tudo não! disse ella bruscamente. E proseguiu: podem cazar, podem cazar. Carlinhos além de tudo, não é meu filho, aliás tinha-lhe prohibido esta alliança, meu cunhado!

—V. exc.ª é então muito orgulhosa, notou Zarco despeitado d'aquelle tom.

—Crê isso? disse a viuva abrindo o grande leque d'oiro e plumas, que reluzia n'uma polvilhação de pequeninas pedras. E n'um accento intimativo: sabe, meu cunhado, que seu irmão era homem para o ter morto, se acaso tem vindo a saber . . . Porque francamente, disse ella com os dentes cerrados, rigida e faiscante nos seus damascos negros, francamente, é desprezivel, o senhor! Tenho ainda nos pulsos signaes das suas unhas. Adoro o Carlinhos, creia—eis porque ás vezes me aterro da mulher que elle escolheu. Meu Deus, se essa creaturinha sahir ao pae!

Os dentes do velho rangeram — porque não cazou então comigo? disse elle com frenesis na raiz dos cabellos.

A viuva riu-lhe na cara.

—Eu? Eu? Ora, meu cunhado!

Fez dois passos na alcatifa, quebrando n'uma crispatura electrica e larga, a enorme cauda applicada de rendas antigas, ao tempo que os dedos de Zarco rasgavam convulsivamente a luva descalça de rompante. Ambos trahiam colera nos *zig-zagues* que faziam, marchando. Os olhos ainda magnificos da viuva procuravam o da Torre, phosphorentes d'ameaça. E o velho, como quem não acha outro caminho para fugir:

—Emfim, desmancha-se este cazamento, se quer.

—Não, já agora, elles desgraçadamente adoram-se; Carlinhos mostrou-me as cartas, amor de muitos annos, inda elles eram pequeninos... Deus sabe se o senhor mesmo os approximou... E subia-lhe a voz em graves dramaticos, com vibrações de metal. Mas meu cunhado, acautele-se! Sua filha vae commigo, voltal-a-hei contra o senhor.

—Oh, disse elle n'um tom d'escarneo, experimente.

—Pois veremos.

—Vou buscal-a, resumiu elle transtorna-

do, curvando-se.—E muito baixo, querendo dominal-a: que inimigo horrivel eu tinha, se a senhora fosse um homem!

—Matava-o, respondeu ella estendendo o punho n'um gesto de Rachel. E ajuntou a rir: tão certo!...

Carlinhos vinha para elles, já o velho Zarco se affastava. E vendo-o no seu ar de cavalheiro, estatura alta, um fulvo esplendido na pelle, e a bocca firme nos cantos sob a velludagem do buço, quasi innocente na graça leal do sorriso, esse rir da viuva correndo imperceptiveis *nuances,* foi-se gradualmente adoçando, enternecendo, perfumando, como um licor que se evola, entornado, de modo que era divino quando Carlinhos femininamente, lhe deu a testa a beijar. Ella então, sem se importar, attrahiu-o a si n'uma paixão de leôa, como se nunca mais se vissem, e dizia-lhe coisas a chorar, a beijal-o furiosamente, e estreitava-o com impetos d'abandonada, que se fica nos occasos da vida, sem mais ninguem que amar.—Fosses das minhas entranhas, não te queria mais que te quero! E essa maldita, ha-de expulsar-me do teu coração.—Elle queria contel-a, quasi

envergonhado de os estarem olhando á roda, jurava-lhe, promettia tudo n'um precipitar de palavras meigas. E á flôr da abobada núa e branca da igreja, andorinhas corriam chilreando, filhos e mães que inda não tinham migrado, e demoravam residencia no calor dos velhos ninhos patriarchaes.

N'isto, fez-se um grande rumor, que alastrado, mais e mais confuso, por todas as ruelas ia pondo as gentes de sobreaviso. Viram-se rapazes e mulheres correndo ás esquinas que affrontavam com o largo; janellas que abertas de chofre inchavam de gentio com fatos de gala; grupos freneticos buscando posição de vêr melhor; e de repente, quando a orchestra de Beja entrou a choramingar uma symphonia no côro, ondas de familia romperam na portada sem guardavento, invadindo as capellas, enchendo a nave, e querendo forçar a balaustrada carunchosa do sanctuario. Jámais S. Mathias tinha visto coisa egual, nem quando D. Pedro v fôra a Beja — e francamente, de logo perdeu a esperança de tornar a gozar outra grandeza assim

de boda. A casa da Torre era no largo, grande, pesada, singular, com esquinas de granito negro, onde os escudos postos ao travez esculpiam complicados symbolos de nobreza, leões com azas, metade d'um cavalleiro armado de lança e capacete, Nossa Senhora dentro d'uma torre, cabeças de moiro n'um molho, e só aguias eram algumas tres. Sobre os portões de columnellos gastos, com argolas de bronze para prender as bestas, e portas de carvalho com magnifica pompa de ferrarias damasquinadas, esses brazões repetiam-se mutilados; no fundo do pateo aberto, d'um sabor arabe, e com arcos á volta cobertos de hera, via-se a ampla escadaria de corrimões de bronze, alcatifada de fresco e cheia de vasos decorativos; um velho cipreste lhe fazia sentinella, hirto á beira d'um poço octogono, todo em altos relevos de pedra musgosa — e em cazotas, acorrentados, inquietos, dois grandes mastins abriam sobre quem chegava, o duro olhar sanguinolento. Na fachada cá fóra, a correnteza de janellas senhoriaes, fria de butareus e cimalhas onde os estorninhos gritavam, deixava pender ricamente sobre as velhas sacadas, preciosas

colchas hereditarias, amarellas com grandes passaros em lhamas de prata, azul pallido n'uma loucura de mandarins e pagodes, ou d'altos relevos brancos, verdes, escarlates, sobre foscos de oiro indiano onde as grossas franjas luziam. Pois d'essa caza severa, vomitara subito um cortejo bizarro de noivado —á frente vinham os figurões de Beja em grande *mise*, ricaços das terras proximas que tinham chegado nas suas seges, velhos amigos de Zarco, lavradores, funccionarios, ultimos parentes da familia... E rodeavam o da Torre, todo pallido na sua grande barba, que levava a filha pelo braço como uma grande musa germanica, alta, pudica, explendidamente branca e vaporosa n'um veu que lhe cahia aos pés. Fez bulha na aldeia o senhor coronel do 17 com as suas medalhas ao peito, e um velho general de metro e vinte cinco, gesticulando para a direita e para a esquerda, que mirava as femeas lampeiro como um galo, ao pé do vigario capitular, que mui dulceroso e beato, afiara o ventre em tres dias d'abstinencia, sonhando as delicias do *copo d'agua*. Seguiam damas paramentadas de oiro e plumachos, luvas

chinfrins de dois botões, pulsos eticos chincalhando braceletes, estrepitosas em sedas de côr terrivel; e disse uma d'ellas para a outra, que seguia ao lado, mortificada sob o peso da cuia — quem está mesmo um cangalho é a Sardinha. Esta coisa causou grande pasmo; estar a Sardinha um cangalho! Hi!... Muitas, aglomerando-se em trouxa, discutiam. E gabou-se a morgada das Palmas, uma negra de cabello corredio, labio gretado, secca e presumida, que de chapeu branco e vestido verde, fazia pensar n'um grande molho de nabos. Depois as creadas, sinceras raparigas que choravam — isto deu pena em S. Mathias — e quasi em braços no meio d'ellas, uma velhita em seda preta, pequenina como uma creança, muito tremula, curvada sobre o ventre, levava um ramo de rozas brancas, e o leque da noiva, abanando n'um triste ar resignado, a sua cabeça branca d'octogenaria. A aldeia estava toda no largo a essa hora, gente das lavoiras de roda, uma chafra-nafra de mulheres e homens que se rasgava e bipartia, ao passar o acompanhamento. A cada passo, pequeninos lances detinham a procissão bruscamente, e

viam-se as raparigas sahir dos ranchos, tostadas, fortes, rindo com soberbas dentaduras, cabellos côr de trigo maduro remoinhando em serpente ao alto das cabeças . . .

—Com sua licença—e deitavam flôres sobre a herdeira, commovidas, um ar de filhas de burgo medieval. Á porta da igreja, o Carlinhos estava entre os seus, crescia a turba embatendo-se; e por traz a viuva muito pallida, tinha os vagos olhos das frias estatuas antigas, inertes, dilatados d'insomnia, e como perscrutando ao longe os tempos em que inda não eram de pedra, e uma vida lhes circulava e ria no albor dos membros nús. Deu-se então no Zarco e na viuva ao mesmo tempo, um calafrio de ciume, quando os noivos se encontraram com a mesma flamma nos olhos; e os dois perceberam que iam ficar de mais n'esse idyllio de creanças absortas uma na outra, que esquecidas de tudo, iam de mãos dadas pela igreja fóra. N'essas tropegas edades d'amor egoista, em que os filhos são o calor, o orgulho, o motivo de viver—o choque d'ambos percebendo que se lhes tinha acabado o imperio sobre essas adoradas creaturas, foi tão fulminante, que se

deixaram ficar atraz, no meio da turba, com vagares de fundo desalento, ella direita, sem desmanchar a estatura soberba, derrubado elle, pacifico, apagado, enorme como um elefante, e sem dar uma palavra para não desatar alli em soluços, trespassado dos primeiros regelos do abandono. Cortando por entre a gente, ouvia por toda a banda humildes palavras de conforto e piedade; velhas mães que o encaravam, lacrimejantes, attentando-lhe na face descahida — vae ficar só n'aquella casa tamanha, coitadinho do amo Zarco, ha-de-lhe custar. Isto de filhos!

—E são os da Oriolla que levam a nossa menina! Abaixar-se o amo . . .

Porque todos os subditos sabiam já da capitulação deshonrosa d'esse velho rei de charnecas e montados; umas poucas de palavras colhidas na altercação com a viuva, serviram de base a toda a sorte de commentario e parlenda sobre o casamento; pintava-se e repintava-se de grupo em grupo, a expressão terrivel da viuva falando a seu cunhado, palavras cruas ditas por ella, *acautele-se, acautele-se, levo-a commigo,* e outras muitas; e o amo Zarco, todo enfiado, alli a ouvir, a rezar

desculpas, a fazer-lhe venias, c'os diabos— nem que comesse os sobejos d'aquella magana!

—Fosse commigo, fazia cada qual em grandes quizilias.

—Ai, argumentavam muitos, os pachorrentos, é o que se vê hoje em dia.

—Tão má, filhos, que nem as escripturas quiz assignar em casa do cunhado.

—Inda assim não entalasse o rabo, figurona!

Mas depois de longas conjecturas, recapitulando, toda a gente acabava por dizer que andava alli o quer que fosse. Olá, se andava!

No gabinete do parocho tinham posto uma grande meza, e em roda bancos negros da confraria das Almas, para os convidados se assentarem. Era uma casa verdenta de paredes, com fendas ao travez na abobada, pintada de frescos mais que barbarengos; e por um buraco de cima passava a corda da sineta, que desde que se rachara o sino, servia para chamar á missa a freguezia. Ao fundo, pesava um grande armario de carvalho

negro com espelhos de metal que verdejavam, e paineis de santos esburacados á navalha, cahiam aqui e além, emmoldurados em talhas carcomidas. Uma luz de cava vinha de cima, por uma janella sem portas, onde se cruzavam varões de ferro. Como a casa era estreita, apenas foram á leitura do contracto, os intimos amigos ou personagens de peso. E o tabellião Mathias, homensarrão com uma cabecinha humoristica de japonico, estimavel e estupido, principiou com um falsete nos fins de cada periodo, a lêr as escripturas, circumvagando a cada clausula os seus olhitos por cima d'umas olheiras papo-sas, onde as bexigas tinham picado covinhas de sombra.

« . . . e mais dou á dita minha filha Dora Victorina Maria de Souza Alvim Mexia Zarco da Cunha Menezes . . . as herdades denominadas da Cova, das Sesmarias, da Chaminé, e Córtes, tanto Grandes como Pequenas, com seus montes, gados, arvoredos, dependencias e serventias, a partir do dia em que desposar o dito seu primo Carlos; e mais lhe faço doação de todas as minhas lavoiras do Guadiana, que vão entre os moinhos da Coi-

tada e a minha quinta de Vale de Borrucho, constando de doze herdades seguidas, partindo d'uma banda com o Guadiana, da outra com a estrada de Moira, da outra . . . »

E aqui Mathias foi obrigado a parar, porque um borborinho d'espanto se levantara entre os convidados. — Que? Dava tudo aquillo á filha? As lavoiras do Guadiana, o melhor trecho de propriedade do Baixo Alemtejo? Mas endoidecera, esse homem, com certeza! Despir-se para enriquecer o genro! Thomé dos Panascos, que trouxera arrendadas muitas terras da Torre, e passava pelo melhor avaliador da cercania, punha as mãos na cabeça com uma face attonita e consternada. Jesus! Não contente de humilhar-se ante a viuva, inda em cima lhe cobria o filho de oiro. Mas é que ia ficar arrasado! Dar á filha mais de seiscentos contos, sem restricções, sem condições, sem cautelas... E Thomé foi junto do seu velho amigo, e disfarçadamente, puchando-lhe a manga:

—Olha que te arrependes, Manoel. Que é que te fica para viver?

O da Torre encolheu os hombros.

—Desgostos, fez elle baixo, e disse ao tabellião para continuar.

—«E outro sim lhe entrego toda a plantação de vinha e olival, que possuo livre e isenta, no sitio das Barrocas, freguezia de S. Pedro de Portel, cerca de quatrocentos milheiros de cepa e tres mil pés de oliveira . . .»

—Meu pae, balbuciou Dora, avançando para o velho que estava junto da banca, ennovelando a barba n'um movimento calmo.

—Vá, Mathias, depressa! ordenou elle, emquanto cada vez mais, n'um phrenesi crescente, os convidados se acotovellavam e comprimiam, não querendo acreditar no que lhes fôra lido. O tabellião ennumerou o que restava d'uma fortuna rural cedida em dote, moinhos, hortas, ferragiaes, montados de retalho, ruas inteiras da aldeia; tudo que Zarco possuia, bom e mau, pequeno e grande, tudo dava a sua filha com a mais generosa confiança.

—Mathias, disse ainda o velho Zarco, falta a casa da minha residencia, o quintalão e as abegoarias. Accrescente que a contar de hoje, lh'os dou tambem. — E voltado para a

cunhada, com a sua face radiante d'altivez fidalga, fingia não sentir as murmurações de roda. Fóra, na igreja, no adro, no largo, por essas casas todas da aldeia, já se contava que o amo Zarco estava doido, e peor ainda, ia ficar ás sopas da filha. Dera-lhe tudo, sem acautelar a sua rica subsistencia, o seu vestuario, o seu sequito. E uma hesitação quebrava agora em facções a gentana: á piedade, succedera nos ganhões o fatigante receio de serem despedidos da casa pelos amos novos. Zarco descia—quando um tocante episodio deu nos espiritos a nota mais viva da emoção. Foi a leitura, do que a pequena velha que levava o ramo de rosas e o leque, dava á sua menina. Mathias, elle mesmo commovido, ia dizendo: . . . umas contas de oiro com imagem de Nossa Senhora da Conceição, a sua capoteira de velludo verde, duzentos dobrões em oiro n'uma bolsa vermelha, a tapada da Vanga . . . .

Dos bellos olhos pudicos de Dora saltaram lagrimas por baixo do véu; nos proprios olhos de Carlinhos faiscavam pontos humidos; de redor, nas gentes, faziam-se monosyllabos ternos; mas toda radiante de ser o

alvo, correndo a assembleia com a sua cabeça tremula, a velhita exclamou:

—Esperem, esperem...—e para Mathias, muito ruidosa nas suas sedas pretas—leia lá!

—«... com a expressa condição de residir seis mezes do anno em casa de seu pae, durante nove annos, ou em logar d'ella, algum dos seus filhos, caso seja fecundo o casal.»

—Ouviste bem? redarguiu ella sensibilisada, abraçando-se a Dora, e a sua cabeça dava pela cintura da noiva. É que não queremos ficar abandonados, nem eu, nem teu pae, e a nossa casa.—O que fez com que o dos Panascos fosse dizer baixo a Manoel Zarco:

—A velhota teve mais juizo que tu. Emfim, lá estou, se um dia... É como se fosse tua a casa, Manoel, bem sabes.

Chegou então a vez de se saber o que dava ao Carlinhos a senhora viuva. Mathias começou com a voz gordurosa, e para ouvir, inda os convidados se apertavam mais. Era quasi uma replica da viuva, á arrogancia com que o da Torre amontoara riquezas aos pés da filha. Foi longa a lista, novas herdades iam passando, arribanas, laranjaes,

vinhedos, joias, louças, palacios, rebanhos, cazebres, trens... D'esta vez quem se espantava era a Oriolla; e por seu turno a viuva ficou nua.

Processionalmente então, e á medida que iam firmando o contracto, como a ceremonia findava, em reverencias de vassallos ante uma grande potencia, passavam os convidados deante dos noivos, com sorrisos de grande gala, alguma graça estudada, dando parabens com ares cavalheiros, demorando-se a affirmar esta ou aquella intimidade, na adoração dos mil e setecentos contos de dote. As mulheres sobretudo, cercavam Dora de pequenas ternuras ridiculas, beijos muito repenicados, segredinhos entre risadas. A morgada das Palmas fez-lhes prometter que a iriam visitar ao seu monte de residencia; o general citou alguma coisa no gosto bocagiano; velhos lavradores que tinham trazido ao colo Carlinhos e Dora, de palpebra humida davam-lhes conselhos, descançando-lhes no hombro as suas grossas mãos de trabalho. E n'uma avidez, sempre de longe, a viuva contemplava a sobrinha idealisada no meio

dos tules, como uma grande figura de legenda.

Quando viu menos gente no gabinete, Zarco foi apresentar Dora a sua cunhada; a recepção foi quasi affectuosa, abalada a viuva como estava, pela grande batalha de generosidade que momentos antes ferira com o da Torre. Foi quando Dora levantou para beijar a tia pela primeira vez, o grande véu de noiva em que vinha envolta. Essa belleza senhoril d'uma soberba esculptura, que a viuva nunca podera contemplar em plena efflorescencia, pareceu feril-a com o seu esplendor de pureza e brancura, porque se poz muito pallida, apenas o véu de Dora se erguera. E muito tempo ainda, considerava sem falar, a sobrinha. Em volta, nas gentes da Oriolla, o mesmo fremito de surpreza pozera murmurios de labio em labio. As velhas aias tinham corrido a Dora, e soluçavam. E a viuva de mãos no peito, como sustendo-lhe o frenetico pulsar, reconhecia por verdadeiro o que varias vezes lhe chegara aos ouvidos, vagamente, como uma opinião sem força — isto é, que Dora era o retrato vivo d'aquella sua querida filha, tão meigamente loira e tão

formosa, unica creatura que ella amara no casamento, e pela qual mesmo tinha chegado a aborrecer menos o marido; Laura emfim, a sua pobre creança, morta com vinte annos, pouco antes da adopção do Carlinhos.

Evocação da unica memoria que ainda hoje a fazia toda vibrar, esta resurreição em Dora, da celeste creatura nascida das suas entranhas, exacerbando angustias passadas, acordaram na viuva de Fernando Zarco, menos asperos propositos de conducta. E voava-lhe a idéa pelas lembranças já longinquas dos seus primeiros tempos de esposa, aos dezaseis annos, quando por cubiça do pae, uma vez acordara no leito do lavrador da Oriolla.

Seis annos de infecundidade tinham assignalado depois melhor essa frieza d'esposos, que quasi nem se haviam conhecido. Era ao tempo ainda dos irmãos serem amigos, companheiros de caçadas e aventuras. Manoel com as suas espaduas de hercules, e uma barba de scandinavo muito frizada nas pontas, quasi branca junto dos labios, era o typo da prudencia, falava pouco, e ria com todos os dentes um riso ingenuo, que antes parecia

de rapariga pela doçura do esmalte; e quando os seus olhos de violeta, atravessados d'um brilho leal e timido, se erguiam a procural-a, ella experimentava não sei porque, tamanha melancholia e quebramento, que se ficava ainda com mais pena de ser mulher de Fernando, um tostado, para mais grosseiro e leviano. Ah, como isso ia já longe! E Manoel todos os dias achava alguma pequena lembrança que lhe trazer; ninharias primeiro sem intuito previsto, depois expendidas a furto, acceites em segredo. . . O certo é que ella amou o cunhado, porque o perfume d'esses beijos a embriagava, no carmim dos seus labios d'adolescente. Fernando que era soberbo, aspero, intractavel, brutal, *coração ao pé da bocca,* desconfiou, mas sem medir a profundeza da culpa. Ella vivia n'esse tempo inteiramente só, sem amigos, nem protecções do marido, muito nova, tão cheio d'impetos!

Um domingo, os irmãos tinham ficado mal; depois, que diabo! nascera aquella filha de quem Dora copiava a belleza — e tal documento da culpa trouxe-lhe a secreta vergonha, que agora gottejava odio sobre o irmão de seu marido.

Depois da benção, o senhor vigario geral pronunciou uma allocução toda faustosa e erudita, em que se comparava a vida a uma nau vogando no mar procelloso das paixões, entre escolhos de vicios e malquerenças; e alli sua rev.ma descompoz mais uma vez os seus adversarios politicos, attribuindo-lhes a ultima estiagem e a decadencia dos costumes; e com filaucia, denunciou que os maridos não tractando senão d'eleições, abandonam as esposas á phantasia das suas pobres cabecitas, do que se aproveitava o demonio para ir centuplicando os adulterios. Isto levou tamanho donato a philosophar sobre a familia, e desfilaram as qualidades dos Zarcos, o seu amor ao progresso e á liberdade, e do que os povos de roda lhes deviam, pois ainda no inverno passado tinham dado corte gratuito nas herdades perto, afim da pobre gente ter lume nas asperas noitadas. Saltou d'aqui naturalmente nas inimizades que tantos annos tinham separado as duas familias (inimizade não, emendou logo com um meneio unctuoso; diremos antes melindre, susceptibilidade ferida, pequena divergencia de familia — era de mui bonitos termos, sua rev.ma! Inda

que. . .) Mas, proseguia o orador, o districto todo exultava de vêr unidas de novo as duas casas, todos davam graças. E batendo no pulpito, com gestos de quem chama a si o melhor da christandade, uma imponencia no carão, fechou trecho com um latinorio dos santos padres, faustoso e seraphico, que por signal mereceu uma palavra irreverente ao lavrador dos Panascos. Quando a ceremonia acabou, foguetaria e vivorio estrondeavam por essa aldeia toda, repercutindo os entonos e ritornellos de fraga em fraga — enternecia a tarde nos campos com a descida do sol; uma poeira de oiro tamisava os fundos, aqui, além, immovel sobre o ar, dando á paisagem velhos tons de pintura fanada. E o cortejo sahiu da igreja como viera, mas bem numeroso e mais rico, pois lhe estava addicionada toda a Oriolla, ganhões, creados, convivas, amigos, as duas velhas aias, e coisa pasmosa! a propria senhora viuva. — Anda, sempre te abaixaste, bem feito! dizia-se á da Fevronia, na passagem do cortejo. O coronel dera o braço á viuva que descera meio veu; o generalito, gazil como um rato sabio, levava a morgada das Palmas, muito birrenta

de lhe terem descosido a cauda verde nabiça; e Dora pelo braço de Carlinhos, vermelha, commovida, grandes olhos de saphira humida, radiava a frenetica belleza d'uma virgem que se abala e palpita, ao primeiro contacto de homem. O cortejo é que não ia directamente ao portão d'entrada da Torre, mas enfiou pelo enorme pateo de lavoira ao lado, a pretexto de vêr a *funcção* que se preparava aos servos e trabalhadores. N'esse banquete monstro, S. Mathias e a Oriolla congraçavam, comendo ao lado uma da outra, na melhor harmonia e folgança; e só no intuito de sagrar esta confraternagem, a viuva accedera em vir a caza de seu cunhado, sem quebrar as juras que fizera, pois não passaria o terreno neutro do pateo. Desconforme como um dominio, era esse pateo de muralhas rudes e portadas soberbas, onde os varões de bronze raiavam, e pendiam das portas formidandas, como corações de molocks, os grandes cadeados de ferro. Descia-se das cosinhas por um balcão de pedra com escadarias lateraes, e mutiladas estatuas, em cujos velhos pilares se vinha tanchar a dentuça dos corrimões estruidos. Deante do balcão,

ia ao fim do pateo uma alameda de castanheiros gigantescos, murmurios sob a verdura das suas folhas acres, d'onde um frescor gottejava no esmair da tarde. Um grande portão aberto ao fundo, dava sobre os laranjaes da horta, sombrios áquella hora n'um verde metallico condensado, redondos até ao chão relvoso pelas imbibições da rega, humidos, picados de fructa, e filtrados por uma aura toda enervante em nupciaes essencias. N'essa alameda de castanheiros amigos, tantas vezes percorrida do pae e da filha, onde pela manhã, palafreneiros passeavam á redea os cavallos de sella, ou vinham limpar o pequeno coupé de serviço; onde tinham logar as tosquias, as ferras e matanças nas epochas da praxe; n'essa alameda tinham construido uma meza sem fim para quem chegasse, homem, mulher ou creança, fosse d'onde fosse e viesse d'onde viesse. Aos lados alargava-se o pateo até ás abegoarias, cavallariças e estabulos. E um tom de boda reinava por toda a parte—nas carretas de trabalho postas em bateria, mais os seus tropheus de forquilhas, ensinhos, cangas e pás, radiando das joeiras, arneiros e mulins, como panoplias em

sala d'armas—nas paredes cobertas de murta e gil barbeira, onde as corôas d'espigas maduras faziam rodopiar serpentes de oiro pallido — nas largas manjadouras que as bestas esfocinhavam rilhando os fenos perfumosos— nas flores em arcos d'arvore a arvore, e em risos e saudações levadas a um delirio realmente captivante. Em quatro dias tinha-se abatido um rebanho de carneiros e bodes, o arroz viera n'uma quantidade de carretas, não sei quantos moios de lobeiro em farinha para a amassadura, o poder do mundo em couves, para mais de vinte pipas de vinho . . . E a Fevronia punha as mãos do *error* de moedas que ia custar a frescata ao fidalgo — mas coitada! era uma pobre, sempre foi atando ao cós das saias a mais funda taleiga de quadrados, e sumindo debaixo do chales a mais disforme escudella da sua pilheira, para arrapanhar as sobrasinhas.—Ora, deixal-o custar caro! Em compensação, que grande kermesse em plena tarde, sob a viva e sagrada cupula das arvores, onde os trigueiros e loiros dos dois burgos rivaes, se abraçavam cantando e rindo nos seus luxos domingueiros, cinta escarlate, chapeu de borla, jaleca

ao hombro, e a camiza crua de grandes collarinhos molles, acolchetado, affogada, pelo nó da gueia.

Com a largueza do terreiro, a malta farandolava em quantos recreios havia; por aqui, atiravam a barra os valentões arregaçados até aos hombros, estriando as musculaturas bovinas, nos rompantes d'uma destreza infrene, aos berros de cada vez que alguem passava a baliza, ou não chegava a ella; por além, bailava-se *de roda* das arvores, deitando as vagarosas cantigas do trabalho, ao sol calcinante; em tal sitio havia saltos, n'outro luctas, *desgarradas* n'outro; e tudo isto n'um borborinho infernal que ensurdecia a gente. Vinham chegando as raparigas de claros cabellos lisos nas fontes, com flôres no remoinho das tranças. E a Oriolla abrazava de as vêr tão brancas, boas carnações flamengas, saúde affiançada, perna dura, seio fecundo, dentes finos, e essa maravilhosa doçura d'olhos tão peculiar, como era sabido, aos bastardos do amo Zarco da Torre. Ellas iam apparecendo a pequenos ranchos, envergonhadas dos *de fóra,* lenços em cruz sobre os seios inviolados, de mãos dadas e braços

bambaleantes, como os recrutas em passeio. Os negros da Oriolla diziam-lhes então gracinhas, botavam-lhe rima na passagem; e era vel-as a rir, escondendo os olhos c'os braços, abalando côr de romã umas atraz das outras, para dizerem de longe aos mariolas — que se não fizessem destemidos nem confiados, e fossem lá ter chalaças com as pretas da sua terra, perceberam? Mas outra porção da Oriolla, por seu lado, gente madura e reflectida, ainda desconfiada da senhoril hospedagem na Torre, sempre tinha querido inspeccionar, vêr com os seus olhos, palpar com os seus dedos, esse maravilhoso arsenal agricola, instrumentos, machinas, animaes, bombas, poços, bebedoiros e hortejos — e por toda essa aldeia que viera, subia um respeito de gente cavadora e mandada, que vindo mal disposta para o da Torre, agora se dobrava, reconhecendo n'elle o genio d'um lavrador modêlo.—Ah! era o que se chamava grandeza, ordem, elegancia e precisão! Que gados, que acommodações, as cathedralescas medas d'azinho, pombaes, palheiros, e ferramentas de trabalho! collossal tudo aquillo — e os tostados da Oriolla baixavam os

seus olhos arabes e premiam os seus beiços de negros, ante a victoriosa grandeza dos loiros de S. Mathias. Quem no havia de esperar, compadre, uma coisa assim?—N'isto, um velhote grosso e vagaroso, que do balcão andava mirando tudo, apenas o cortejo apontou para o lado das abegoarias, poz-se a repicar do alto uma sineta: era o jantar. E duas philarmonicas romperam, latindo musicatas gentias, emquanto as palmas, os gritos, os vivas, os saltos, centuplicavam de toda a banda.

E a viuva deixava-se ir entre as aldeias congraçadas, que no abandono animal da vida rustica, riam alto com dentes famintos, e na passagem dos amos, tirando os gorros, acenando de longe com os chapeus, erguiam meio corpo da meza, para lhes darem as boas tardes familiares. Alguns mais ratões da Oriolla—e sempre a Oriolla teve fama de moços reinadios—botando cantiga ás raparigas, que chegadas tarde ficavam sem logar nas mezas, offereciam-lhes por cadeira os joelhos e por encosto o coração. Ellas riam largo, já menos esquivas; muitas, solicitadas, davam-se por noivas d'aquelle e mais d'este;

e á ordem do homensinho da sineta, chegava a creadagem da Torre, com o arroz dos fornos, aloirado entre ramos de salsa, empilhando-se em alguidares desconformes, d'onde rompiam fumando, tenras, succulentas, as pernas dos perus e dos patos. Então foi uma loucura de vivas, saltos, gritos, e cantares. Passava o vinho em picheis de barro, as saúdes choviam nos estimulos da sede, o tenir dos pratos era inquietador. Nunca Carlinhos fôra mais querido que n'essa tarde placida de noivado, onde tudo ria á sua mocidade leviana: a Dora que elle levava pelo braço e readquiria vivezas de pomba; os pavões que sobre os telhados das abegoarias, inquietos, gritando d'entorno ás femeas, abriam enormes leques mosqueados d'ouro verde; nuvens de pombos que o ruido assombrava, forçando-os a revoar de cimalha em cimalha; e ao largo a paisagem cahindo n'uma paz luminosa, muito irisada em tintas subtis.

Ella foi-se isolando, isolando do ruido, até ao portão que dava para a horta; parecia conhecer aquelles logares, distrahida, e como quem resuscita apagadas memorias. Olhava o muro de buxo talhado em formas.

architecturaes, circumscrevendo o jardim pela esquerda, até se perder n'uma folhagem aspera d'alfarrobeiras. Para aquelles lados, n'outro tempo, havia um murmurio de fonte... tinha sido uma noite sem estrellas, o braço de Manuel Zarco sustinha-a pela cinta e levava-a, de modo que os seus pés nem tocavam o chão. E assustada, ella ficára a ouvir aquelle choro timido d'agua corrente: espera! ouço passos...—É o vento, dissera elle, e os seus beijos endoideciam-na. Lá estava ainda gottejando, a fontinha nostalgica, na sua pequena concha musguenta, que um grupo de ephebos sustinha, cavalgando golfinhos. Fôra em maio, o marido caçava o javali por Hespanha... n'essa noite *elle* tinha querido roubal-a, conduzil-a aos seus dominios—ella resistira, não! não!... mas o perfume da sua barba tão loira envolvia-a n'uma fascinação terrivel, e a bocca pequenina, sincera, humida, talhada a buril, ao mesmo tempo imperiosa e femenina, tinha-se colado por ella toda: quem poderia recusar-lhe cousa alguma? Ouvia ainda o breack d'essa noite rolando pelas asperidões da estrada, os cavallos que voavam, elle ia guiando; e ao

curvar-se para puchar as redeas ou chicotear os hanoverianos, o clarão das lanternas illuminava-o de perfil . . . Que de venturas absorventes se resumem n'um momento de peccado! Dir-se-hia o perfil antigo d'um deus hellènico, branco, herculéo, alado em juventudes divinas.

—Vaes ter frio, minha filha.

—Frio, eu, ao pé de ti!...

E do capuz negro do *bournous* que ella levava, forrado de pelles setinosas, os seus olhos ficavam absorvidos n'elle muito tempo, muito, muito. A noite fazia as arvores terriveis, interminaveis os campos; e apagando a perspectiva, approximava mais as montanhas, e punha traições na guela dos precipicios . . . Vinham-lhes a cada passo pequeninos medos, as pupillas verdes do remorso que a penetravam de faúlhas calcinantes: lá está um vulto, além, n'aquelle canto da estrada . . . Os troncos corriam atraz d'elles com pernas de gigantes, ennovelando-se, augmentando em numero á medida que o breack fugia.

—Jesus! dizia ella n'um terror, são talvez espiões de meu marido.—Depois na ponte, um passaro tinha dado um grito, um secreto

escarneo foi ciciando pelos labios das folhas; de longe em longe, uivavam as rapozas com fome. A cabecinha d'ella, descahia no braço do cunhado, fazendo uma caricia penetrante. Era espirituosamente tocada e correcta, d'um modelo audacioso em que havia primores. E como eram pouco lidos, incapazes de fazer um amor litterario, dialogado por imagens, cheio de contrascenas, permutavam as suas emoções tocando os corpos, n'uma descarga de volupias balsamicas. O que ella mais lhe admirava era a seriedade do aspecto, a forte enformatura dos encontros, uma força de gigante cingida em delicadezas de creancinha. Esse rapaz sem violencias, envergonhado de ser tamanho, uns receios de a molestar a cada beijo, silencioso, tranquillo, com melancholias brumosas do norte, subjugára pelo contraste, os impetos e os orgulhos da natureza d'ella, toda impaciencias, *coquetteries* e ardores. Á chegada era deshoras, cantavam os primeiros gallos em S. Mathias — ella nunca tinha por alli passado.

—Gente na estrada, estamos perdidos! — Manuel tinha atirado os cavallos por um olival a dentro, apagára as lanternas; e o breack

em solavancos, lá ia arrastado pelos terrenos declivosos. Pararam. Um rumor de carros vinha da aldeia, guizos de mullas, uma voz de homem cantando... Elles, á escuta, ouviam bater os corações, com medo de alguem os ter pescado.

E agora velhos, inuteis na felicidade dos filhos, tendo-lhes dado tudo, sem amor, sem coragem, cheios de cabellos brancos, odiavam-se, por desgraça! Era ao fim do laranjal, o muro de buxo apparecia de novo, nespereiras em flôr abriam parasol por cima d'um portello baixo — toda a aventura se lhe reconstruia então na ideia, nitida, chammejando horriveis saudades. Sim! carros de matto abalando á meia noite de S. Mathias, a voz do homem cantando, é verdade, e um sapatinho de velludo que perdera ao entrar na horta, por aquelle portello, ao colo d'elle... Oh, a medonha angustia de se não ter outra vez dezeseis annos! — Para além, olival, terrenos declivosos, o breack parára ao pé d'aquella grande oliveira. — Não sentes pena de deshonrar teu irmão?

— Mas cala-te, dizia Manuel n'um tom de queixa, emquanto a levava nos braços doce-

mente, como uma creança adormecida. Ella, supersticiosa, falára-lhe do grito que déra o passaro noctambulo, quando o breack entrou na ponte. Talvez prenuncio de desgraça! — Ao que elle respondia: doida! Reparou nas rozeiras que por alli floriam agora, como n'um cemiterio consagrado pela saudade de muitos amores fenecidos. Fôra alli, junto ao murosinho de buxo, que a respiração d'elle tinha sifflado n'uma furia de titan semi-louco, e o sapato cahira... Quantas vezes depois o amaldiçoára, sentindo impreteriveis desejos d'ir contar tudo ao marido, ao mesmo tempo que um suor frio a aljofrava..., só de pensar que Fernando podia vir a saber do adulterio. Sim, odio, era odio que lhe tinha n'este momento! Mas como seria bom desabrochar n'outra juventude, radiar a seducção d'uma nova belleza, ter ainda pudores de vestal, frescuras d'epiderme carminea, e virgindades de noiva, para ir direita áquelle infame, atirar-lhe os braços ao pescoço, e dizer-lhe: adoro-te, macula-me outra vez!

Outras recordações então, lugubres, implacaveis, acastellavam na sua mente, espectros de remorsos longinquos e gumes de

suspeitas mal esboçadas. Lembrava-lhe Fernando, trazendo Carlinhos pela mão, depois da morte de Laura, a dizer-lhe com palavras de chumbo, espaçadas intencionalmente — este é meu, ficará n'esta caza! E como a olhára dizendo isto, apenas ella, n'um movimento de repulsa, erguera a cabeça para dizer que não. O terror d'esses annos conjugaes tinha sido tão cruel. Era o marido fital-a — tremia toda como um vime. Quando elle se exaltava, ou se bebia, em os negocios lhe correndo mal, a cada momento ella receava, que arrastando-a pelos cabellos, o marido lhe gritasse: prostituta!

Crescera nos povos a sua reputação de santidade; as esmolas que fazia nem tinham conta, ia de noite vêr doentes, matar a fome ás cabanas sem chefe; e o seu nome nimbava-o uma lenda de poeticas virtudes e castidade suavissima. Se viessem a saber, que vergonha!... E ante o marido, pouco a pouco, o orgulho d'ella vergára, e fizera-se neutra a sua violenta personalidade. Nos ultimos annos, Fernando Zarco tinha cahido n'um marasmo desopilante, não sahia, não recebia, não falava. Parésias fugitivas, ful-

gurações dolorosas, contracturas, spasmos, vinham-lhe bruscamente pelos membros, prenunciando a quietidão irrevogavel da morte. Ás vezes, ia ella levar-lhe de comer com o riso nos labios, uma palavra carinhosa para lhe inspirar conforto; e estendendo o braço para agarrar no talher, lentamente, como tendo alguma coiza grave a indagar, elle ficava a miral-a com o ardor dos seus olhos encovados; depois, baixando a cabeça n'uma confusão, vagarosa, funebremente — sim! sim! — e viam-se-lhe as narinas arfando nos haustos d'uma raiva subterranea.

Chegou á porta que rasgava no muro, por sob a cupula das nespereiras; correu-lhe o ferrolho depressa, empurrou-a com o pé, cheia de curiosidade de penetrar no olival, até á velha oliveira, onde n'aquella noite, o carro tinha parado. Mas recuou com um gritinho de susto. O cunhado nas almofadas do breack, á sombra da arvore, aguardava-a como n'outro tempo.

Manuel Zarco não quiz prolongar á viuva a visão theatral que se impozera, e desceu do carro para vir ter com ella. Em vez de veredas e barrancos tortuosos, uma larga

estrada cortava agora o olival, entre eucaliptus colossaes, que sacudiam á briza molhos de folhas em cutello. Ella nem podia falar, branca de susto, humilhada de vergonha, e sentindo o coração grosso de lagrimas. A voz de Zarco era triste, porque tambem elle não tinha sido feliz.

—Como não quer demorar-se, disse elle, mandei esperar os carros aqui. Partirá quando quizer, as creadas não tardam. A carruagem em que veio, fil-a reservar aos noivos, por ser ampla. Póde ir n'este *breack,* é velho mas de boas molas, tenho-o ha vinte e quatro annos...

—Antigamente, tornou ella junto ao portello, vencendo um grande embaraço, não havia rozeiras aqui.

—Não, disse elle galantemente, nasceram por onde o teu vestido roçou.—A sua voz tremia.

—Shut! casaram hoje os nossos filhos.

—Nossos não! Carlinhos vem d'uma cigana velha, a quem hoje dei o que ella quiz levar. Tem-m'o dito ella muita vez! É negra, traz uma filha, e ouço que vivem de roubar por essas feiras.

—É verdade, murmurou ella suspirando; filhos, só os tive de ti.—Chorava a sua mocidade agitada, tantas terriveis dôres que soffrera, e os orgulhos feridos de mulher.

—Ouve, disse-lhe então elle com supplica, não me tenhas odio, não tenhas. Dora é uma creança, ama-a um pouco, assim como amarias a que nos morreu. Ellas parecem-se. Sobretudo, não lhe digas mal de mim.

—Portanto, tu nem já negas, ter amado, no fundo, um pouco, tua mulher...

—E tu que amavas meu irmão?

—Mas é falso.

—De que serviria acreditar agora n'isso? Estavamos doidos, n'esse tempo.

—Sim, doidos d'amor. Ai, como se envelhece depressa!

—Razão para ficarmos amigos, já que tudo morreu. O que inda assim menos me punge, é Fernando nunca ter vindo a saber...

—Prouvera a Deus que assim fosse! Calate d'ahi! disse ella bruscamente. Na hora da morte ia beijal-o, repelliu-me; morreu, dizendo a horrivel palavra. E por tua causa! Não poderás dizer nunca que te provoquei.

Quando vinhas, fugi-te muitas vezes. Tudo me abandonava então!

—Esqueçamos: a vida dos nossos rapazes o exige. Vá, perdôa. Elles viverão seis mezes commigo, e comtigo outros seis. De mais, ficamos pobres. Os pobres não devem ter ruins paixões.

Ella cortava rozas, no rozal que extravasa de roda. As velhas aias tinham chegado entanto a pequeninos passos, arregaçando muito as suas sedas festivas; em carros de toldo, jumentos e mulas, a creadagem repleta, cantando, chalaceando, deixava S. Mathias caminho da aldeia. A viuva relanceou ainda os olhos por aquelles sitios, lentamente, como a impregnar a memoria d'aquella idyllica paisagem. E para que ouvissem todos, falando alto, pediu desculpa a Manuel Zarco de não assistir ao *copo d'agua*, mas sentia-se indisposta, tinha que receber os noivos . . . Elle abriu a portinhola do breack, esperou curvado que ella subisse.

—Zarco, disse a viuva aconchegando-se a um lado, emquanto as velhas subiam e se anichavam tambem, os nossos filhos que não demorem a partida, vão ter frio pelo cami-

nho. — Principiavam córos de grilos na espessura amarellenta das hervas, o sol cahia por traz das arvores; á esquerda, nos vagos fumos da tarde, Beja torrejava.

—Adeus, disse a viuva sem colera, estendendo ao velho as duas mãos descalças. Zarco sem falar, beijou essas mãos ainda pequeninas e brancas.

Os cocheiros tinham vindo; e sob o pingalin, os cavallos arrancaram o breack de ao pé da oliveira, em direitura á estrada.

—Adeus, disse a viuva, apertando ao seio as rosas que colhera no rozal. Zarco parado, as mãos cahidas, ficára imbecilmente de pé, todo vasio de reacção.

—Eh, esperem, gritou de repente aos cocheiros.

O breack tinha outra vez parado. Com os olhos estourando lagrimas, elle correu á portinhola com um pequeno embrulho para a viuva, que conforme disse, esquecera na igreja.

—Obrigado, respondeu ella com a voz um pouco tremula — E o carro abalou. Junto da ponte, já longe, a estrada fazia cotovello para a esquerda; bruscamente, o olival des-

apparecia. Então a viuva voltou-se muito chorosa, inda viu Zarco immovel no meio da estrada, e disse-lhe adeus com o lenço. Depois tudo se foi, com as arvores que se interpunham, a estrada, o muro da horta, os olivaes, a aldeia . . . Ficou a desembrulhar o pacote que elle lhe dera.

—Que chinellinha mais rica! disse uma das velhas bispando o que continha o embrulho. Era o sapato de velludo bordado a oiro, que ella, a tal noite, tinha perdido . . .

—Cabeça a minha! Quiz trazer sapatos largos para o caminho, e afinal só vem um, que para mais me não serve.

A outra velha acudiu com admiração:

—Nem eu sei de pé que possa caber n'uma chinelita d'estas.

E a viuva com um rir doloroso:

—Cabiam os meus, no tempo em que eram leves a ponto de atravessarem jardins, sem pousar no chão.

—Ora! isso é conto de fadas, disse a mais pequena das velhas.

—Conto de fadas, conto de fadas! . . . tornou a viuva. E os seus olhos iam na direcção do olival.

Em resumo, querido confidente, a cujo ouvido eu vou murmurando estas historias. Tal é o caso d'aquelle casal de velhos pombos, que você lobriga por Lisboa todo este inverno; ella pelo braço d'elle, como uma noiva ainda alvoroçada da primeira noite; elle absorto nos olhos e palavras d'ella, como um collegial saboreando a intimidade d'uma primeira amante. E abandonando os seus velhos escrupulos de provincia, elles ahi vão por toda a parte—lunchando nas corridas, como dois amantes, no fundo do mesmo *landeau;* apparecendo nas representações com um pouco de *toilette* e de chic; indo ás regatas, applaudindo nos concertos, entrando nas exposições de flôres . . . A sombria mocidade que tiveram, projectou-lhes pela edade experiente os ardores de coração. E adoram-se como noivos, e juntam os labios como rapazes, no beijo da mais vigorosa felicidade—dois typos da Lisboa galante, você sabe, tão doidamente mesclada e tão pitoresca de commentar.

A CHAVENA DA CHINA

Bebé fazia annos n'esse dia, e cada um dos velhos amigos que chegava, ia depondo sobre as jardineiras, alguma delicada bugiganga. De tudo havia um pouco. Ramilhetes de rosas e camelias com sonetilhos a oiro e vermelho sobre setim perola. Bocetas atochadas de pastilhas e docinhos perfumados. Maravilhosas bonecas tamanho de senhoras, com verdadeiros cabellos, verdadeiros olhos, e vestidos de cauda polvilhados de rendas e colibris. Chapéus de palha cobertos d'aereas plumas. Cathedraes d'onde sahiam procissões ao toque dos sinos. Palacios com mobilias e bateria de cosinha. Cavallos, rebanhos, car-

ruagens... um nunca acabar d'invenções que rejuvenesciam a vista e faziam bater o coração. Nunca, nunca ella se vira tão acariciada e tão feliz!

Desde que o papá subira a ministro, a casa soffrera o mais completo reviramento. Tinha sido renovada a mobilia toda; a familia descera do terceiro para o primeiro andar do predio; davam-se chás com doce e lustres acesos — e pela primeira vez a mamã rojava á sua vontade, pelas alcatifas novas, n'um grande tom, as caudas de damasco dos vestidos de recepção. Depois, tão curioso estudar como os amigos eram assiduos noite e dia, e centuplicavam de numero e de sorrisos! Se o ministro ao saltar do coupé, apanhava uma bronchite, logo elles iam por toda a banda com gestos afflictos — então os senhores não sabem? Sua Excellencia não faz senão dar espirros!...

E quando Sua Excellencia vinha, inteiramente fresco e bem disposto, com a barba bem nitida e uma rosa na sobrecasaca, elles, todos curvados, faziam protestos de fidelidade, dizendo a sua afflicção por fazel-o de cama... este corria a fechar a janella, não

se constipasse sua excellencia... aquelle conduzia-o pelo braço, a um *fauteuil,* por detraz do biombo amarello... outro enterrava-lhe o barrete de lontra até as orelhas, emquanto o mais entendido ia aconselhando vinte e cinco gottas d'aconito em agua morna, ao deitar. E agora, nos annos da bebé, alli estavam elles encasacados, com o cabello lustroso de cosmeticos, as mãos prenhes de bençãos, as falas n'uma afinação de theatro, tomando as attitudes que melhor convinham ao seu temperamento dramatico, fazendo tudo por conservar-se no raio visual de sua excellencia, indo e vindo com modos cavalheiros, e pouzando á volta da pequenina, como um bando de corvos sobre alguma pomba colhida d'improviso.

Um convidado entrára sem espalhafato, todo envergonhado do seu fato no fio, vergando aos annos, e cheio d'uma melancholia grave no olhar. Era o mestre de piano da bebé, velho triste, fraco de pernas, calado, tremulo, habitado por monomanias poeticas, com ingenuidades de creança e crendices de camponez. Elle foi-se escorregando na sala, por detraz dos convivas em evidencia, cum-

primentou duas ou tres pessoas sem ninguem corresponder á sua humilde cortezia; e de cabeça baixa, lenço azul entre os joelhos, as magras pernas abstractas bamboleando lentamente, foi sentar-se a um canto, todo alheio á magnificencia do salão e aos vestuarios das senhoras. Fôra rico antes de *trinta e quatro,* a guerra civil confiscára-lhe familia e riquezas; e sósinho, cheio de privações, era organista da freguezia passava de trinta annos. Inda elle se não tinha assentado, já os grandes olhos pretos da creança davam com o velho amigo, seu camarada e companheiro —porque os extremos da edade em que se viam, punham nos espiritos d'ambos, velho e creança, uma unidade de gostos e sentimentos, religiões, gulodices, sympathias, interesses, que estreitavam apaixonadamente, cada vez mais, o laço d'amor que os congratulára a ambos.

Bebé installou-se logo nos joelhos do velho organista, tendo, dizia ella, uma multidão de historias para lhe contar. E desapertava um grande sacco de *bonbons* para elle comer, que foi tirando um a um delicadamente: e com os seus deditos mais finos que

os estames d'um lyrio, mettia-lh'os pela bocca, com desvelos de mamã.

—Anda, come, anda..., vencendo-lhe o acanhamento de mastigar na presença d'aquella brilhante sociedade, elle, um velho organista sem dentes, de mais a mais trazendo nos hombros uma velha casaca no fio. Entabolaram conversa logo.—O que tinha elle feito aquelles dois dias? A gata estava creando dois gatinhos muito assanhados, os quaes já tinham dentes, e um pello sedoso que daria bem um regalo, para aquecer as mãos do seu mestre de piano, sempre tão frias!

Elle recusava sorrindo e desculpando-se—os homens não usam regalos.

—Mas sim, usam, quero eu, ora isto!

Então mostrava-se desvanecida com os presentes dos seus adoradores, as cathedraes de faia branca, as grandes bonecas que diziam: mamã! os cavallitos puxando omnibus cheios de passageiros... e assim foram deixando o tumulto da sala, onde uma senhora cantava engasgando as notas; e esgueiraram-se pelo corredor até á casa de jantar. A cosinheira fez tomar um caldo ao velho organis-

ta — a avósinha vasou-lhe tres dedos de Madeira n'um calice; e alli estiveram as tres creanças permutando o melhor das suas confidencias; opiniões, receios — se viesse a mudar o tempo... já se não faziam cousas como antigamente... os capotes de baetão eram uma necessidade d'inverno... — E alargados nas memorias d'outro tempo, falaram das velhas arias de Cimarosa, os minuetes em voga nos bailes da Bemposta, e os panicos das guerras miguelinas, de que a bebé por signal, se não recordava já. O velho levou vagarosamente as mãos ao bolso da casaca, tendo um riso manhoso nos olhos com que fitava a pequenina discipula. Immediatamente, um cão por que ninguem tinha dado, cão d'agua gigantesco d'estatura, cabeça negra n'um grande corpo branco, olhos obliquos de china, focinho energico e orelha farta, metteu-se na conversa, agitando a cauda magnifica.

—Singular! Singular! fez o velho organista comsigo, parando de rir. Eu tinha deixado *Mandarim* fechado em casa. Como veio elle aqui parar? — e porque a pequenita se amedrontava d'aquelle grande cão, elle cha-

mou-a aos seus joelhos, apresentou-a ao animal com todas as minucias da etiqueta, e restabeleceu a harmonia, tornando-os amigos.

—Mas porque me não falaste tu n'elle ha mais tempo? disse a creança com ciume. Ingrato!

E o velho professor desculpava-se confusamente. Tirára do bolso um cofresinho de xarão exoticamente doirado, todo comido de velhice nos cantos. E aberto, viu-se uma taça de procelana casca d'ovo, meuda e symetricamente *craquelée,* tão pequenina, tão pequenina, que antes se diria o bebedoiro d'um pintasilgo. O velho pegou-lhe com dois dedos, n'um ceremonial commovido: era uma peça admiravel, mais fina que o papel, transparente e sem peso, com figurinhas microscopicas de relevo, nitidas, vivas, desfilando á volta do bojo, n'uma patuscada de rabichos, dalmaticas côr de gemma d'ovo, pontes phantasticas, e arvores e flôres de não sei que flora impossivel. A aza simulava um dragão d'azas vermelhas, vermiculado de oiro, apoiando garras no rebordo, e ouriçando a cauda n'uma série d'escamas, que difficilmente alguem contaria a olho nú.

O velho tinha erguido aquella preciosa peça sem rival, e com os seus dedos tremulos e os seus olhos babosos, fazia notar por detalhe, n'uma ancia de colleccionador, as figurinhas esculpidas a microscopio, as variegadas côres que tinham a graça nitida d'uma illuminura, a expressiva mimica de cada feição, ironia dos olhos, e acabada belleza de mãos e pés, que mal podiam vêr-se de resumidos que eram. Mais que nenhum outro espectador, o cão seguia a descripção de thesouro assim unico — e ninguem vira além do velho — dos seus olhos perlavam lagrimas. Quando de repente o organista fez um movimento surpreso, balbuciando : — singular ! singular !

Bebé recuára assustada. A avósinha nem podia falar de commoção. Foi o caso d'entrarem a reparar que os olhitos dos chinas rolavam vivos dentro das orbitas, as boccas mechiam n'um zumbido jocundo d'abelhas, os pésitos caminhavam lestos sobre as relvas da vereda, emquanto as pequeninas mãos iam apontando os aspectos mais pittorescos da paisagem que se via esmaltada no bojo da taça. De vez em quando, dois ou tres mandarins deixavam-se ficar atraz do cortejo, e

discutiam com força de gestos e *tching-tchong* no fim das palavras. Alguns subiam mesmo a pequenas colinas, virados contra o nascente, co'as mãos em reverbero sobre os olhos, a modo orientando-se no caminho. E a procissão de galhofeiros, vá de farandolar á volta da procelana! A meio do assombro geral, o velho metteu outra vez a taça no estojosinho de xarão, e confessou gravemente, que das suas passadas riquezas só podera conservar aquella chavena, que um dos seus avós trouxera da China, no galeão *S. Paulo,* a primeira vez que os portuguezes tinham aproado áquelle fabuloso paiz, antes de qualquer outro europeu alli ter dado fundo, em suas aventurosas viagens.

—A ceramica, proseguiu elle animadamente, era na China uma especie de grande monopolio das altas classes. Os imperadores e os grandes tinham manufacturas por sua conta, no recondito dos seus dominios, isemptas de contagio estrangeiro — jarrões e chimeras d'uma barbara belleza, por isso mesmo cheias de caracter e pittoresco, e d'uma perfeição que se vê mas se não descreve. Os artistas, que eram uns feiticeiros concebidos

no ventre dos deuses, arcavam com estes na obra de crearem a um simples gesto, toda a cópia de prodigios. Cães de Chorea, simplesmente amassados com grosseiro kaolino, desandavam a ladrar, a mecher a cauda, e seguir os mandarins ao longo dos rios chinezes, amarellos e azues. D'uma vez o imperador morreu sem successores. Convocaram-se os grandes mandarins a concelho, que decidiram fazer um imperador de procelana, por subscripção publica; e cosido no forno, á vista dos bonzos, o boneco sahiu o maior imperador chinez que tem havido. Assim como entre nós ha o espirito do bem e do mal, assim na China por aquella epocha, cada coisa tinha o seu espirito proprio, inconfundivel, e com jurisdição exclusiva n'um grupo uniforme de phenomenos. Certo espirito presidia á confecção e viver das sedas—outro curava dos leques—outro ainda superintendia nos destinos da procelana, amphoras, jarras, estatuas, chimeras e covilhetes. Estes espiritos, emanados da mesma celeste essencia, tinham sido allumiados para não deixar morrer as industrias e artes do imperio, tão perfeitas e florentes aqui ha dois mil annos. E o da pro-

celana velava as peças de valor inestimavel, sem jámais dormir, longe ou perto ellas estivessem, pois era elastico, e se repartia como um fluido vital, pelos differentes bocados de ceramica transviados n'esse mundo de Christo. — Porque hão-de crer-me, recapitulou o velho professor á guiza de conceituosa sentença; o que hoje mata as industrias é não haver espirito de casta que presida á sua conservação e progredir. Ha cerca de tres mil annos, na China, um artista teimando em dar a nota mais pathetica da ceramica, fez esta taça. Residem os grandes da terra em magestosos palacios, para se imporem ao culto dos pequenos; assim o espirito da procelana, revendo esta chavena divina, a escolheu para seu quartel general — e aqui reside, e d'ella transborda na vivacidade de gestos que admirastes por estas figuritas. A permanencia do espirito na taça, fal-a immortal como elle, e concede immortalidade a quem possuir o cofresinho que a encerra. Quando ha quatrocentos annos, o meu antepassado regressava da China, cortando o oceano indico no velho galeão, sobreveio um grosso mar

que fez este em pedaços contra os recifes d'um ilheu.

Quatrocentos eram, elle sómente escapou á morte, que ao largar o pedaço d'amura a que na derrocada deitára mão, cuidou vêr os cachopos feitos nas cabeças dos mandarins da chicara, cabeças que riam n'um ar surpreso, dizendo *tching-tchong!* nas suas vózitas d'escarneo, emquanto caudas de salamandra lhes sahiam das boccas, em caretas de surriada. Já o pobre começava a perder forças, quando um grande cão de cabeça negra e corpo branco, olhos obliquos de china, focinho energico e orelha farta, rompeu das ondas agarrando-o pelo fato, e indo depôl-o na areia, salvo de todo o perigo. E aqui o velho ajuntou sorrindo — ia dizer que o naufrago tinha o meu cofresinho no cinturão!

Só d'elle me posso apartar por vontade minha, confiando-o a alguem que o estime. D'outro modo volta ás minhas mãos, esteja eu onde estiver, e seja a que hora fôr. Estou velho, sem filhos, nem herdeiros. Se ainda tivesse dentes, gostaria de viver por mais tempo. Assim... dou-te a minha taça chineza, bebé, guarda-a bem.

E com as palpebras tocadas de lagrimas, o velho estendeu o xarão á pequenita, que correu a deitar-lhe os braços ao pescoço, emquanto enternecida da historieta, comprehendendo-lhe o intuito, a avósinha sorria. Mas n'esse instante houve ruido de passos, roçagar de vestidos, risos e vozes falando ao mesmo tempo. Era o jantar.

Pelo declinar da tarde, foi-se tomar café para o terraço, sobre o rio, d'um bello verde marinho e calmo. Era verão; no ar transparente havia brancas palpitações de gaivotas; alguma vela corria ao largo, e as montanhas envoltas em translucidos vapores, deixavam-se adormecer com as legendas de sereias e naus, que as ondas do Tejo iam dizendo ao passar. Então bebé deixou-se avassallar d'um capricho, forçando o professor a tomar café pela tacinha chineza. A historia tinha já corrido entre os convidados, e todos queriam vêr o maravilhoso trabalho da procelana. Encontraram uma velha chicara de pinturas fanadas, inteiramente vulgar como raridade; e muitos riram por compaixão.

—Está maluco, o pobre homem. Uma chicara como outra qualquer!

Entanto a palestra fragmentava-se n'uma grande familiaridade. Era a hora dos licores. Os homens tinham ido fumar para o extremo do terrado. Por baixo d'um vellario escarlate, brancas espaduas sahiam dos corpetes justos; e enroscavam-se á volta das *causeuses*, junto das balaustradas, por traz do piano, opulentas caudas cheias de myosotis e malmequeres. O organista ficára á beira da varanda, n'um grupo de tres ou quatro velhas senhoras; e vagarosamente, servia-se o café pela taça chineza, onde a avósinha tinha vasado um dedal de cognac. Como as creanças, que não tendo passado, fazem por se dar um, sonhando sonhos que d'ordinario se passam no céu, em correrias de cherubins—assim os velhos, não tendo mais futuro, se esforçam por desdobrar a vida, resuscitando em pensamento a mocidade, á proporção que á roda d'elles desfolham as rosas da saude, as calenturas dos affectos intimos, canções de nupcias, magnificencias de belleza... todas as nobres forças que enthronisam o homem na realeza da creação. Este grupo de velhos entrou

por conseguinte a recordar os vinte annos; e era vêr como os olhares se animavam! Uma das senhoras tinha conhecido o organista na abundancia, e descrevia-o ás outras.

—Oh, não imaginam, que perfeito rapaz! E que voz!

Bebé já não fazia senão pedir-lhe que cantasse. Elle ria, embevecido todo n'aquellas memorias ridentes. E os pedidos crescendo—cante, cante...

Então o organista approximou-se mais da balaustrada, ergueu a sua voz tremula de velho:

Houve outr'ora um rei de Thule,
A quem em doce legado,
Deixou a amante, ao morrer,
Um copo de oiro lavrado.

Já o rio escurecia n'um tom plumbeo de noite. E elle aquecido do acolhimento que lhe faziam, o braço hirto sobre a agua, os olhos ternos de cognac, ao deitar o ultimo verso

... e a taça navegando
Por sobre as aguas do mar!

sem querer, deitou a chavena ás ondas.

Veloz como o relampago, sem um latido, o cão precipitára-se d'um salto, aquelle enorme cão de cabeça negra, olhos de china, focinho energico e orelha farta, que quatrocentos annos antes deitára o naufrago sobre o ilheu do oceano indico. Ouviram-no cahir como uma torre, áquella altura, sobre as aguas susurrantes. As velhas damas tinham-se debruçado a vêr, na balaustrada. Parecia desenterrado, com susto, o organista! Mas aquillo durou pouco. O cão revoluteou por instantes na profundeza tragica, veio respirar á superficie umas poucas de vezes, até que appareceu trazendo a taça, onde nos gestos das figurinhas transbordava de novo, o espirito salvo da procelana. Quanto á avósinha, diz ter visto em circuito, á flôr das ondas, romperem as cabeças dos mandarins, n'uma patuscada de rabichos, caretas e *tching-tchong!* Por seu lado, bebé que nada viu, inda agora não póde crêr na historieta. — Sorri, mas sem negar. Tem medo, a doce pequenina, de destruir com alguma fria palavra, aquella phantasia poetica do velho professor.

A CONDESSA

Inda o outro dia tinhamos falado n'isto, entre rapazes, n'um gabinete do Silva — porque hão-de saber já, casou a Laura na terra. Laura, a *condessa,* como para ahi lhe chamavam. Não é verdade que tem graça, muita graça, este casamento? Ella foi evidentemente a filha do seu tempo, com a devassidão calculista, um narizito arrebitado de *chanteuse* de café-concerto, cheia d'elegantes ribaldarias, de gaiatices meudinhas, e canalha d'attitudes, pelo menos, como um barro de Grévin. Esta pequena truffa d'esgoto, espirituosamente tocada d'um fluido, com pós de

Rachel sobre *cold'cream,* e um grande signal preto na orelha, efemera, viva, quasi distincta, participando da borboleta e da jinja, era uma *confiture* preciosa de femea, que mesmo a rir e a beber, tinha secretamente fixa a ideia de um dia se retirar *independente,* do negocio. E á primeira vista, nenhum egoismo latejando nas suas maneiras, ou preoccupação interesseira fazendo mais sombrio o nitido arco das suas sobrancelhas. Eu cá estimava-a, já digo. Quantas e quantas vezes nós falavamos litteratura, trocando cigarros, na penumbra d'um grande *boudoir* Renascença, ornado de cocáres, de que o barão lhe fizera presente!...

Os *principios* envergonhavam-na um pouco. Chegou a confessar-m'o: debutára por creada, a grande escóla da *cocotte* indigena; e talvez por essa razão se deu toda a vida os ridiculos ares, que reputava da melhor sociedade. Perdoemos-lhe a pequena vaidade plebea, em paga das excellentes coisas que possuia, orelhas, labios, dentes; e aquella covinha na barba, quando ria petulantemente nas bochechas dos amigos velhos. Era não sei d'onde, mas quando aos dezoito veio da ter-

ra, trazia o mimo alpestre dos pecegos mal maduros, loira e rosada que dirieis uma pintura de talho, com as suas fórmas em esboço, e as mãos fulvas dos soes das mondas. Um pouco gata nos meneios, é verdade; o narizito arrebitado de certas saloias, sim senhor. Porém forte d'encontros, fragil de punhos, com uma deliciósa boquinha premida aos cantos, não sei dizer como, agradou.—Sobretudo, sympathica!

Deixára um namoro na terra: pois que estas mulheres, como os enredos dos dramas, deixam sempre radiculas no primeiro acto, afim de, reatando n'ellas a acção, se procurarem um desfecho ou um destino, a cuja sombra vivam na velhice. Este namoro foi casto, idyllico, cheio de frescas aspirações d'esponsaes e vida rustica. Ao partir, ella protestára-lhe fidelidade, jurando voltaria com dinheiro para comprarem a horta onde elle nascera e se creara, sob nogueiras verdes, entre sebes e vinhas, ao rumor das noras, e assim poderem ser felizes no casamento.

A casa onde foi servir na cidade, deu-lhe habitos, uma galantaria de penteados, meias de côres e sabonetes caros. Aproveitava os

banhos leitosos de perfumes d'onde sahia a senhora. Reparou nas graças desaproveitadas que tinha, e fel-as valer: as unhas muito esmaltadas, com brilhos de bom sangue, eguaes no desenho e um pouco curvas em garra — os grandes cabellos abrazados no loiro-sol dos climas quentes, frizando galantemente nas pontas — dentes todos sadios, d'esses que as cidades tornaram em objectos de luxo, e vem nos sorrisos das gravuras de modas...

Depois, a reclusão fel- pallida, deu-lhe a anemia gorda que os especialistas preferem ao *foie-gras*, de noite, regada com beijos e champagne, n'esses gabinetes de restaurants que nunca fecham. Dizer que uma tão galante figurinha se dava intuitivamente attitudes Gavarni, é exprimir uma verdade scientifica n'uma fórma talvez paradoxal. Mas ninguem melhor do que ella realisava a desconjunctada elegancia cheia d'artificio, que os caricaturistas inventaram com dois simples traços ondulosos — um para o contorno do busto e do ventre — outro para circumscrever o limite das espaduas e da cinta. Os seus modos fininhos, adocicados de diminutivos; a toada plangente da sua voz, e a sua tossinha de

gato, entraram a captivar os senhores, como um rastro mysterioso de romance. *Madame* achava n'ella um ar inesperado de pessoa fina, e tractava de a ir filiando, pelas relações de semelhança, romanescamente, n'alguma bastardia elegante do seu conhecimento. Quanto ao senhor, mettia-lhe na bocca excellentes pastilhas de chocolate, e ia-lhe correndo a mão bassa, com um geito paternal, pelo queixito de velludo.

—Não vale desconfiar, Laurita, não vale desconfiar.

Na casa, marido e mulher. Elle, o senhor, era um austero gorilha do pariato, calvicia de procurador geral da corôa, mas varrido d'ideias que mettia medo, e já encorpando na obesidade dos sessenta, quando as fortes paixões nos fazem rastejar o cadaver, como um barco desarvorado, aos pés d'uma bella creatura. Depois de jantar, este obelisco da Ordem, que nas grandes solemnidades impunha o aspecto d'uma *vitrine* de commendas e cruzes, tinha o sereno costume de se recolher ao peitilho da sua camisa pingada de brilhan-

tes, ronflando a soneca dos bois fartos, emquanto com honesta alegria, as moscas lhe patinavam a calvicia. Accendiam gaz no corredor, alguem vinha então com passinhos discretos, dizer baixo a *madame*, que estava o tenente Ariosto; e *madame* descia ao rez-do-chão para fazer um Chopin, e fumar cigarrilha, *en garçon*. Na casa de jantar, uma penumbra doce fazia mais grotescas as dentuças dos cães de Fó, doirados, com azas, que aos cantos encimavam jarrões da India, bojudos em misulas d'ebano e tartaruga. E ella abria de vagarinho o batente, vestida de percale roza, com o cabello cortado sobre uns grandes olhos traiçoeiros; e o seu perfil garoto, cheio de delicadezas ineditas, dir-se-hia cortado sobre um desenho d'Adrien Marie ou Rochegrosse. Era o café. O senhor esperava o seu café n'uma *chaise-longue* em marroquim preto, ao lado d'um grande apparador de carvalho do norte, incrustado com fayanças hispano-arabes. E sobre a bandeja de ouro fosco, entre o assucareiro e a chicara, uma garrafa *d'escarchado* brilhava em transparencias claras, de dentro das quaes resahia a esgrouviada *silhouette* d'um ramo d'anis secco.

Ella depunha o serviço na banquinha perto, vasava um calix, bebia primeiro. — Está optimo! E o estalinho da sua lingua fazia passar a somnolencia ao dono da casa.

—Então vamos a isto, Laurita?

—Pois sim, meu senhor.

E como se demorava a temperar-lhe o café, elle ia-lhe passando o braço á volta da cinta, como uma cauda d'orango que cinge o tronco d'uma palmeira excelsa. Dizia-lhe então maganices de velho amoroso, esforçando-se por fazer desfilar o reportorio dos seus dias verdes. Algumas vezes, raras, assentava-a nos seus joelhos, á protectora sombra d'umas suissas de juiz da relação.

—Se ainda ficar viuvo, caso comtigo.

—Ora, não brinque!

—Eh, eh, Laurita! Tens reparado como *madame* tosse de noite e anda magra? Os bailes hão-de leval-a qualquer dia. Que disse o medico?

—Nada. Recommendou socego.

—Eh, eh! Socego. Com o tenente. O tal que vem todas as tardes. Grande, hein? Robusto, hein? Mas elles abraçam-se? Diz.

—O senhor deseja mais alguma coisa? tornava ella aborrecida.

—Eu desejava... desejava... ter outra vez vinte annos. Eh, eh, raparigas do meu tempo!...—e os olhos tenros, molles, com peliculas encarquilhadas de roda, olhos de papagaio que reflecte, exprimiam a lenta e terrivel saudade dos que sem armas, não podem mais vir a campo nos torneios do amor.

Parece, entanto, que as coisas se complicaram, e o senhor entrou com exigencias. A belleza de Laura acanalhava-se em petulancias de grande roda. Mudou de voz, por exemplo, e para qualquer coisa, cantarolava as palavras com tal dolencia, que a senhora erguia os olhos perguntando se a camareira tinha sido educada nas Salezias. Depois a roupa branca, anneis, uns modos de languescer toda pelos *fauteuils* em posições de theatro... Os amigos da casa centuplicavam-se a vel-a; na rua, os janotas deitavam-lhe namoro, gulosos do bom bocado. Uma tarde, depois do jantar, já *madame* tinha descido á sua

pratica com o tenente Ariosto, disse o velho á camareira:

—Amanhã vaes-te embora.

—Jesus! porque?

—Ouve: aqui tens a chave do trinco.

—Mas que fiz eu, senhor?

—Nada; por isso mesmo.

E a pobre, choramingando, branca de susto, tudo era que o senhor a não deitasse a perder.

—É rua das Gaveas, accrescentou o senhor. Tem gaz, shut! Foi o que se pôde arranjar.

—Más o que?

—Casa, é claro.

—E qual, Deus do céu?

—A tua. A nossa! juntou elle melifluamente, roçando-lhe a careca pelas fontes, com a ternura d'um chibato amoroso. E n'uma voz precavida—vaes para tua casa; agora juizinho, pequena! Aqui desconfiam, vem gente a toda a hora, os creados sabem... emfim, n'esta edade, bem vês... Serei o protector, disse elle lacrimoso nos seus gazes.

N'um engasgamento de voz cautelosa, ia dando informações—era um primeiro andar,

sala de *cretone* com mognos e alcatifa, duas oleographias de sultanas na parede, alli o album para retratos... — e d'olho esgazeado dizia os quartos, a larga cama com docel de seda crúa, semeada de ramos de lilaz e papoulas rubras, um rico serviço de *toilette* em Vista Alegre, *bleu ciel,* tapetes de felpa, pequenos *bibelots* de factura barata, piano...

Laura fez-lhe uma careta deliciosa, revirando a sua linguasinha côr de rubim. Saltitando, bulindo, fazendo estalinhos com os dedos, ella apenas sabia perguntar, doida de prazer, como em estribilho:

—E tudo isso é meu?

—Tudo, flôrsinha.

—Está a mangar.

—Na minha posição?

—Pois não acredito, tornava ella. — E como quem procura meio de certeza infallivel:

—Uma pobre rapariga como eu! Emfim, se quer... Olhe, escreva... manda-se o papel ao tabellião...

Mas como o velho fazia um movimento avaro, ella, vendo-se apetecida com loucura, apenas retrucou com modos desabridos:

—Quando não, não!

Foi já n'essa semana que eu a vi em S. Carlos, ainda cheia d'uma *gaucherie* provinciana, era certo, porém trazendo muita vontade d'estudar, e deitando aos homens uns olhares em golpe d'alfange, faiscantes, ellipsoides, que logo tiveram successo. Desde então estava lançada, e atapetavam-lhe o caminho de camelias, e cingiam-lhe o corpo d'ourivesarias scintillantes. As gazetilhas dos jornaes rimavam-lhe declarações, nas impudencias da voga; as *Revistas* faziam ditos sobre as suas desenvolturas; uma casa de modas baptisou um chapéu com o seu nome; e não sei mesmo se no discurso d'algum deputado... Era vêr os poetas, todas as escólas, puristas exhaustos, satanicos excessivos, parnasianos semi-nús, rimando por ella as mais fabulosas coisas, rebuscando imagem onde retratar-lhe a carne lasciva, e adjectivo estridente que fazer soar nos *outeiros* em sua honra.

Ella, n'uma quasi honesta prudencia, apenas cultivava a estima dos velhos que o senhor lhe trazia, tudo pessoas de formato; conselheiros de calvas magnanimas; austeros

governadores do ultramar, mais bronzeados que bandidos; chefes de repartição; capitalistas de barba veneranda; brazileiros em férias, farrapos de nobreza historica... E o seu salão era um bolsim de noite, onde se jogavam os fundos, se decidiam as grossas transacções, organisavam companhias, e descontavam letras... onde o amor tinha um caracter doseado de medicamento energico, que os medicos formulam com prudencia ás inercias dos cacheticos, servindo apenas de preencher os entreactos d'aquelle forte jogo de sexagenarios egoismos. Laura era a princeza, e recebia-os como se recebe o primeiro amante, n'um *deshabillée* ao gosto de cada qual, rescendendo perfumes tepidos de banho, e dando-se sem parecer notar-lhes a cachexia ou o rapé. Pelas ruas, nas cadeiras de S. Carlos, nas frisas da Trindade, ás quintas-feiras no circo, a sua reserva orgulhosa espicaçava os rapazes, furiosos de a não saberem captivar. Era vêr o cuidado que ella punha em toda a sua pessoa, um respeito que a propria belleza lhe inspirava, e porque exoticos processos, dentro do vicio, sabia ter saude. Porque entre a pallidez fatigada das

outras, a fina carnação roliça e branca d'essa rapariga, um tanto á Clodion, punha espanejamentos de flôr e esmaltes de frescura loira. Tinha essas mãos patricias e diaphanas, que Balsac diz se adquirem em cinco seculos d'ociosidade. O seu typo era um epigramma de graça desenvolta — e ninguem possuia mais elastica expansão d'espaduas, nem braços de mais rosada polpa e firme esculptura. Era uma d'estas gulodices rescendendo a baunilha, que vão em bocetas de setim, felicitar aos palacios os ricos anniversarios—nudez sem macula, onde nas transparencias vivas da epiderme; brilhava, vibrando, o diffuso azul das aponevroses. Começava então o seu periodo aureo, com as primeiras inscripções compradas, um guarda joias já rico de pedras e esmaltes, casinhola em Cintra, todos os confortos d'uma pequena proprietaria. Estas coisas deram-lhe a posse d'uma certa altivez entre as collegas; havia muita deliberação nos seus gestos, um grande ar de receber, e essa impudencia tranquilla, insolentemente real, de quem já não receia morrer de fome amanhã. Cascaes roubava o modelo dos seus vestidos, e ia adoptando o es-

tylo dos seus chapéus. E por Cintra, na estação, quando passava a sua caléche litteralmente coberta de flôres, as senhoras diziam entre si, ruborisadas do escandalo:

—É a *condessa,* aquillo.

Entanto, á medida que ella ia embocetando, com lascivias de pantherasinha domada, todos os proventos da sua galante profissão, impava o Chiado de não fazer a sua convivencia. Todas as tardes descia ella ás quatro, com o seu desembaraço d'ingleza, cabellos em *chien* por baixo d'uma telha ogival de setim pallido, que lhe fazia nas palpebras o que era d'um suavissimo crepusculo. E que prazer delicado, vel-a ir com os seus feitios d'original, sapatos de tacão razo, os vestidos apanhados, claros d'estofo, cheios de graciosas *nuances,* e um leque enorme d'ebano, com gallinhas de Gyrão sobre *faille* negro, cahindo á cinta por um cordão de ouro velho—e notar então, como os differentes clubs que escrofulisam desde a Havaneza até aos humbraes do Magalhães e do Bal-

tresqui, soffriam por vêl-a indifferente aos seus buços gentis e frisados.

Eram gastralgicos de ventre alto, trinta annos fanados com primeiros pés de gallinha ao canto das orbitas; pequenos crustaceos de redacção, villegiando na esteira das coristas da Trindade; jovens loiraças d'esporas e vincos cebaceos na copa molle dos feltros; emfim, dominadores ricos, herdeiros do alto commercio, aristocratas de nariz em *bec:* ou glaucos militarsinhos pobres, que o rumor dos breaks elegantes, ou o trote das parelhas em voga, não deixavam resignadamente acceitar a miseravel vida que levavam. A essa hora, affluia toda a cidade áquelle ponto *d'elite;* senhoras em ranchos que voltavam para jantar, n'um giro preguiçoso da tarde, vestidas d'escuro, com passinhos d'ave, e uma gaze ruiva a meio rosto, mosqueada de negro; carros que rolavam nos seus vernizes novos, ou cavallos piaffando para extasi da mocidade garbosa e doirada. A meia ladeira, por aqui, por além, ás esquinas do Seixas, nas lojas d'estampas, ou no *Herculano,* grupos de homens estacionavam, fallando em circuito, sobre a questão dos bispos e o benefi-

cio da Pasqua. E na fadiga das caras, na anciedade dos olhos, em alguns, trahia-se a convulsão d'uma recalcada lucta interior, cortada de derrotas, ou cheia de manhas e ciumes. Laura tinha successo no meio d'aquelle mesclado mundo, que a admittia com uma especie de benevolencia, pela petulancia canalha que ella sabia lançar n'aquella monotonia de gente auctoritaria e séria.

Para prolongar o goso de se sentir olhada, ella parava ás *vitrines,* fingindo captivar-se d'alguma bugiganga cara, afim d'ouvir o que ficavam dizendo; ou ia apertar com um gesto vibrante, n'um grande intuito de tom, a mão d'algum amigo solido, reputação feita, fortuna grave, e barba branca. Assim entre intimos, como uns bons associados, ficavam com ella um bocado, palestrando á porta das tabacarias. Laura pedia lume para accender a sua cigarrilha turca, falavam um bocado no que ia, os que tinham casado, os que iam morrendo — e de repente, como um alegre rapaz que se despede, partia d'olhos altos, cantarolando uma aria de caça, risonha, descuidada, familiar na cidade como uma rainha na sua capital, rua abaixo, n'uma d'essas

plasticas magnificamente modernas, victoriosas, deslumbrantes, onde batem pulso, juvenilidades sobrexcitadas de vicios.

Entanto, a vez chegou, em que ao sangue d'essa creatura veio uma revolta do instincto, ao rebate da volupia bestial do sexo despertado em sobresalto — uma especie de colera turva, brusca, verde, subterranea, contra a humilhação de se entregar sem prazer, aos descarnados satyros, que nem traziam força ao amplexo, nem punham aroma no beijo. Aquelle officio de se offerecer sem pulsação, aos vicios babados e estranhos da cafila de veneraveis — vicios que eram antes reminiscencia de antigos habitos, do que a satisfação d'uma gula permittida como anomalia, áquella altura dos annos — aquelle officio, em cuja vilania ella mal considerára, manchava-a agora, subitamente, na mais intima feminilidade do seu ser, como uma nodoa na plumagem branca d'um cysne — e pela primeira vez ella se viu hedionda, no espelho em que usava recompôr os seus risos rutilos de bacchante.

—Sabes? disse ella á Concha, de repente,

uma noite, na opera. Faço leilão, vou-me embora. Estou farta!

—Algum desastre? quiz a outra saber.

—Não. Vou-me casar: quero dormir só.

E a Concha, uma ossea que viera de Cadiz na ultima remonta: — Casas-te, casas-te! Então estás tu doente.

—Não.

—Casamento de fortuna, um velho sem familia...

—Não.

—Mas com a carreira tão bonita que levas...

—Ai! disse ella frenetica, rasgando o lenço com os dentes. Os homens aborrecem-me. Fazem de nós escravas, fazem-nos mal... De maneira que vou ser séria. Meu marido dará um rapaz encantador, tanto mais que nunca amou outra mulher. Tem dentes verdadeiros, elle! E cabellos seus, alli pretinhos. Imagina tu, que ha seis annos assisto todas as noites ao tirar de dentaduras postiças, céus de bocca de metal, cabelleiras falsas, e pernas d'algodão. Quasi todos os grandes homens d'este paiz são de desaparafusar! Inda o anno passado, aquelle caso do Mendes...

Ao deitar-se desarticulou braços e pernas: eu esqueço-me de fechar aquillo bem n'uma gaveta. Pela manhã, o creado, sem reparar, atira com tudo ao barril... e lá foram as pernas e braços do homem na carroça. Agora vereis a imprensa! CRIME HORROROSO! em lettras formidaveis. HOMEM ESQUARTEJADO! Cada artigo!... *A policia prosegue em investigações, a vêr se acha o tronco do infeliz.* Pobre tronco do Mendes! Lá está arrumado no sotão, entre velhas latas de bolacha e caixotes de chapéus usados. Mas esta vida entre postiços deprava as mulheres. É preciso ter vergonha! — e abalou sem lhe apertar a mão, irritada, mal disposta essa noite.

Assisti ao leilão da *condessa*.

Tinha vinte e cinco annos, uma riquezasinha de roupas, pratas e inscripções. Soberba de quadris, admiravelmente branca d'epiderme, bons cabellos, a mais deliciosa voz de contralto... Esta phantastica flôr da lama, musa do vicio ligeiro, abandonou de repente a estufa em que desabrochára, para se ir murchar á sombra verde das nogueiras, do

hortejo onde tinha nascido. Teve por ventura a nostalgia dos largos céus abobadados por sobre as tranquillas regiões campestres — capricho singular da podridão!—Eis um riquissimo assumpto para tractar em azulejo, desenrolando-o por alguma vasta escadaria d'edificio moral. Ou então fazel-o retinir, como se fôra uma pandeireta basca, pelos numeros de musica d'algum caprichoso *maestrino*. O caso foi que ella partiu.

Quando chegou á aldeia, veio tudo ás portas, julgando-a alguma senhora fidalga. O namorado attonito, batido da humilhação que ella lhe dava, com os olhos humidos e a voz perturbada, nem sabia falar deante d'ella; e tudo era dizer comsigo, o pobre alarve, que mãosinhas assim brancas, e unhas assim polidas, se não tinham gasto por certo em loiças de cosinha e esfregas de sobrados, lá na cidade. Mas ao mesmo tempo, que musica lhe vinha das suas macias falas, que brilho inquieto o dos olhos, e que sobrancerias de duqueza! Ah, prouvera a Deus que a rapariga nunca tivesse deixado a aldeia! Entanto abriam-se as malas de Laura, sahiram os vestidos de seda, os *bournous* de mil ca-

prichosos tecidos, os *deshabillées* da Marie bordados de contas, as caixas de luvas, as meias de seda com abertos delicados e *baguettes* subtis; e plumas, camisas de hollanda impudicas de rendas maravilhosas, cofres de braceletes fulvos, molhos de fitas, *blondès, fichus,* um mundo emfim de pequenos nadas seductores. Ella poz aquillo tudo de banda, vendeu as joias n'uma feira, deu as sedas ás Nossas Senhoras da freguezia, e foi vestir simplesmente os fatos com que sahira da aldeia. Entrou nos cazebres da horta; inda viu a um lado, negrejando, o velho forno de coser o pão; do outro lado, o casinholo dos porcos; ao fundo a nora que rangia n'uma cantilena plangente; e larangeiras para além, nogueiras altas, sebes de piteiras e silvados... Aquillo fez-lhe tristeza.

E quando elle appareceu em mangas de camisa, com um feixe de herva ao quadril, ella achou-o bello como outr'ora, e casaram, porque o pobre diabo adorava-a! Nunca lhe passára da memoria aquelle vermelho riso de cereja, cuja frescura lhe endoidecera tantas noites d'insomnia, no fundo d'um catre de pinho, onde jámais roçára sombra d'outra

mulher. Mas não são felizes. Os filhos não chegam. Ella absorve longos dias a fumar, scismando nos esgotos que abandonou. Elle desconfia de todo o mundo, emquanto todo o mundo se encarrega de lhe justificar as desconfianças. E nas horas lugubres, como se vae fazendo taciturno, tomado d'uma curiosidade medonha, vem agarral-a pelas costas, furioso d'amor, crispado, amarello, e pergunta-lhe:

—Como ganhaste tu aquelle dinheiro? Diz. Não te bato.

Ella empallidece, baixa a cabeça, não responde — mas qualquer dia vão achal-a morta na cama.

QUARENTA E DOIS CONTOS

Em casa da velha foi um alvoroço, quando, aberta a carta do Brazil, o velho leu que os filhos chegavam em Maio. Como seria a nora? Toda a rua conheceu logo tão pujante novidade. Na manhã seguinte, como a velha desceu a compras, o mercado inteiro lhe dava os parabens.

Estava-se em Dezembro, as grandes noites de Dezembro, que a ventania instrumenta á maneira de Wagner, batidas de chuvadas, frigidas e inclementes de passar nas mansardas e nas enxovias. A bahia do Tejo, ella mesma tão limpida d'uso, andava ameaçado-

ra com os temporaes; nevoas e aguaceiros toldavam a barra; furiosas vagas vinham rebentar nas amuradas dos caes; e para além de vinte dias que nem um só barco de pesca se aventurava ao largo, por essa costa arreganhada de rochedos.

—Olhem quem andar n'essas aguas, lá fóra! dizia o cazal compadecido, antes de se metter em valle de lençoes.

Felizmente, *elles* inda não estavam a caminho. E a velha ás escondidas do velho, planeava nova lojeca em plena Carreira dos Cavallos, mesmo no sitio onde falira a outra, com ricos tabacos, loiças, miudezas, que désse bem nas trombas dos maldizentes. Já se vê, tudo posto com dinheiro que o filho havia de largar. Porém o velho a occultas da velha, elle tambem, grande manhoso! não passava sem recozer lá por dentro, uma ambiçãosita, a seu turno; qual a de se offerecer um salter dos caros, d'aquelles bons, que o filho do Brazil havia de pagar.

—E lá mais para o diante...

Desde que a loja findára, a vida tinha começado a baixar n'aquelle interior regalão, que de habituado ás commodidades e bons

bocados, atirava os moveis e batia o pé, se acaso os bons bocados faltavam.

Em ambos elles, os annos, cheios de pequenos vicios commodistas, ao canto do lume, d'estomago farto, tinham comido a loja onça por onça, panella por panella, agulha por agulha; as fazendas foram baixando nas estantes, os freguezes debandavam á socapa; mas o peor foi que o velho começou a gostar d'aguardente, pela manhãsita cedo, á sociedade com dois ou tres figos passados. Loja vendida, viveram d'empenhar algum oiro que a velha ia buscar ao bahu dos seus tempos de rapariga. A paixão d'ella era café, café forte, café quente, d'esse que retesa as velhas que nem gatas mortas. Ora adeus! Iam chegar os filhos de burra prenhe e generosidade sem recusas. Toca a pagodear com os restos que havia, toca a empenhar, toca a beber! E empiteiravam-se de sucia, fazendo pelos dias afóra, altercações sem descanço nem treguas.

Ha individuos, aos quaes nunca ha que perguntar. São sujeitos sem vida exterior, sem episodios que referir, mal humorados, concentrados, macambuzios. O velho era um.

Mas desde a carta do Brazil que esse surdo caracter mudára, e não havia agora christão que abordando o borracho, lhe não deparasse logo o humor aberto, e confidencias prestes na orla dos beiços.

—Então quando chega o homem?

—O nosso homem!

—O diabo do homem!—e ahi começavam as historias, as noticias, as esperanças; se elle viria gordo, magro, amarello, preto, rico ou pobre. Quanto á riqueza, era um nunca acabar de supposições e anciosos calculos.

—Mas diga você cá, amigo velho: mais de trinta contos traz elle, isso traz?—E o piteireiro de nariz em malagueta, olhitos piscos, um bambolear de figura sobre os tacões mal firmes, regougava na meia avidez d'um frascario:

—Upa! Jacintinho, upa!

Isto exacerbava cubiças em toda a Carreira dos Cavallos. Mais de trinta, ouviram? Já os amigos cresciam á volta do cazal, crucitando como corvos á volta de burro pôdre. Se por aqui, o velho de bolsilho quente, satisfazia copinhos á bella rapaziada, por

além, a velha ia regalando as comadres com chicaras d'um café superfino que vendia o Martins só para figurões do sitio. Acabado o dinheiro, vá de pedir emprestado, pois que ia chegar oirinho fresco — alli puro que até parece peneirado pelos pretos! trauteava a desavergonhada. Acaba Fevereiro, entra Março, Abril começa... Mal luz o buraco, todas as manhãs, ahi vae o amigo velho matar o bicho na tasca do *Mil Homens;* e á volta, por essas lojas, conversando o seu caso com filaucias de pessoa rica:

—Hoje em dia, com os paquetes ou o que é, o Brazil ficà a um suspiro de distancia. É como além Cacilhas, percebem? Só por gosto se viaja!

A velha pavoneava o estadão d'uma fidalga, mentalmente, é verdade.

Certa manhã batem á porta. Vão vêr; uma carroça com malas, macacos, uma sucia de papagaios... Reboliço em toda a Carreira dos Cavallos!

—Ora adeus, nosso filho.

—Como *pássou, nossô* pae?

A velha tinha-se dado preparatoriamente um choro, de grande effeito em corações de viajante. Por seu lado, o velho em grandes palavras, grandes gestos, entrára a contar das saudades curtidas desde que lhe abalára o filho. Ah, tinha-se chorado muito, muito, chorado muito! A ponto da cauda! lhes fazer uma sede... Se o Brazil estava no mesmo sitio?

—E tua mulher? O teu filho? saltou a velha recobrando alentos.

E n'este momento entrou em scena uma negrita de fala assucarada, timida, receosa, com ademanes d'escrava, a qual trazia ao colo um pequenito de extraordinaria vivacidade.

—Eh! Eh! nossa filha, disse o velho: folgo de a vêr, seremos amigos, assim o espero. E cá nosso neto? proseguia elle, indo para o pequerrucho espantadiço e selvagem na sua grenha clara, em cuja branca pelle despolida e bassa, havia as saburras do sangue negro da mãe. Pozeram-se á vontade; as malas tinham subido, toda a rua estava ás janellas a commentar a chegada do brazileiro, e discorria sobre uma pequena mala de

coiro que lhe vira a tiracolo. Quanto será? Quanto não será? — Uns falavam nos trinta, outros não davam tanto, alguns iam até dobrar a parada. E o velho agilhoado, tudo era que o filho fosse pôr a mala no quarto. E o filho, nada!

—Eh! Eh! fez o mariola piscando os olhitos. Tens ahi o milho, rapaz, bem se vê.

Os olhos da velha fuzilaram. — Onde? Onde? dizia ella estendendo o gasnete. Cada qual referiu o que tinha feito na ausencia. O filho accumulára com mil esforços, um peculio para o pequeno.

—Quanto a nós, vamos mal. Fechamos a porta, gastamos o dinheiro...

—Por tua causa, redarguiu pressurosamente a velha. Não bebesses!

—Por tua, rompeu o velho desassombrado. Não bebesses! — e cada um pretendia chamar o brazileiro de parte, para lhe fazer as queixas do outro.

—Ouve cá, Zézinho. Além o senhor teu pae...

—Não, ouve cá. Has-de saber que além tua mãe... A nora intercedia por ambos com o seu bom coração d'expatriada. Afinal a ve-

lha decidiu-se, pediu dinheiro. Mas o velho nem a deixou acabar, pediu tambem.

Todavia o ricaço, muito refastelado, olho molle, mala sobre o ventre, as duas manapolas na mala, apenas grunhia ouvindo a lamuria: *havemos di vêr, havemos di vêr.* E o seu riso affrontava-os como um lixo que se atira á cara. Nenhum se adaptava á recusa porém; insistiam, voltavam á carga heroicamente, inventando miseria e pobreza — *havemos di vêr! havemos di vêr!* — e permanecia obeso, mudo, intraduzivel como um judas empalhado, o inflexivel brazileiro. A voz dos velhos então explosiu, a velha invocou a sua auctoridade de mãe. E batida, regougava: mau filho! no que o velho achou, já se vê, toda a razão. Mas ao jantar, o bom humor restabeleceu curso na familia, com as graças do pequenito, e um moscatel engarrafado que o brazileiro mandou buscar ao Martins da tenda. O brazileiro disse mesmo, expansivamente, as suas esperanças no futuro, as suas ambições e tendencias. E os olhos d'elle devoravam o filho! Viera por fazer-lhe a educação cuidada: e declarou que se ia dedicar ao negocio de vinhos e cereaes. E pondo a

mala na meza, dando-lhe em cima uma palmada, exclamou que tinha alli o que ganhára por fóra, nem mais cinco réis possuia!

—Pois sim, disse o velho, mas quanto não ha n'essa maleta?

A velha opinou de lado: — mais de trinta contos, hein? Sentia-se abrazar pronunciando, trinta contos. O velho alongou a mão tremula, onde cada dedo, sendo possivel, se tornaria um ladrão. E pallido, ia apalpando a mala por todos os lados, o que produzia na velha ciumes freneticos.

—Deixa! que estás tu ahi a mecher!

Por sua vez ella estendia aduncamente os dedos carcomidos, para os correr de vagarinho sobre o cabedal da maleta, a verificar com um cuidado minucioso a fechadura de segredo.

—São trinta, hein? trinta? — e como o brazileiro não respondia, ella de subito, com uma gula nas pupillas verdes:

—Deixa-m'os vêr. Não és capaz.

—Não, tornou o brazileiro. Depois.

A velha não se conteve, e disse logo:

—Desconfias. Ahi está para que nós parimos os filhos!

A sua mão tateava sempre a pequena mala, seguindo a expansão que ella fazia ao centro, e as linhas salientes dos objectos que parecia encerrar. E de repellão, como se a roubassem:

—Eh! aqui só ha papeis? Então tu, enganas-me? Mas pacientemente, por acalmar-lhe a cubiça, o filho explicava que por facilidade de condução tinha reduzido tudo a notas do banco.

—Muitas, muitas? Cada nota, de quanto, Zézinho?—e sem transição, pondo n'elle os olhos coruscantes de bruxa:

—Desconfia de teu pae. Já me roubou, shut!

O brazileiro subiu com a mulher. Fecharam-se no quarto, e era noite profunda, ainda elles n'um borborinho de vozes, estavam conferenciando. A velha, imaginem, andava sobre carvões accesos, chegando a ir de gatinhas no corredor em trevas, espreitar pelas frinchas da porta. Afinal, quando o brazileiro pediu luz, levou-lhe uma palmatoria, e ainda os viu, marido e mulher, fazendo massos de notas, muitos, muitos, por cima da meza.

Ah ladrões, ah cães! — e ella sem a sua chicara de café.

Era verdade. Lá em cima, o brazileiro contava essa fortunasinha alcançada em vinte annos de labutar sem treguas. Tinha embarcado creança, moço de bordo, n'um transatlantico ronceiro de Lisboa. Um viajante desembarcou-o, por lhe achar a cara sympathica — outro fez d'elle seu creado; tempos depois estava marçano no Rio. Annos, longos annos, a sua vida foi a heroica vida do colono portuguez na America, incansavel, faminta, cheia de honra e intimos supplicios. Mas um folego d'ambição aligeirava-lhe a figura quadrada, porque lhe ria nos longes, a lucida esperança de voltar um dia ao seu cantinho portuguez, tão amado e tão livre, cujos serenos céus e costas floridas, dir-se-hia acolherem com festa cada filho prodigo que lhes volta, alquebrado de produzir em terra estranha. Já remediado, quando ia preparar-se a ganhar fortuna solida, a doença do estomago entrára a fazel-o nostalgico; os medicos tinham-lhe aconselhado o regresso de todo; e

alli estava elle com o armazem liquidado, o seu rico dinheiro e o seu filho.

Era um rude homem com azia e honestidade por quatro, sempre babando-se de surpreza ante as gracinhas da creança, que está de vêr, abusava.

Essa noite, apenas o pae abriu a maleta, o pequeno quiz vêr o que estava dentro. Notas. Pediu uma das mais bonitas. Depois outra, e outra. Em pé, junto da meza, o pae fazia lotes de notas, que a mulher depois de conferir, arrumava dentro d'uma velha caixa de figos, achada ao canto da peça. E fóra, indo e vindo, puchando a porta impaciente, a velha de minuto a minuto gritava que tinham a casa atulhada de visitas, e era necessario descer.

—Lá vae, lá vae. Iam findar.

Deduzindo despezas a fazer na installação, pequenos gastos de roupa e mobilia, inda ficava um peculio redondo que os ia mergulhar deliciosamente na abundancia. Compraria alguma quinta n'um sitio encantado dos arredores, sob a paz centenaria das grandes arvores, ou n'algum trecho de costa domi-

nando a larga paisagem do oceano. E a velha fóra:

—Despachem-se, entrou o Miranda, diz que te quer dar um abraço.

—Ah, sim, o Miranda. Tambem, findara a contagem. Ora o Miranda! Tão amigos em petizes. Ha bom tempo. Emfim, quarenta e dois contos! Bonita quantia!

Deu um grande beijo na mulher, cujos olhos ardentes se adoçaram.

—Eh, deixa lá as saudades, coração ao largo! Vamos passar como principes, has-de vêr. Aqui um bello clima, tudo barato... E toca a ir á modista para que faça de ti uma senhorita.—Nunca estivera tão expansivo, nunca! Porque, francamente, sentia-se feliz. Quarenta e dois contos. Mas na escada uma grossa voz subia, gritando entre risadas alegres:

—Pois o ladrão foge dos amigos velhos? Esperem. Arrombo já essa porta que vae tudo em fanicos!

Era pois o Miranda, era elle, o terrivel Miranda da Bempostinha. Agarrou na mão da mulher, abriu a porta—o velho adeante, com um candieiro de petroleo, guiava o Mi-

randa pelo corredor... E sem dar tempo do brazileiro fazer um passo para o amigo, disse-lhe em voz saccudida:

—Desconfia de tua mãe. Já me roubou. Shut! Desconfia d'ella.

E desceram.

O pequenito viu-se então sósinho deante dos quarenta e dois contos. Horas em Rilhafolles. Uma véla ardia sobre a meza, ao lado da caixa de figos, empilhada de notas. E depois de passear algum tempo no quarto, com desejos de prender a attenção em qualquer coisa, Cazuza acabou por vir junto da meza e subir lesto á cadeira, afim de vêr melhor. A sua idéa n'esse momento, foi mecher na vela e assoprar a luz. Mas decididamente enfastiava-se: e o labio cahia-lhe de tedio ao pé de quarenta e dois contos! Mirou uma nota destroncada dos massos. Como papel ella era o que havia de mais velho. Ridicula nota! Cazuza pensou que nem valeria a pena fazel-a em fanicos. Cheia de nomes nas costas, rasgada nas extremidades, e guardando no todo a physionomia reles d'um farrapo, aquella

migalha de papel fazia nojo. Os dedos de Cazuza tomaram-n'a ao acaso por uma das pontas, moveram-n'a algum tempo para os rasgões se fazerem maiores... E de queixito na mão, uma gota de desdem no seu labio grosso de mulato, elle exprimia ante aquelle papel assim estragado, a mais desdenhosa piedade. N'isto estalaram taboas no corredor.

Cazuza assustou-se; e deixando escorregar o cotovello pela meza, zás! com um safanão, mordeu a lingua. Agora vereis a furia do gentiosinho! Todo elle chispava! Chorar não. Cazuza não chora. Mas obedecendo a uma exigencia intima de vingar-se, que o sangue lhe dicta, e dirieis fatal no seu pequenino ser selvagem, rasgou a nota n'um ronronar de tigre humilhado.

Porém Cazuza mordera a lingua na ponta, aquella pontasinha tão ricamente nervosa e retractil, que ao correr sobre o labio á caça dos ultimos succos da gulodice sorvida, parece uma sardonica surprehendendo á bocca da sua caverna, descuidosas formigas que passam. A mordedura em tal ponto deixa uma dôr lancinante que sobrexcita os nervos todos, e crispa as mãos em garras d'estran-

gular alguem. Essa dôr não cessa logo, mas ondula, apaga-se, volta cheia de colera, e por mais de cinco minutos faz-nos todos n'uma convulsão. Cazuza, que ficou precisamente sobrexcitado assim, com as suas mãos imperiosas arrojou pela meza a caixa das notas. A dôr porém vinha, mais aguçada, tortural-o: agora, furibundo da caixa ter fugido, elle estendeu os bracitos, afim de a reconduzir contra si. Afinal apanhára-a: carregou n'ella com o peso do estomago; mesmo dobrado, pretendia espedaçal-a com as unhas; e no desespero de a não poder destruir, cravava os dentinhos nas notas, e saccudia-as como doido por cima da banca. N'um d'esses solavancos cahiu a vela, que ficou um instante a arder sobre os papeis dispersos, ao tempo que os infiltrava da stearina fundida. Cazuza não levantou a vela; uma chamma começou a lamber um dos maços, primeiro azul tenue, depois côr de oiro—e cresceu, avigorou-se, fazendo uma grande voluta por cima dos papeis em monte. Cazuza muito attento, gosava do incendio, com a serenidade de Nero, mirando dos seus terrados a magnifica Roma chammejando na noite. A esse tempo,

no corredor tenebroso, os dois velhos escamugidos da sala, cada um por seu lado, vinham encontrar as mãos no fecho da porta do quarto, onde Cazuza ficára encerrado. A mesma ideia, parece, os conduzira. A velha tinha sido a primeira; e pela escada, apagando o rumor dos sapatos nas velhas taboas que rangiam, umas poucas de vezes parára, desconfiando que era seguida. Ergueu então o fecho da porta. Diabo! fechada á chave. Sentiu-se tomar d'uma furia incalculavel — e veio-lhe a ideia de retrahir com uma faca a lingueta da fechadura. Ia já descer, quando de repente as suas mãos tocaram n'uma roupa: logo adivinhou que era o velho, e a mesma imprecação explosiu nas duas boccas:

— Ladra!

— Ladrão!

— Vae-te embora d'aqui!

— Vae tu! e empurravam-se n'uma excitação de cubiça profunda.

— Sabes, disse o velho offegante; com uma faca é que era. Vae buscar uma lá baixo.

O melro! Emquanto ella descesse, a porta cederia, e elle tirava o dinheiro, lançando-lhe

talvez as culpas por cima. E na sombra, a velha teve um sorriso cruel.

—Ouve, lembrou o velho, chama-se o rapaz, vozinha doce, vá.

—Mas se elles levaram a chave.

—Ah, que grandecissimos ladrões!

Deixaram cahir os braços desalentados. Mas a velha ganhou audacia.

—Nada de ceremonias! Arromba-se.

De novo metteram hombros á porta, embalde porém.

—Não posso, não posso, disse o velho.

—Nem para isso você serve, rosnava com desprezo a mulher. E empurrava-o.

—Ande, sua besta, força!

O suor cobria as duas caras.—Despacha-te, despacha-te, tornava a mulher com frenesi.

Quando viram pelas frinchas avermelhar-se uma grande luz. Diabo! Espreitaram: a caixa de notas ardia toda. Ah, inferno do rapaz! Era fogo! Raios partam o ventre que te gerou! Chama gente. É fogo! Não quero ficar a pedir esmola, não quero! Chama gente, dizia a velha. Mas o velho desconfiado, não ia. Agarrou na mulher por um braço, precipitando-a violentamente na escada. Era

já medonha a claridade. Acudam, acudam! Por toda a casa os berros foram soando. O brazileiro chegou correndo; ao abrir a porta, inda viu Cazuza de pé na cadeira, rubro, impassivel, compenetrado, atiçando fogo ás ultimas notas.

—Ah, *papai!* exclamou a creança n'um riso encantador. Não fez mal, *ô minino*... e mostrava as mãositas tisnadas, orgulhoso de não ter feito a mais leve queimadura.

—Bem, disse o pobre homem muito pallido. Tornamos amanhã para o Brazil.

OS CABELLOS D'ALZIRA

E quando emfim, comido o farnel, nos pozémos á vontade, o homem bebeu ainda um copo de vinho, e passando-me uma tangerina esbrugada, exclamou:

—Aposto que já não se recorda de mim...

Confessei que já me não recordava. Elle, com as sobrancelhas erguidas, um riso parvo:

—Veja bem!

Não, não me lembrava, realmente.

—Sou o Carvalho, da Junta—informou, passado tempo.

E como a minha cara permanecia fechada, o homem fez ainda um esforço, e muito pállido:

—Houve um desfalque, demittiram-me... Então não se recorda? até veiu no jornal... E se não entro em cofre, com a quantia, tão cedo...

—Sim, sim, respondi eu. E agora que faz?

— Vivo na provincia... amanuense da repartição de fazenda em Arroyollos. Terra medonha! ha-de ter ouvido...

—Terra medonha!

—E tudo por causa da minha mulher. Olhe que a gente sempre faz cada tolice!

Despejou no copo o resto do vinho da garrafa, e eu sentia na sua meia embriaguez babujar uma lufa-lufa de confidencias, — d'essas que em certos momentos se hão-de fazer por força, graves que sejam, ao ouvido do primeiro indifferente que passe.

— Que isto de minha mulher tinha para se contar! Olá se tinha! Eu n'esse tempo era um tanço. Mais de sete annos mettido no collegio dos jesuitas... E quando ia a fazer dezoito, meu pae morreu. Uma tia, que me chamou para sua casa, a primeira coisa que fez foi constituir-me herdeiro das inscripções, e a segunda coisa casar-me. Ah, soubesse eu o que sei agora! O casamento — disse elle abrindo os olhos, que se esforçou por tornar minazes: o casamento só é bom com mulheres ca-

sadas, — veja o senhor se me entende! — e ha-de ser ás escondidas dos maridos.

Houve um silencio, durante o qual nós trocamos, *à la bonne franquette*, as nossas bolsas de tabaco. Elle então amezendou-se n'um canto do wagon, e sem me fitar, começou a dizer a sua historia de marido desthronado.

Tinha reparado n'ella a primeira vez n'um jantar da tia Barbara, dia de Reis, quando ia a servir-se o perú com agriões. Vinte e dois annos incompletos: ella muitas prendas de bordados, e a arte de repenicar no piano alguma d'essas cançonetas velhacas, a que o assobio das ruas déra voga. Não podia talvez chamar-se uma formosura: — a bôcca mesmo era um pouco grande, o queixo voltava um pouco em cauda d'escorpião; — mas seduzia, com um não sei que de profano e estonteador que lhe fugia dos olhos cheios de flammas, ou lhe vinha talvez da canalhice das valsas que tocava, ou lhe vinha do nome (nome d'Alzira, meu caro senhor!), ou então d'aquelles seus cabellos, tamanhos, tão pretos, tão espessos, tão profundos, que toda a gente na rua se voltava para prender uma exclamação ás suas tenebrosissimas espiraes.

— Exclamações foram ellas, meu caro senhor, que me cresceram na testa, mais duras que o ama-

nuensado em que estou vegetando ha oito mezes!

Qual a razão por que, tempos depois de a ouvir cantarolar as coplas dos *Sinos*, n'aquelle serão de Reis da tia Barbara, eu me achei n'um trem do Zaróla, á porta da egreja dos Anjos, com Alzira de branco, meu sogro de casaca, e a tia Barbara vestida de madrinha, eis o que nunca serei capaz de me explicar. O nosso namoro tinha sido curtissimo, e deixou-me apenas a impressão tocante de havermos quinado ao loto duas vezes. A tia Barbara dizia Alzira prendada, e acreditei-a. Minha sogra muitas vezes m'a pintou como um anjo celeste de bondade. Mas só ao amanhecer da primeira noite, quando eu a vi bem n'um roupão de flanella verde, pállida ainda das nupcias que tivera, e coberta, litteralmente coberta com os cabellos que toda a gente lhe invejava; só então eu senti uma paixão alancear-me o fundo do peito, e invadir-me, avassallar-me, escravizar-me, preparando em mim o maior pelintra que a terra tem deitado.

A nossa vida a principio, pouco ou quasi nada teve de anormal. Tinhamos ao almoço a classica *omelette*, dois pratos do meio a cada jantar: e aos domingos, quando a tia Barbara preparava glorio-

samente o seu pudim de ovos, abria-se uma garrafa de Porto, que nos vendia o Martins da tenda, a razão de libra por duzia, e tinha a vantagem de ser peor do que o de vinte e cinco tostões. O cyclo das nossas relações tambem era modesto: havia um Ribeiro que tinha sido escrivão da alfandega em Africa, e se gabava de ser, dos cavalheiros presentes, o unico que tinha provado do verdadeiro café — o que se chama café, minha rica senhora! — pessoa estreita, sinistra, côr de cobre, com um tremor de mãos, d'antigos habitos alcoolicos, e grandes cicatrizes rôxas pelo queixo. Havia um Neves, mestre dos comparsas de S. Carlos, o cabello em repas romanticas sobre os hombros, a barba escanhoada, e que se referia sempre ás operas, dizendo — *Hoje CANTAMOS o Propheta! Amanhã CANTAMOS o Fausto*... E afóra o dr. Santos e a esposa, sexagenarios tristes, abeatados, a quem tinham morrido os filhos todos tisicos, afóra o Guedes, que tinha predios ao Salitre, e collaborava em todas as subscripções do *Seculo*, com dois tostões e uma carta affirmando os seus principios, as pessoas das nossas relações acabavam no pharmaceutico Ariosto, mal-a senhora sua mana, e emfim, no seductor Cardoso, rapaz de boa piada, d'ao pé de Lamego, que promovido a

tenente, passara a fazer serviço na guarda municipal. Ora, devo dizer que foi por este Cardoso que minha esposa, a sr.ª D. Alzira, começou.

— Quem é que não tem um Cardoso na vida? disse eu.

— Apresentaram-m'o n'uma terça-feira gorda, em casa da tia Barbara, quando eu lá fui acompanhar minha mulher, que para fazer surpreza ao jantar, tivéra a idéa de se mascarar de fada, n'esse dia. Á primeira observação, Cardoso era na realidade um lindo homem, um pouco fero talvez, mas bem espaldado, teso de gambia, e uma bigodeira a recordar os lendarios dragões d'opera-comica. Escusado pois dizer que foi elle, n'esse dia d'entrudo, o alvo de todas as brincadeiras das senhoras. A D. Edwiges, irmã do boticario, espetou-lhe nas abas da farda, só á sua banda, alguns quatorze ou quinze rabo-levas. A tia Barbara, fez-lhe inchar as mãos com pó de talco; e Alzira polvilhou-lhe os cabellos com papellinhos de folha d'ouro, dizendo que na sua qualidade de fada, o ia transformar em principe encantado.

— E transformou...

— Mezes depois, segundo inferi d'uma sessão em que os fui surprehender uma tarde, ao voltar da secretaria.

— Realmente, exclamei eu, o exercito é a mais nefasta das instituições, em tempo de paz.

— Ah, por todos os motivos!

— Mas principalmente por este.

— Eu cá sempre fui pelo desarmamento. Raro é o militar que, desde que não tenha a defender o principio da autonomia, se não deite a atacar o principio da familia.

— Que em boas razões, acrescentei eu, a tropa deve ir sempre fazendo exercicio.

— Pois sim! Mas ataquem as praças, sem, como o outro que diz, darem cabo das obras de defeza. Minha mulher, senhor, não era nenhum forte da Graça!

— V. Senhoria que o diz...

— Até esse dia, os cabellos d'Alzira, posto admirados, não tinham ganho ainda fóros de prodigio; e se nos jantares da tia Barbara, o pharmaceutico Ariosto e o Guedes, o Neves, o Ribeiro, e até o proprio velho dr. Santos, se permittiam cortar a conversa de quando em quando, com um áparte elogioso a respeito da cabelleira florestal de minha mulher, é certo que muita vêz aquelles cavalheiros se dignaram interrompel-a tambem, com sinceros

louvores á intelligencia e altas qualidades do marido.

Desde o jantar d'entrudo porém, que essa admiração começára a exceder os limites da simples homenagem artistica, para cair n'uma basbaqueira que me não promettia nada de bom. A proposito de qualquer coisa, eram o Cardoso e o Neves vindo a Alzira com olhos de carneiro, a pedir-lhe, sob pretexto d'apostas, que desprendesse as tranças pela espadua, a fim de lhe medirem o comprimento.

E o mariola do Cardoso não se pejava de nas minhas proprias barbas ajudar Alzira n'esta tarefa de se desgrenhar para deslumbramento dos outros troca-tintas! Emfim, os cabellos de Alzira foram fallados, ultrapassando, nas azas da fama, a circumferencia modesta das nossas relações, e saindo as portas, que sei eu? para os mais reconditos sitios da provincia.

Um dia estava eu, depois do almoço, percorrendo o jornal dos *Pirylampos*, deparam-se-me uns versos

Alzira das longas tranças,
Das tranças da côr d'amora.

E vejo a assignatura do Cardoso por baixo. —Bom!

Alzira impava; a proposito de tudo, não fazia senão fallar nos seus cabellos... os meus cabellos assim, os meus cabellos assado...; e coincidia isto com eu os achar agora por toda a parte, em retratos sentimentaes nas montras dos photographos, em nodoas oleosas nas travesseirinhas do meu leito e no cretone dos meus sophás; por cima da meza, em grandes embrulhos; nos meus papeis e nos meus pentes; em sonhos, na sopa, e até, veja o senhor, nos medalhões de relogio, de quazi toda a rapaziada de lá da Junta!

Na Avenida, aonde iamos passear todos os domingos, de braço dado, quando a gente passa era um rumor...

—La vae a *mulher fatal*. (Chamavam a Alzira a mulher fatal!) Caramba! diziam todos. É o primeiro cabello de Lisboa!

Confesso que esta admiração geral me lisonjeava, como se no meu coiro cabelludo estivesse nascida uma parte d'aquella incommensuravel cabelleira. E apesar d'algumas desagradaveis calumnias que ás vezes me zoaram o miolo, cheguei a sentir uma verdadeira vaidade em mostrar pelas ruas, minha mulher. Alzira em compensação não fazia gosto

nenhum na minha pessoa — e ao fim de nove mezes de casados, já se não envergonhava de me chamar *chochinha* diante do Cardoso e d'outros mais.

Ninguem é capaz de me tirar da cabeça, que a minha vida ainda se endireitava a tempo, se eu tenho ferrado uma bolacha nas ventas d'Alzira, e posto o Cardoso na rua, logo da primeira vez em que ella se atrevera a chamar-me *chochinha* deante d'elle! Mas minha mulher era o meu fraco.

Eu estava soffrendo a fascinação da sua celebridade; e confesso que apesar dos seus maus tratos, dos seus desdens, e da sua já suspeitada infidelidade, nunca a minha vida tinha sido melhor, nem mais feliz.

Mesmo quando uma mulher tem amantes, o marido, meu caro senhor, sempre é o marido! Alzira começava então a romper com os seus ridiculosinhos de burgueza, e a tornar-se uma mulher de elegancias raras e de verdadeira estatura senhorial. Nunca mais ella podera esquecer o dito d'um janota, d'uma occasião em que passavamos ao Chiado: «Mal empregados cabellos n'um vestidosinho tão mal feito!» Até ali, os vestidos de Alzira era a costureira da tia Barbara quem nos fazia. Mas á

piada do janota, minha mulher declarou terminantemente que estava farta, e que nunca mais vestiria senão da Emilia d'Abreu.

E assim, em tres *toilettes* de inverno devorou ella os meus ordenados d'um anno!

Os vestidos requereram joias, chapeus e boas caras, espartilhos de pellucia, meias de seda e leques de plumas com scenas campestres pintadas a aguarella. Renovámos inteiramente a mobilia da sala e da casa do jantar; um pintor do *Leão* foi chamado a decorar o tecto da nossa alcova, com uma especie de patifaria mythologica, a tres figuras— um cysne, Leda, e creio que um veado (havia de ser um veado!) nos planos secundarios.

Já por esse tempo ella fôra tomando habitos de mundaneidade: camarote em todas as primeiras representações; um chá das cinco horas, com doçarias russas e pequenos actores que diziam monologos suspeitos; carruagens ao mez, creados de casaca... Chegava-me a casa, todas as tardes, carregada de coisas magnificas, em linhos de meza, louças do Japão, pratas, crystaes, que ella adquiria nos armazens d'antiguidades, por sommas de que eu só mais tarde vim a conhecer a cifra exacta. E nos *fauteuils* do circo, a minha tortura era vel-a fallar alto com os janotas, ter um nome de guerra,

e rir escandalosamente das pantominas dos palhaços. Ai, se aquella minha santa e modesta tia Barbara fosse viva!...

Um dia foram taes as infamias que ouvi dizer no elevador, a respeito das suas aventuras, que entrei em casa resolvido a fazer entrar as coisas nos seus eixos. Alzira ensaiava, com o Cardoso e o Neves, uma comedia que os tres haviam de representar, domingo de Paschoa, no theatrinho da Praça das Flores. Eu estava positivamente á mingua de recursos: já tinha sido forçado a rebater n'um agiota, por tuta e meia, cerca de dois annos dos meus ordenados... devia dinheiro a toda a gente, ao Cardoso, ao Ribeiro, ao Neves, ao dr. Santos... e de ha muito que as inscripções da tia Barbara haviam começado a ser derretidas em patacos!

Com a colera nos olhos, os cabellos de pé, e a voz gorgelejante nas guellas, entrei na sala, e declarei que não consentiria nunca que mulher minha representasse em publico, significando aos dois meliantes o quanto me era desagradavel vêl-os de joelhos aos pés d'Alzira, emquanto eu na repartição, sem lunch, nem confortos, ouvia a toda a hora rabecadas do meu chefe. Elles ao principio sorriam-se, e o Cardoso ainda quiz chasquear da minha austeridade; mas como eu gritei para a cosi-

nha — jantar na mesa! — os dois abalaram, reservando-se virem continuar o ensaio quando eu estivesse de humores mais consociaveis.

Apenas ficámos sós, Alzira veiu para mim como uma furia, e erguendo o seu murro á altura das minhas inviolaveis narinas, deu-me um qualificativo medonho, em que por igual se revelaram a traição d'ella e o meu consentimento. Nada deante dos criados ella omittiu então para colorir as revelações mais hediondas do seu vicio; nem as suas noites dadas por dinheiro, nem as partidas na *Feiteira* e na *Estephania,* fóra de portas, com vadios e toureiros de profissão; nem as suas contas feitas nos *restaurants* de noite, nos armazens de mobilia, nas modistas e nas cocheiras de trens d'aluguel, por cima de cujas facturas se estampava o meu nome, como o de um caloteiro á revelia. Escancarando as gavetas, ella atirava-me ás ventas massos de cartas, sobre que eu me precipitava como um doido, n'ellas bebendo todas as provas irrecusaveis dos seus delictos. E só n'essa hora é que eu verdadeiramente sondei, a toda a altura, a vertiginosa immensidão da minha deshonra. Sommado tudo, devia mais de sete contos de reis por essas casas; e de meu nem sequer possuia o valor de cinco reis.

Na vida de um malandro, só uma coisa ha desagradavel: o principio. Esse é terrivel. Mas quando a gente já se começa a sentir familiar c'o novo estado, o senhor não calcula que secretas delicias se experimentam. Ha o quer que seja de cavalleiroso em percorrer as ruas n'uma attitude desprezivel, de escarro na cara, e absolutamente livre das peias que de ordinario restringem os appetites e os meios de acção dos chamados homens honestos. Do meu estado aliás pittoresco d'esposo traido, Alzira me empurrou sem esforço, para o mais que todos aventuroso officio de ladrão, aonde eu cheguei a desenvolver talentos raros, falsificando firmas e titulos de divida, em termos de extorquir dos cofres da Junta, em oito mezes, lá para o pé de nove contos de reis. É já bonito, hein? E minha mulher, entretanto, envelhecia.

A mesma artificiosa frescura da sua pelle se alcachinára. Tinha os olhos mortiços, amarellos de bilis na sclerotica, semi-circulos de rugas de roda da bocca, até ao queixo, a voz canalha: e sob as complicadas pinturas, os banhos excitantes, os perfumes esthesicos, a sua desenvoltura quebrara-se e tinha começado a soffrer intercadencias.

Por toda a parte agora, o meu devorante vicio era seguil-a, de longe, de perto, fosse a que hora fosse, a espreitar nas escadas dos restaurantes, á porta dos gabinetes, o rouquejo da sua voz rindo na orgia, entre os deboxados que sabendo-me perto, de proposito excitavam contra mim a sua loquacidade.

E este fim de cortezã cada vez mais rendia escrava a minha adoração! Agora, a cara de Alzira como que refloria para mim de uma belleza vedada aos outros homens: era uma transfiguração perversa e inconfessavel, despertada na minha alma pela especie de volupia que me trazia ao espirito a lembrança das suas abominações velhas e novas, e pelo sobrehumano prestigio d'esses cabellos immensos, cada vez mais profundos, cada vez mais turbulentos, cada vez mais tenebrosos — esses cabellos de mulher que me tinham perdido, e que ainda hoje me dão vertigens, attraindo-me, como a corrente de um rio, aos suicidas...

Era o momento do comboio ir a parar na Casa Branca. O homem desalojou a sua mala da prateleira de rede da carruagem: com um movimento secco abrira a portinhola: e sem olhar para mim:

— Ha só uma que eu não perdoarei nunca áquelle diabo...

E quando ia a descer o estribo, ouvi-lhe ainda:

—Como é que foi que eu, com esta fama de esperto, só depois d'arruinado percebi que os cabellos d'ella eram postiços?!

SENTIMENTAL JOURNEY

É monomania agora vêr terras, colher impressões, viajar.

Quasi todos os meus amigos viajam, e um d'elles, Teixeira Gomes, a phantasia mais estravagante que eu ainda pude admirar em portuguez, e que anda flanando actualmente pela Italia, — á medida que prosegue no seu pittoresco itinerario, de aldeia em aldeia, e ruinaria em ruinaria, expede-me pelo correio, nas costas de photographias de paisagens e monumentos, o seu diario intimo de touriste.

« . . . se alguma vez fôres a Genova e te fallarem no *Albergo Isotta,* foge, meu filho! É capaz de esfollar toda a familia Rothschild, accrescendo que

tem cosinha peor que os *Irmãos Unidos*, sem o confortavel de se poderem cuspir os caroços das azeitonas para as caras dos commensaes que ficam defronte... Florença possue jardins surprehendentes, flôres unicas, mas cheira tudo a ourina de gato.

Impossivel encontrar n'outra cidade, estatuas e igrejas como aqui. Entanto não ha visão que dê o perfil da minha criada de hotel—lombriga tragica, que tem no corpo de Sarah Bernhardt a cabeça do Dante, e a fistula lacrimal da nossa grande revolucionaria Angelina Michel... Encontrei em Venesa um fura-vidas que me dá o typo de certos espertalhões que por ahi fazem fortuna. O homem vae a Roma pedir aos ministros uma importante concessão: descobriu a receita de matar piolhos sem estalo. Não pódes calcular o barulho que isto está fazendo em Italia.»

Este diario provocou-me o furor de viajar, e como eu tenho por Londres e Paris o culto de um vencido da vida, deliberei c'o meu sacco de noite e o meu varino, o irmos todos trez a Santarem. Passamos lá trez dias. E conto na volta afixar os meus desdens por *esta porcaria de Lisboa*, como, no seu jantar de desforço, á mesa do Bragança, semanalmente fazem os nove ou dez cormorans *soireux* que Lisboa conhece.

Todavia, como eu não tenho na mala, além d'um cachimbo e duas camisas de flanella, outros companheiros elegantes a cujo seio confiar estas notas de viagem, e é meu proposito inscrever-me, com um pequeno obulo que seja, na grande obra da regeneração social do meu paiz, d'aqui as endereço aos jornaes, a fim de que os vencidos da vida saibam como é que se diverte um vencedor.

Logo na *gare* de Santa Apolonia eu comecei a insuflar o forte e grande ar das viagens, e a comprehender emfim como é que se póde voltar a Lisboa com todos os tics d'uma personalidade superior, quando se tem no passado seis horas de caminho de ferro, rotulos de estações francezas na bagagem, e uma conta de ceia por dez francos, mulher e tudo, n'um restaurante rançoso do *boulevard*. Á portinhola da carruagem, duas hespanholas despedem-se, com abraços de angustia e beijos cheios de phrenesi. A que fica, recommenda muito á que parte, o cesto das queijadas; e como o comboio se demora, desanda a passear na *gare*, pelo braço do figurão de suissas que a acompanha. A das queijadas desata então n'um choro exaustinado. Evidentemente vae para uma terra peor. A machina silva. Lá volta a outra hespanhola, já risonha, dengando o enorme leque, aonde está pintada uma corrida.

— *Que haces, Rosa?* — a choramingas lhe pergunta.

— *Me estoy coqueteando, Consuelo.*

E n'esta magana palavra, que resume a hespanhola, se resumiu afinal a despedida.

Companheiros de viagem: um barbaças terrivel, que está ageitando com mimo, sobre o *plaid,* um prestigioso cesto de morangos; uma dama de bonet de lontra e veu castanho, que parece uma Nossa Senhora das Dôres, atravessada no chinó por quatro espadas de latão; e finalmente, um gordo menino d'olho frascario, e com duas especies de nalgas nos sobr'olhos. Ninguem me fita; a chuva cae; e n'aquella athmosphera concentrada de silencio, eu sinto a minha intelligencia ajoelhar perante o artigo de fundo do *Noticias.* Versa sobre o que ha para admirar na capital: d'esta vez é uma fonte que Pero Annes arrasou em 1682, e que desappareceu portanto ha duzentos annos. Caspitè! Se todos os monumentos de Lisboa são assim!...

Passamos Olivaes, Alverca, Alhandra; os campos alastram-se, e o Tejo corre-nos sempre á portinhola do trem, como um gallego a quem se não pagou o frete do hahú.

De repente cruza o nosso comboio um trem de bois ratinhos. Eh, boa manhã, meus camaradas! Os pobres bois quem me contemplam, tão tristes, com os seus olhos molhados de captivos!

E o barbaças, voltando-se:

—No dia em que, cahido o homem, o boi passar a ser o rei da creação, temos de pagar caro os *roast-beefs* que comemos!

Faço-lhe a vénia; e na barba d'elle, sob o chapeu tombado, abre-se um rir de inexgotavel mocidade.

Na minha singeleza de glabaro, não ha barba nenhuma comprida, que me não infunda a suspeita de ter sido alugada n'um cabelleireiro. A d'este é fina, excessivamente negra, em grandes ondas, e nascida um pouco por toda a parte da cara, d'onde uma barba toda póde brotar — sem offender quem está presente.

Aquelle sorriso anima-me a encaral-o. Aonde vou? pergunta elle. Digo-lhe tudo, e se me cálo, a sua mão cruel estende-se de golpe para o cesto dos morangos. Quando a historia termina, o cesto destapa-se dos grosseiros fétos que o enramam, e eis que os morangos sorriem, em tons de rosa e carne de creança, perfumados d'essencias, carnosos como tetinhas de leite virginal, frescos e leves

como bon-bons de chocolate, e a recordar-me, não sei porque, alguns d'aquelles radiosos idyllios das *Aquarellas* de João Diniz.

—Vá de comer.

—Muito obrigado ao cavalheiro.

—Coma! já disse.

A minha recusa timida fez-lhe arreganhar os sobr'olhos estevosos: os seus olhos claros fuzilam de rancores; altera-se-lhe a voz... Valha-me Deus! E em vez do pacifico barbaças de ha pouco, tenho ante mim o phantasma mitrado de Dario, dos *Persas* d'Eschylo! Nunca como n'aquella hora, eu tive nitida a visão de que sob aquella barba dramatica, uma barba em cinco actos, com um prologo de cabellos que lhe crescia das ventas, e um epilogo de lannugem a repuxar-lhe dos ouvidos, era impossivel que não viajasse commigo, disfarçado, o dramaturgo Santa Rita. Ai, Nossa Senhora! e eu a dizer, o cavalheiro!

Lá se aproxima: é formidavel, de faulha na iris, de chapeu para a nuca, o cesto erguido. E eu livido, vencido, acceito-lhe os morangos emfim: mas vou mirando sempre a mão que elle tem implacavelmente mettida n'algibeira, e que tanto póde segurar um punhal, como uma peça: em qualquer caso, a morte inevitavel.

—Porquanto, me dizia um amigo, de grandes faccinoras se conta, terem feito dos cabazes de morangos *guet-apans*...

Tosando a herva d'um prado, um cavallinho passa, todo esperto, a crina hirsuta, o ar independente: um cavallinho que, modestia áparte, se não parece nada com os das libras, e se parece commigo immensamente. Entre cavallo e burro, vão dous passos: razão porque os meus olhos poizaram no menino gordanchudo. Tem duas malhas vermelhas sobre a cara, dezenove annos talvez, e dois pés espheroidaes, mettidos n'umas botinas redondas, que mais lhe accentuam ainda o aspecto de bezerrinho de luxo. Está lendo o *Seculo,* e coisa d'assombro, parece comprehender o que sòletra, o estuporsinho. Com dezenove annos, já sceptico! É o que tem sahir uma pessoa chumbada nos exames.

A historia d'este menino é coisa feita. Aos vinte e um annos voltará de vez para a sua terra, seduzirá algumas raparigas, dirá mal dos governos: deputado em seguida... É a historia de todos os idiotas. Sendo natural que o façam visconde, tarde ou cedo, escusa o morgadinho de ir ao Tombo remexer o fundilho das cruzadas d'onde brotou a ge-

nealogia do senhor seu pae. Ponha quatro ferraduras em campo... d'Ourique, e conte que tem brazões para muito tempo.

Duas estações além, sahiu o das barbas com o cesto em meio, depois de me expressar o quanto o havia penhorado a minha vivacidade, despertada alfim pela completa franqueza brutal da sua offerta, e fazendo votos por ainda me vêr na propriedade agricola em que reside, para além do Carregado algumas leguas.

E quando o comboio tornou a partir, verifiquei que o menino gordo tresmalhára tambem, ficando na carruagem commigo, apenas a dama do bonnet de lontra. É o que os physionomistas chamam uma bellesa d'expressão, e o que os amadores convictos da femea classificam pelo irreverencioso epitheto d'atanado. Cincoenta annos que nem sequer já se podem madrigalisar pela velha galantaria do — *duas vezes vinte e cinco.* Carcaça alta, espartilhada em baleias que mais parecem as talas d'um apparelho de fractura; cabellos abundantes de mais para terem nascido n'uma cabeça só; e disparidade tal entre a brancura bassa do rosto, e a morenidão cebosa do cachaço, que o observador fica perple-

xo, não sabendo qual preferir — ou que a dama tenha o pescoço sujo, ou então o focinho besuntado. Admittamos ambas as calumnias: em primeiro logar que ella se pinta, e em segundo logar que se não lava. São mui frequentes as Venus, que devem uma parte dos seus encantos ao patchoulisinho natural!

Peço-lhe um phosphoro. Toda se indigna. Pois com tão rebarbativa presença, sempre me persuadi que ella fumasse.

N'isto foi a conversa interrompida por um cacarejar ligeiro de volatil. Sobresalta-se a dama, e um magnifico ovo vem rolando de sob as saias d'ella, pelo tapete fóra do wagon.

Eu, vá de rir! Tinha-a visto esconder uma gallinha peada, debaixo do divan da carruagem, apenas entrára. E agora, perante aquelle acto natural de maternidade, a dama tinha começado a exprimir surprezas pudicas.

—Ora esta, um ovo! Mas quem poria aqui este ovo!

Resposta minha:

—De tres que vamos aqui na carruagem, a gallinha, v. ex.ª e eu, o mais attreito a posturas tem sido até hoje, se me não engano, a gallinacea.

O aspecto da dama era severo.

—Saiba senhor, exclamou ella, que a minha gallinha é bastante bem educada para não pôr deante de gente.

—N'esse caso, deve ter sido algum de nós; ou antes, seria v. ex.ª...

—?!

—Porquanto este criado seu, minha senhora, pelos previlegios especiaes do seu temperamento e do seu sexo, está prohibido de pôr outra coisa que não seja um ramo aos pés de v. ex.ª, ou então—aqui o seu pésinho.

—Senhor insolente! eu nunca puz...

—Isso é modestia, minha senhora.

—Mas emfim, este ovo?...

—E se nós o estrellassemos...

Ella pareceu concentrar-se alguns segundos, dizer como o Hamlet—*Estrellar ou não estrellar, eis a questão!*

—Tanto mais, fui eu dizendo, que descobri o processo d'estrellar os ovos sem caçarolla, nem manteiga.

Toda era ouvidos. Fiquei recolhido o bastante para pôr a tratos de polé a sua curiosidade. E espaçando as palavras:

—... bastará metter outra vez o ovo na galli-

nha... chegar-lhe um phosphoro ás pennas da barriga...

— O que diz elle?

—... d'alli a nada, vem o ovo lá de dentro, estrelladinho, e ha vantagem de ficar o intestino da ave cheio de—canja.

A SENHORA MINISTRA

Ante-hontem á noite, no Colyseu, reunião da Lisboa *hautement placée*. S. Carlos não dera espectaculo; por fórma que todo o mundo ocioso e *huileux* (aspirando muito o *h*) fez convergir para os funambulos as suas attenções. Casa cheia. Na arena, todos os homens da companhia em toilette verde garrafa, varrendo o terreno ou mudando os tapetes, sem descalçar a luva branca da etiqueta. Nas galerias, solerte, insolente, o homemsinho das piadas que fazem rir o publico, e são por via de regra a adaptação, ao caso comico do momento, do estribilho posto em voga pelo successo d'uma opereta ou revista do anno. Hespanholas

muitas, algumas bonitas, algumas feias, e a maior parte nem bonitas nem feias. As capas negras, ornadas de martha, descendo á orla do vestido, e colando-se por fórma a desenharem a esculptura esvasada do busto, com o relevo das duas ansas dos braços: as capas são o successo d'este inverno, para aquellas aves migradoras do amor, nas suas façanhas de cuté e restaurant.

Coberta por um d'esses sombrios mantos de gorgorão de seda, velludo ou cachemire, fechado por uma golilha de lontra, a capota em ogiva, ornada d'uma *aigrette* d'ave do paraiso, toda a mulher guarda, assim vista de noite, em passinho furtivo, certo ar de conspiradora, certo picante audaz d'aventureira, a cujo rastro o chronista penderia, sem mór dispendio de *verve*, duas columnas ou tres d'entrecho dramatico.

Esta andaluza que eu digo, não póde a gente inscrevel-a sinceramente no album das formosas. É captivante: inda melhor, *tintamarresca!* Com uma breve cabecinha de toutinegra, e grandes olhos de violeta, abrasados na febre dorida das insomnias, inquieta, pequena, rindo de lado, e fitando a gente á traição, subitamente, em plena face, ella está sempre persuadida de que agrada, e Lisboa lhe tapisa os asfaltos, com a flôr d'estames

d'oiro da homenagem amorosa. Veste quasi sempre d'escuro, uma seda austera, em grandes pregas, bordaduras sombrias no corpete, dois olhos de gato nas orelhas; e os labios, fendidos ao centro, como as cerejas, por um sulco, esses labios que o pimento das ceias congestiona, dizem ás vezes na sua mudez pintada, perversidades que o mesmo Petronio se recusaria a contar das saturnaes da Roma imperial. Passa já de seis dias que mudou de nome, a fragil creatura. Agora, quando ella passa, os janotas curvados, dizem-lhe n'um respeito que oscilla entre a ironia e a cordealidade:

—Senhora ministra, senhora ministra...

Ella baixa um pouco o seu biquinho d'ave frio-renta, sorrindo sob a *voilette* mordida d'estrellinhas de velludo. *Senhora ministra!* E porque não? Não impera a sua leviandade de rola da India, soberana e despotica, ainda hoje, no coração do seu amante? Que ella bata na alcova o pé, d'impaciencia: o illustre homem publico empallidecerá. Quando soube que fôra assignado o decreto que conferia não sei que posto ao Chiquito do seu coração, a principio não gostou. Quem lhe havia de tractar dos macacos d'ali por deante? Ministro! Um valdevinos como Chiquito!

Entanto, consolou-se breve. Os macaquitos iam talvez esperecer de tristeza, longe das caricias e momices d'aquelle seu irmão de leite. Mas compensando, irradiava-lhe na alma a visão orgulhosa da importancia a ganhar, mostrando o focinhito roseo á cidade, por entre as fitas d'aquella pasta vermelha de ministro. E todas as glorias da vaidade escancarando-lhe as portas do successo indiscutido, n'esse *demi-monde* que ás vezes se permittia escarnecer os seus ademanes de viuva, e o seu nariz arrebitado de hortaliceira! Modistas abrindo-lhe contas nos seus *ateliers!* Galantes marialvas vindo de chapeu na mão entregar-lhe memoriaes. Paes de familia referindo-lhe as miserias do seu *ménage*. Banqueiros chamando-lhe as attenções para os dividendos d'uma companhia de diamantes em Alpalhão...—E depois, não é tudo. Quando os jornaes entrassem a insinuar do poder que ella exercia na gerencia do ministerio, toda agachada como uma gatinha franceza, por detraz dos biombos amarellos do gabinete de sua excellencia? Quando fosse publico como ella domara com os seus caprichos de nevrosada, um dos mais impertinentes mandarins da governança?

E doida, começando malagueñas que não con-

tinuava, indo da guitarra para o piano, do salão para a cosinha, pulando, gralhando, batendo as palmas, ella parecia um demonio familiar e encantador, d'esses que presidem no inferno ao derruir das supremas felicidades d'este mundo.

— A senhora ministra, a senhora ministra!...

Beber, bebia pouco. O Champagne fazia-lhe vertingens. O cognac que dá ao espirito de muitas, irisações de safira, e mordentes crús de diamante, o cognac apenas conseguia embrutecer as tresloucadas fórmas da sua verve original. Outros vicios no entanto sublimavam o genio d'esta vagabunda extraordinaria. Por exemplo, jogava — e com uma graça inquietante e incomparavel.

Supersticiosa, vendo as coisas da vida atravez um tabernaculo sinistro de fatalidade, eil-a sempre agitada em palpites infalliveis, sonhando numeros felizes, combinando artificios de roleta, fugindo do panno verde em dias de mau presagio, e correndo a perder até ao ultimo ceitil, pelo contrario, n'aquelles dias prescriptos pela crendice inherente ao seu sangue de guitana. Viam-n'a, depois das ceias, quando a palestra arrastava, e desciam com somno as palpebras dos dorminhocos, erguer de repente a cabecita de serpe, tirar o baralho do bolso, para organisar entre quatro ou cinco uma

batotinha de familia, ao canto do sophá, n'um angulo da meza, ou sobre a alcatifa enxovalhada das botas e da cinza dos charutos. Ella sabia todos os trucs, detalhava os episodios do jogo com o vocabulario mais vernaculo do vicio, propondo variantes, inventando *botes* ineditos, seguindo phreneticamente as casuaes circumvoluções da parada, com gestos de doida e gritos lacerantes de parida.

Levada d'inexplicaveis cubiças, açulada, cada vez mais, na ganancia irregular que se impozera, uma noite, como não achasse parceiros no restaurant d'onde sahia, ella aventurou-se a entrar publicamente n'uma casa de batota. E foi doloroso, a principio. Por baixo da mesa os jogadores beliscavam-n'a, o fumo dos cachimbos quasi lhe dera asphixia. Mas que escruciantes emoções tão cáras aos seus nervos desequilibrados! Que horriveis grandes surprezas! Que phrenesis mal contidos! Que hystericos gritos, escapados d'instincto, do seu peito contrahido, á espera d'um resultado!—Dentro de pouco estava familiarisada na casa. Uma especie de condescendencia risonha entre os jogadores, fôra anichando pouco a pouco, nas emoliencias da culpa partilhada, esse pittoresco prurido de rapariga estroina, que estalando para alem das mesquinhas impressões do seu meio, quizera pro-

var das crispaturas prohibidas do jogo, dos terrores, das violencias, dos assombros, dos espasmos e dos crimes, que põem tetanos na espinha dorsal da creatura, e alevantam do somno estranhos pezadellos.

Dentro de pouco era uma celebridade entre os *guriteiros* que volitam, como corujas, em espiroides noctambulas, das espeluncas do Arco do Bandeira, até ás *partidas* finas do Largo de S. Carlos e da rua Garrett. A vida occasional, derivada das fluctuações da roleta, trouxe-lhe alternativas d'opulencia e de penuria. E foi na batota que os dois se ligaram: ella, simples horisontal de vestidos modestos; elle, amanuensando entre a redacção biliosa d'um jornal politico, e a cubiça accesa n'um *fauteuil* de deputado. Lentamente a fortuna viera então correr sobre a lomba d'esse par aventureiro, o capricho da sua mão traidora e setinosa. A roleta os arrastou talvez dos escuros paizes da fome, até ao fóco da evidencia e da voga. E foi assim uma viagem phantastica e inolvidavel! Jogando, elle chegou a ministro, compromettendo capitaes que não possuia, a honra, o dinheiro, o talento — illu-

dindo a boa fé dos ingenuos, semeando promessas no espirito dos ambiciosos, ouvindo dizer meias palavras ao ouvido dos que a vaidade allucinava... Jogando, ella conseguiu pôr na cabeça a corôa de imperatriz da *haute noce* lisbonense. Comediantes sinistros que nenhum remorso amedronta!

E quando estiverem sós, esses dois fructos opimos da podridão contemporanea, hão-de saudar talvez pela voz do mesmo sarcasmo a capital que os tolera e applaude, e admira, como vivas torpezas brotadas da aventura, crescendo na crapula, e desfraldando aos ventos da tolerancia o mesmo pavilhão d'impudencia victoriosa.

DE NOITE

—

Cinco horas, seis horas... a noite desce, e o *angelus* desaggrega-se dos sinos, pelos ares, como uma voz de concordia apaziguando os homens cançados de se trahirem durante um dia inteiro.

Da barra vão subindo vagarosamente uns leves chuviscos: o ronronar da cidade cresce e descrimina-se em ruidos multiplices, no concavo da noite; e é a hora dos pequenos burguezes terem acabado de jantar, e dos estudantes ociosos colherem no acaso das ruas, a amarga e fanada flor de uma aventura.

Um a um, os lampeões de gaz accendem as as suas luzinhas vermelhentas, em funebres fiei-

ras, que parece fazerem nas ruas grandes perspectivas de enterros. Os garotos apregoam jornaes e os cautelleiros, cautellas: sob as arvores das praças, ao longo dos asphaltos marginaes das ruas, escuros formigueiros de gente hesitam, vão e voltam, phosphorentes os olhos, os gestos torturados, como se uma inquietação começasse a desoriental-os.

As lojas illuminam as suas *étalages* de camisas, moveis, retratos, loiças, confecções; passam os americanos como grandes bichos de conta, surdos e achatados; e nos fócos de luz que escorrem das *vitrines*, sobre os passeios, n'uma inundação cruel de claridades, subito, as figurinhas dos viandantes esclarecem-se — mulheres apressadas, cujos tacões mordem a lama, n'um tic de bonecas e de adulteras, carvoeiros e janotas, barretes e chapéos altos — typos diversos ruminando interesses diversos, egoismos reconditos amortalhando em mysantropia exterior, o brazido das suas insaciaveis ambições.

Já a essa hora as illuminações teem augmentado, e nas janellas das casas ha moribundos brilhos discretos de candieiros, sombras que se desfazem, correndo na brancura dos *stores* e das vidraças; e a gentana cresce, acotovella-se, confunde-se,

apagando os cambiantes de estofos na mesma uniformidade de vultos pardacentos: e tocada de vertingem eil-a circula de roda aos quarteirões das casas, cada vez mais inquieta, cada vez mais exasperada, e como entretida n'alguma extravagante ronda de funambulos.

De quando em quando, ás esquinas dos predios, de roda do banco de uma praça, no boqueirão de treva de um arco ou d'um portal, fazem-se remoinhos bruscos de transeuntes, instantaneas paragens, como se aquellas creaturas todas andassem automaticas, desinteressadas, pedindo ao acaso da rua uma emoção.

Por cima dos predios, socego! O ceu ganhou uma cor de nankin lugubre e morta, sem estrellas, zebrada com farrapos de nevoa, d'onde goteja o tedio em perolas lethaes: e os olhos que se erguem cá do fundo das ruas mosqueadas de luzeiros, contra essa escuridão terrifica dos ares, os olhos vêem os cucurutos dos predios apagarem-se n'um vago, e os fios do telegrapho em pautas de musica, de esquina a esquina, reluzirem vagamente, como outras tantas cordas de uma harpa, aonde em surdina vibrasse o *De profundis* d'uma raça de escravos e truões.

Vista do cimo dos montes, a essa hora, a cidade perdeu completamente a configuração burgueza que havia á luz do sol, para tornar-se n'uma indefinida necropole de assustadoras perspectivas, que vem d'uma banda engastar-se na curvatura do rio, em quanto pelas outras se arrasta e prolonga em successões de casarias, luzes, sombras e reflexos, que nos dão a illusão d'ella proseguir sem acabar, até ao fim do mundo.

É do adro da Graça que Lisboa deve ser mirada n'uma noite sem lua, quando já os rumores dos bairros altos se teem apaziguado, deixando o ouvido então sugar lucidamente o *tohu-bohu* que se evola da Baixa, em trepidações ondulatorias, desde o Terreiro do Paço até ao Rocio, e subindo d'ahi pelo regueirão do antigo Valverde, cujo leito alargado deu a Avenida, até ao deserto negro de Valpereiro e Santa Martha.

Postado na amura que fecha o adro da egreja, a cavalleiro n'um morro secco, percebe-se á esquerda o monte do Castello, que parece emergir d'um charco de tinta, e elle mesmo esbatido em negro, sem gradações nem claro-escuros, recortando-se n'um fundo de ceu cinzento, d'agua do Tejo, e casarias esburacadas de luzeiros. Aquillo é

phantastico, e recorda um bastidor do *Macbeth*, com o seu diadema chato de muralhas, um torreão dentado ao canto da alcaçova tenebrosa, e a espessa negridão da sua grande massa.

Á direita, da outra banda do quadro, é Nossa Senhora do Monte: vê-se uma fiada de luzes bordando a calçada que conduz do Terreirinho até ao adro da ermida, e o dorso da montanha manchado de casas novas, quintaes, mirantes, cujas superficies refrangem a claridade de quasi todo o valle que lhe fica aos pés.

Entre esta ermida e o Castello a casaria atropella-se de corrida, descendo em assoisses de tectos, cunhaes, ruellas, igrejotas, cada vez com mais pressa, até aos profundos valles do centro da cidade, e para alem d'elles, dobrando a colina de S. Pedro d'Alcantara e S. Roque, eil-a se estende, agora plana, mais regular, placidamente, a engastar na fimbria do ceu vago e chuviscoso. É assim um grande leque de casarões, de que a noite não deixa aperceber senão bocados, e de cuja sobranceria soturna a phantasia só evoca monstruosidades e tragedias.

N'aquella enorme mancha a preto e branco, semelhante a um pesadello hugoesco que Goya e Rembrandt houvessem reproduzido a agua forte, a

vista, uma vez repousada do sobresalto da primeira visão, compraz-se agora em procurar na tumultuosa embryogenia das fórmas, sitios familiares por ella conhecidos, como outros tantos pontos de referencia para a apreciação geral do panorama.

Descendo a montanha, ella encontra primeiro a grande mole dos hospitaes—o Desterro, S. Lazaro e S. José,—hirta e soturna, sem luzes, com um sino rouco batendo os quartos de hora de agonia —mole viva e sinistra, feita de grandes edificios quadrilongos, que antes parecem troncos d'animaes, canzarrões dantescos, que a todo o instante estivessem ladrando ao transeunte:

—Passa de largo! Passa de largo! quem por aqui passa deixa a vida!

Recua um pouco, e seguindo um filete de luz comprido e zigzagueante, reconhece de subito a rua Nova da Palma, em cujo extremo um fogareiro, o Colyseu, chammeja por todos os buracos das janellas. Retrocede então por ella, e ao fim de caminhar alguns segundos, chega a uma massa de sombra caliginosa, a Mouraria. Hesita um pouco; ali os predios são velhos, as ruas estreitas, nenhuma reverberação de gaz lambe as paredes... entanto a vista salta-lhe por cima, e lá consegue

penetrar n'essa caixa oblonga, sem tampa, e singularmente luminosa do Rocio.

N'este corpo de monstro escamoso e phosphorente, que é Lisboa de noite, feito de placas, corcovas, pernas, ankiloses, ha um systema arterial desenhado a luzes de gaz, por cujos grandes vasos carroçam movimento e vida; e um systema nervoso para a repercussão das suas grandes miserias e das suas grandes dôres.

O coração do primeiro é o quadrilatero chammejante do Rocio. O encephalo do segundo parece ser a grande massa dos edificios hospitalares. D'aquelle Rocio claro e saltante brota de facto um ruido incessante em catadupas, que parece crescer, ter raivas, sobresaltos; e é feito do rodar dos trens, dos silvos dos tramways, dos pregãos dos jornaes, e das convulsivas vozes de centenas de boccas que peroram, palestram, dizem mal — ruido gerado ali mesmo, e propulsando ao longe, atravez a rosacea das ruas, todos quantos fremitos a população áquella hora da noite ainda póde conter de actividade. Como um coração que expede para os differentes pontos do corpo as hematias da vida, assim d'aquella praça o gaz se ramifica, n'um escorpião d'arterias luminosas, que descem e sobem, mergulham e afloram os tecidos profundos dos bairros,

coleando e luzindo... a Avenida, S. Pedro d'Alcantara, a rua Aurea — e para todos os lados luzinhas bruxuleam, pelas arterias somenos da cidade, té se perderem nas ilhotas de sombra, aonde os vicios dormem, e a pobreza espatina entre a miseria e a taberna, como um rato de esgoto entre duas ratoeiras.

Oito horas, nove horas... Na parada dos quarteis, as ultimas cornetas tocaram melancolicamente o recolher. A multidão prosegue sempre o seu movimento espiral de roda aos quarteirões, agora mais rara, porque os theatros enguliram pelo menos um terço dos vultos que esformigavam nas ruas, á cata de pretexto para esquecer a vida e as suas agonias.

Entram os estudantes nas suas mansardas, a recoser as lições para o dia seguinte; nas tabacarias os ultimos massadores contam á pressa as ultimas anecdotas; e enfezaditas, com *toilettes* fanadas, joias de *strass* e chapeus murchos, as costureiras passam de volta do serão, trotando ás tres e quatro, como cabritas receiosas, rapidas e exangues... o seu typo dubio de mendigas e de *cocottes*, uma mancha de carmin nos beiços perversos... e os

olhos alongados, mirando pelo canto das palpebras os *monsieurs seuls* que estacaram no asphalto com um ar de mephistos pulhas, a remexerem nos bolsos, á passagem da caça, placas de cinco tostões que dizem tudo.

Mas é evidente que a turba-multa vae rareando; grandes claros fazem-se nos passeios, á porta dos cafés, pelas esquinas — e os que circulam ainda, com a preoccupação d'encher espaço, d'occupar os logares que os outros deixaram vasios, de darem a impressão compacta d'uma população ruidosa como a de Madrid, apenas conseguem, buliçosos comparsas, accrescentar uma ponta do clownismo ao collectivo drama das ruas, tragico e anonymo como o drama antigo.

Como ás nove ou dez horas, por via de regra, todas as figuras de passagem debandaram para os seus destinos — os operarios para os seus casebres, os estudiosos para os seus cartapacios, os elegantes para os seus theatros e para os seus clubs, as *menagères* para os seus *menages* — entra a ser facil coisa destacar dos grupos o personagem que propriamente deva considerar-se o prototypo do nocturno, isolal-o da massa e pôl-o em fóco, por vivissecal-o em pleno asphalto, sob a incidencia do gaz, de que elle foge, larva do lobrego, recluindo

mais para a sombra dos predios a sua *silhouette* tropega e fugidia.

É o nocturno quem desde então se apodera da cidade, uma vez fechadas as lojas, escurecidas as ruas, os americanos e trens feitos mais raros, para dar larga aos seus caprichos, monomanias, analyses e doenças; porque é elle que na chateza honesta da cidade, ainda alimenta no peito a verde chamma macabra do phantastico, que Edgar Poe tanto se compraz em vêr bruxulear, como uma flôr de civilisação, podre e funerea, á superficie das grandes *degringolades* sociaes.

Isolados, ou por pequenos grupos, a horas inflexiveis, veem-se aquelles tresnoitados bichos surgir dos portaes das casas, e entrarem e sahirem dos cafés, dos bilhares, das casas de batota, prostibulos e baiucas d'aguardente, as palpebras pisadas que um tic epileptisa, olhos de morcegos e de gatos, o passinho molle, as mãos errantes, procurando apagar-se, não dar nas vistas: e elles sem voz, com um sorriso beato, descrevem parabolas de roda das coisas, com medo de tudo, n'uma horrivel suspeita de si proprios!

Nos seus habitos externos, na evasiva das conversas, no receio de encararem uns olhos frente a frente, na sua acquiescencia de opiniões, e tole-

rancia para as chalaças duvidosas, vem toda a revelação d'uma conducta subterranea e sequestrada. Alguns são pallidos, bisonhos, longos, dessymetricos de face, com uma vacuidade de espectros e de lesmas. Outros gorduchos, com a apoplexia no afogueamento da papada, um tom de lagosta e de ouriço cacheiro, todos se rebolam, perorando, concitando os ouvintes com blandicias d'olhos, gestos minusculos, e anecdotas d'um recorte canalha e pittoresco. O alcool cachetisou precocemente alguns em plena adolescencia, revertendo em obesidades oleosas a nutrição que devêra gastar-se na enformatura mascula do corpo, e juveniiidade das fórmas extremadas.

São n'este caso pretexto para ventres, alguns curiosos, com o feitio de melões, prenhezes, malas, balaustres, chapeus de côco — ventres aonde elles todos se recolhem, disfarçam e acastellam, sumindo pernas e braços, como as tartarugas na concha, em vendo griffo.

Em quasi todos a vóz faz voltar a cabeça a quem na escuta, inesexual, roufenha, com guinchos d'alarme ao canto das palavras, e aqui e além de um vago mel a distillar perversões congenitas e infames.

Na ascendencia de quasi todos ha fatalidades

lugubres de herdança, o alcoolismo, a loucura, a paralysia geral, a pederastia, e todas as vezanias extranhas do luxo, mysticismo e dissipação. Novos ainda, trazem já nas faces o seu horroroso estygma de familia: a meio d'uma conversa lucida de repente, um monosyllabo disparata, um estremeção repentino os desorienta—ou são lacunas de memoria, exasperos sem causa, frouxos de riso macrabo e convulsivo, que deixam vêr, por baixo da compostura exterior, a evolução da doença, corroendo esses desgraçados «pierrots» do vicio baixo.

Ha-os megalocephalos, que parecem fugidos do «Punch» e da obra caricatural de Daumier, com calvicias precoces, amarellos de marfim japonez na depressão cretina das fontes, e bigodes de china, com grandes guias pendentes, lembrando dois ratos entretidos a lhes comer gulosamente as mucosidades do nariz.

Jogaram tudo, beberam, dissiparam, conspurcaram tudo, mocidade e caracter, riqueza, amores leaes e força de vontade: e inermes, com vestuarios feitos de peças desencontradas, uma attracção os arrasta pelos gasnetes, em perimetros febris, de redor dos templos das suas antigas glorias, cuja vida elles perscrutam da sombra, pisando a lama, espreitando ás portas, interrogando os que entram

e os que sahem, comediantes expulsos, devorados da nostalgia do tablado aonde alguma vez a multidão os proclamou um instante vencedores.

Monomaniacos de theatro, com a satyriase da actriz, estes aguardam que ella sáia pelas portas furtadas dos camarins, para lhe verem as meias ao saltar pr'o *coupé,* aspirarem no ar o perfume lascivo que as envolve, e se desaggrega dos seus *capuchons* de rendas, e das *fourrures* de martha e *petit-gris.*

Antigos batoteiros dormitam nos patamares das casas de jogo, extenuados d'esperar que um freguez desça, para lhes dizer quem ganhou, e de quanto era o *bolosinho.* Ha *rodeurs* de cafés, restaurants, bailes, prostibulos... vagabundos sonhadores que jámais poderam consolar-se da miseria, não pelo desconforto que ella infunde, mas pelo que lhes abateu no orgulho d'aquella sua ardentissima sêde de brilhar.

E todos estes espectros marulham, cada vez mais lentos, á medida que a cidade amadorna, as ruas escurecem, vão fechando as tabacarias, e os theatros apagam de sobre os perystillos a decoração de gaz que chama as multidões.

Por ventura alguns se decidem alfim a entrar em casa, lassos e lugubres, e com esperança para

a noite seguinte, na famosa fortuna que nunca ha-de chegar: mas como o *homem das multidões* d'Edgar Poe, outros caminham sempre de roda dos predios fechados, farejando, retrocedendo, seguindo atraz d'um, seguindo atraz d'outro, em circuitos de angustia, agarrados á ultima esperança, e á caça sempre, *condotières* do vicio, d'apaziguarem a nevrose que os desorienta e exaspera no mais recondito das suas affectividades doentias.

Onze horas, doze horas... Finalmente os theatros acabam, os americanos atulham-se, circulam curruagens luxuosas outra vez: e novamente as grandes ruas atordoam-se de vozidos, e dão escoante a uma inundação de vultos desconnexos.

Por um instante os restaurants animam-se de freguezes, os asfaltos povoam-se, approximam-se os grupos, cingem-se, estrangulam-se... Ha *cocottes* nas ruas, cognacs no marmore dos cafés, risadas e romarias d'amor aos templos de Cythera... E o faro de todos estes prazeres reaccende os sequestrados, os impotentes, os *rodeurs*, que até vivendo a vida dos outros, tripudiam como rabidos cães na quadra do cio.

Lá tornam elles a submergir-se entre os vaga-

lhões da turba-multa, como no principio da noite! Lá tornam a esthesiar pelo espectaculo da excitabilidade alheia, o derreamento das suas pobres carcaças de funambulos: e fermentos do ignobil, eil-os que fazem colear outra vez, por entre a boa fé, a cobardia e a tolerancia da turba, as fecalidades da sua alma crivada d'inconfessaveis podridões.

Esta effervescencia das ruas cedo morre. Uns após outros, os sinos das egrejas dão gravemente a meia noite: o ceu é sempre negro, cessaram os pregões, os carros vão-se, e outra vez os *rodeurs* ficam no campo! Agora o seu desespero tem alguma coisa de horrivel, feito de esgares e ganidos, reviravoltas e supplicas.

A policia considera-os com suspeita e attentamente; os guardas nocturnos não os deixam embuscar-se na sombra dos portaes. Elles encontram-se, consultam-se, sahem por uma esquina, entram pela esquina opposta, fingem que se vão, e d'alli a nada surgem outra vez... E estralejando os dentes com frio, jungindo os casacos ao tronco, os olhos cada vez mais fundos, a face cada vez mais lugubre, o passo cada vez mais tropego, tanto circulam, que acabam emfim por cahir extenuados, de bebedeira, de fome, de fadiga, de

doença e de deboche, té que a policia os distribue pelas cadeias, os estatela nos albergues de noite, ou os manda de presente á Misericordia e aos hospitaes.

Todos os dias a tumba carrega com miseraveis d'estes para a valla, e todos os dias pelas sessenta portas da cidade uma multidão de miseraveis novos acorre de todos os pontos da provincia, a povoar os nossos asfaltos com os mesmos monstros, que por causas identicas chegam a contaminar-se das mesmas perversões, a constituir-se automatos dos mesmos vicios, e a acabar por fim no mesmo lodaçal d'infamia e perversidade.

PEDRO E PAULO

(PRIMEIRA PHASE DE DOIS HOMENS CELEBRES)

No dia em que metteram no collegio o Paulo, outro pequeno viera interno tambem para o estabelecimento. Esta coincidencia, apesar de vulgar, ligou os rapazes n'uma estima expansiva que se fez quasi um parentesco. E trocaram confidencias, d'onde eram, que faziam os paes, e da saudade que sentiam na tristeza claustral dos corredores e das aulas cuspidas, cheias de papeis e de allusões picarescas aos namoros de dormitorio. O Paulo era trigueiro e magro, sem rubor, com o cabello indomavel em rodopio no coronal, a palavra lenta e

reflectida, uma susceptibilidade de mulher. Affirmava a medo sempre, mesmo tendo a certeza; e se o contradiziam, corava como um mentiroso. No fundo, esta irresolução fazia-o soffrer; luctava para ser como os outros, tranquillo e senhor de si. Era porém ouvir uma palavra alta, alguem dizer com imperio — está muito enganado! — para confuso e tremulo ficar alli imbecilmente, olhando, sem saber retrucar.

Era um aldeão sem fortuna, nervoso e espantadiço, filho do mestre escola, com uma dieta d'obediencia aos proprietarios boçaes da terreola, precisando de todos, cumprimentando todos, affeito a sentir desdens dos ricaços, e a ter o riso amarello da admiração pelo dinheiro alheio. Com sacrificios duros, o pai tinha-o mandado ao collegio, no meio dos risos ironicos dos rico-homens de chapeu tombado e fundilhos de saragoça, que encolhendo os hombros, as mãos remechendo cobre nas algibeiras das calças, diziam ao pai e ao filho — oh doutor! Então, doutor... Aquelle escarneo começara logo a atormentar-lhe o orgulho de pobre e de misanthropo, porque sentia n'elle o golphão de fel intencional, e a surda má vontade do egoismo, fervendo em craneos de estupidez suina. Na ultima noite que dormiu em casa — inverno

chuvoso ramalhando nos cimos da velha palmeira do quintal — o pai embrulhado n'um cobertor de lã, sapatos de ourello, a voz baixa e muito triste, contou-lhe a sua vida desconsolada, como era o sexto irmão de uma pobre gente da Beira, que morto o pai dispersára em caixeiros pelas tendas d'esse mundo de Christo. E elle soffrera tudo, as asperidões crueis, as desconfianças, as pancadas, os insultos e os desprezos. Um patrão tinha-lhe dado com o metro, até o deixar cahido, outro patrão tinha-o posto na rua, por ciumes da mulher... E andara de porta em porta esmolando, duas camisas n'um sacco, as botas rotas, e dezesete annos miseraveis!

Na alcova perto, a mãe tinha ás vezes um soluço abafado, ao largo riam vento e chuva: e por intervallos, n'uma suspensão geral, pezava em toda a aldeia essa quietidão que faz medo, de completa e singular que é.

O pai contou tudo que passara, a mocidade humilde, a dureza cruel dos que servira, e como ao fim de seis annos de hesitações, esforço e fome, viera cahir em professor primario, para poder casar.

E com voz triste dentro do cobertor de lã preta, engelhado de amarguras, meio calvo, a pelle fla-

cida, e a barba dura por debaixo do queixo, disse o que pensava do futuro; queria arrancal-o á dependencia, aos misteres ingratos, dar-lhe um modo de vida, fazer d'elle um homem.

A sua voz implorava, perdendo o tom affirmativo das mais vezes, e fazendo-se agora d'uma singular penetração. Confessou os seus ganhos, com que contava e com que não contava. E calculando, veio a resumir que não chegava para tanta despeza, o reles provento que auferia. Emfim!... Este *emfim* nunca mais o Paulo veio a esquecer, pelo que condensava de abnegação, de heroicidade e de grandeza. E no bahu da ordem, que tinha no fundo o *Manual Encyclopedico,* e um *Archivo Pittoresco* recebido em premio de historia, apenas meio enxoval podera reunir-se — que fôra bem magro o anno, e tinham subido os algodões. Mas o velho prometteu que iria o resto, o mais cedo que podesse, sendo a vindima boa.

— E agora, disse elle rojando os chinellos de ourello, e aconchegando-lhe a roupa da cama, nada de lamurias; é ser homem! Deus não me fez feliz; talvez recebas dois quinhões.

O amigo de Paulo chamava-se Pedro — era differente. Mais tres annos que o filho do mestre escola, alegria e côr viva, uma piedade desdenhosa

pelos bancos de pinho e pela comida do collegio, nojos frequentes, troça sempre fresca para os palurdios que entravam, e opiniões, certas paixões — atirar, ver ferras de gado, ir aos gamos, andar a cavallo. Era crescido e são, hombros redondos, unhas correctas, uma brancura de pelle setinosa e candida. E berrando por tudo, dizendo — Esteja quieto! Vá a fava! Vou encaravilhal-o! — tossindo por traz dos que se ajoujavam, armando correrias diabolicas por toda a banda, quebrando, beliscando, batendo, tinha petulancias adoraveis, ditos mesmo, e na sombra dos dormitorios deixava presentir o laivo vicioso do seu temperamento regalado. Era um opulento, o pae. E Pedrinho affeito aos trens, ás grandes caçadas de outomno nos parques das quintas e na floresta das herdades, aos jantares com senhoras decotadas, *menus* em escarlate e ouro, baixellas historicas e fructas raras, tinha fastios hystericos, pedaços de tedio frenetico, grandes ociosidades avidas de sensação. Faltava-lhe a emanação sadia das quintas, os acres cheiros da seiva que ascende, das pinhas queimadas, dos eucalyptus resinosos, das relvas, dos lameiros e das estevas: toda a caçoula do campo exhuberante, que evola mocidade tonica e picante frescura, logo apoz das primeiras invernias. E considerando mais, accu-

dia-lhe a lembrança das preguiças dormidas nos colos das creadas, no enrodilhamento das saias trescalando a femea, debaixo dos alpendres das quintas, ou nos quartos tabicados, de noite, quando lhe faziam cocegas nos altos leitos serapintados e antigos. Vinham-lhe aquellas impressões n'um fundo de desamparo sentimental, sem concatenação apparente ou nexo, quasi sem fórma. Porque é de saber que no seu caracter reberveravam a espaços, resquicios do que o acompanhara e mais vivamente ferira nos primeiros annos — e o seu sangue tinha assim violencias asperas da seiva e turpores de gatinho de collo.

No collegio, os dois faziam sempre opinião e convivencia á parte.

Pela indole passiva, pela origem pobre e pela organisação amargurada, o Paulo creara pelo outro, tão voluntarioso e magnifico, uma especie de culto hellenico, em que a submissão lhe era doce, e a cegueira inexplicavel. As travessuras d'elle eram-lhe adoraveis, recebia-lhe as descomposturas e os desdens com satisfação; e uma felicidade radiosa fuzilava-lhe dos olhos se elle vinha consultal-o, ver o que pensava sobre um caso, ou esco-

lhel-o para cavallo nas corrumaças do quintal. Instinctivamente, procurava o Pedrinho, constrangido se o via partir, fallador se o via chegar, e feliz de ter a confiança d'elle, de lhe saber a vida, de lhe guardar os segredos e tirar os significados.

Á fidelidade d'aquelle amor profundo, Pedrinho respondia ás vezes, a golpes de ingratidão. Tinha posto alcunha no Paulo — o *Pitosga*, pela luneta de miope que o pobre encavalava no seu *bec* ressequido de bom estudante: e em rompantes de turbulencia, acabrunhava-o de chascos crueis, allusões ao casaco velho, ao tacão torto, ás unhas roidas, á amarellidão da face, e á palmatoria do papá mestre-escola. Elle não se queixava nunca, mesmo lacerado assim no que mais amava, e acordado no dormitorio, horas e horas, sentia que a sua vida seria sempre aquella, subalterna, picada de defeitos, luctuosa de subjeição e de baixeza.

Fizera-se, o que se chama um estudante modelo, muito bem comportado, voz baixa, luneta, pontualidade, as melhores notas do curso. E ao passar nas aulas, de bonézito á banda e chaves no dedo minimo, o director feroz corria-lhe a mão pela trumfa como afagando um cão favorito. Aquella atmosphera de favor ao merito, estava de molde com as tendencias bebidas de creança. E lá ia ve-

getando por baixo dos afagos dos mestres, empalado nas formalidades servis dos pedagogos, por cuja obediencia nas escolas portuguezas se sae premiado dois ou trez annos, e se fica idiota para toda a vida.

A espaços, mesmo calcados na apathia d'essa indole molle, d'essa educação doce e d'esse corpo franzino, os seus nervos tinham reacções e intimas descargas, onde coriscava na sombra a alma do plebeu espezinhado e rebelde. Era assim que a sós, se Pedrinho alludia ao futuro pelintra do Paulo... advogar na provincia, ter botica em Marmellar, ou ver doentes n'um macho podre, por seis vintens á legua, o mansarrão curvado para os compendios, penna na orelha, e gordurento de nariz, armava certos rizos na bocca sem labios, para ali golpeada ao acaso; e como o mestre-escola na tal noite fazia,

—*Emfim!*—aspirando forte, fatigado e tenaz, como certas aranhas que vem descendo agarradas ao fio, e ás vezes param, a ver se ainda falta muito para chegarem ao fim.

Nos exames, louvores sobre louvores. É o que justifica tambem a conta de benzina despropositada que o mestre-escola tinha a pagar nas ferias grandes.

Pedrinho era um cabula medonho, não tirando

nunca significados, dizendo das grammaticas o que lhe assopravam de lado, pondo rabo-levas aos mestres, e distribuindo cascudos nas moleirinhas dos condiscipulos. Gozava de certo favor no animo geral do corpo docente. O papá prohibira que batessem no seu pequeno, a mamã informava-se aos mezes, pelo correspondente, se o menino era bem tratado; quanto á ferocidade do director, domesticavam-na regularmente com offerendas de porcos gordos e canastras de laranjas de Setubal.

Por isso ninguem havia mais afagado e querido. Se vinham visitas, o Pedrinho ia á sala tocar no grande piano de cauda; havendo jantar de gala, o director sentava Pedrinho á sua mesa festiva. Pedrinho almoçava de garfo, bebia vinho, acordava tarde, tinha agua morna para se lavar de inverno, não era reprehendido, não ia á rua formado, podia sahir das aulas em caso de se aborrecer...

E isto deificava-o no espirito ingenuo de Paulo, que vendo-o em grande uniforme, triumphante de saude e bochechas, se absorvia de queixo em baixo, na suprema distincção das suas attitudes e do seu ar. Esta adoração estendeu-se cedo á familia toda; serviria o pae de joelhos, a mãe de joelhos, e até as manas todas de joelhos. E pelas ferias, quando de olhos lacrimosos, o via partir com fatos claros, n'um

carro a horsas, radioso da liberdade que lhe davam, e sem erguer os olhos ao menos para dizer adeus, as cartas que lhe escrevia, alambicadas de estylo cuidadoso, tortilhado em vernaculidades de selecta, diziam sempre — *em companhia de tua excellente familia, a quem faço os meus respeitosos cumprimentos.*

Todo o desejo surdo e calcado da sua alma simploria, seria conviver com essas senhoras e senhores afidalgados, que a riqueza embalava nas emoliencias do luxo, em salões de tapeçarias lugubres, com fogões, biombos de lacca, e begonias: participar d'essa vida patricia e alta que sonhava, inda que não fosse senão de guardanapo no braço, e sapatos com sola de cortiça.

Pedrinho, a fallar verdade, nem sempre era assim mau pequeno, cruelmente mordaz e desdenhoso; nos instantes de desalento, á hora do estudó, se a tarde cahia, ennevoava-o uma melancholia d'ave, tendo necessidade então d'ouvir alguem fallar. O Paulo aproveitava essa crise flagrante do rouxinol captivo, que no carcere reflecte em se evadir: entendiam-se então perfeitamente, descubrindo-se mansidões e bondades reciprocas, e

pondo a nú, um deante do outro, as aspirações, os defeitos, as tendencias e os vicios de cada qual.

Se Paulo, tendo contado de que pobreza arida nascera, fazia ao acaso perguntas vagas, sobre o que viria a ser, o outro, com a vózita mais doce, dizia-lhe:

—Deixa, *Pitosga*. O meu papá pede por ti, deixa!—E passando-lhe o braço pelo pescoço, n'um accento profundo, ás vezes:

—Se fosses meu mano, *Pitosga*, gostava tanto!... A preoccupação constante do pobre, era chegar ao fim do curso, ter posição e confortos na vida. Ao fallar de senhores desconhecidos e felizes, mencionava-lhes sempre os ordenados, a origem, a fortuna.

O alvo d'esse humilde era pois dominar, ter um nome, furar da massa commum pela supremacia de um acto, de uma palavra ou de um milhão. Era o que tambem do fundo da sua aldeia sertaneja, e no bello cursivo symetrico e pintado das pautas Godinho, o velho mestre-escola relembrava todas as semanas ao filho, em cartas cheias de conselho, recommendações, admoestações—*Os homens nascem do nada. O dinheiro e o saber fazem na sociedade a verdadeira fortuna; és pobre, portanto estuda*. E muitos recados para o ex.^{mo} director, que tantos beneficios lhes rendia...

Pedrinho não pensava, nem queria saber de nada. Que diabo era o futuro?

Alguem tinha-o visto? Ferias, para se escapar do collegio, eis tudo. E umas preguiças tão grandes d'inverno, para se erguer cedo!...

A unica coisa que realmente Paulo lhe não perdoava, era a razão porque estudando os dois desigualmente, elle sempre, o outro nunca, tinham nos exames de frequencia, nas contas do mez, e até em exames finaes, quazi sempre, as mesmas classificações.—Porque emfim, resumia elle, não sou nenhum tolo; e se não serve para nada trabalhar...

Tinha mesmo ciumes d'aquella injustiça; que nem sobre o amigo lhe deixavam a superioridade dos livros—de encavacar!

Uma tarde fallaram no caso.

E no risito contrafeito, em que transpareciam sob uns desdens benevolos, resentimentos profundos, o Paulo disse-lhe assim:

—Que subas, não admira. Estribos de casa! Se fosses filho de meu pae, então...

O outro enlaçava ao acaso, no mata-borrão, as iniciaes dos dois—um P gothico, n'um P de phantasia. E como nada dissesse, Paulo aventurou-se ainda:

—Francamente, quem vá mais carregado d'em-

penhos que tu, não ha. Assim todos! Nem se precisa cabeça. Fôsse eu rico!...

Pedrinho olhou-o sem magua, muito tempo, e disse:

—És mau, *Pitosgasinho*, és mau, apre!

—Custa, que diabo! Mas havendo, é aproveitar, hein?—E os seus olhos incendiam os vidros da luneta.

—O papá é que arranja; conhece toda a gente. Não digas nada, não? No latim, o presidente até me fez o thema.

—Tratante! disse o amarellento, e guardou silencio feroz no resto da tarde.

No anno seguinte, já fóra do collegio, separaram-se. Pedrinho foi para casa da tia viscondessa, Paulo para um recesso algido do Bairro Alto.

Accentuara-se por esse tempo, inteiramente, a indole dura do filho do professor. Era d'uma tenacidade feroz nas aulas e nas bibliothecas, passava os dias decorando, fazendo lições, pensando nos primeiros lugares do curso, e a vociferar rancores contra os que lhe faziam sombra. Restringira á menor expressão a sua convivencia, limitando-a a saudações nas aulas, bons dias nos atrios, perguntinhas

sobre lições, e pedidos de papel para apontamentos.

Tinha a vista cada vez mais curta, a palavra incerta, um pigarrito anthipatico, cabellos oleosos de caspa, e guerreias quotidianas entre o colarinho postiço, largo de mais, e o *plastron* sebento, largo de menos.

Na rua viam-no de fugida: aos sabbados, vespera de feriado, rondava os theatros de noite, nas zonas de sombra, sonhando febrilmente representações que não podia pagar; por economia não fumava; para apontamentos recolhia todos os papeis, cartas velhas, pedaços de cartaz, margens de jornal; e como tinha a energia dubia, e azedo o animo, por se ver na multidão anonyma dos nullos, era um pouco devoto, e nos *lausperennes*, de cabeça absorvida, um ar fuinha, ouvia o sermão todo inteiro: ou de joelhos vibrava no choro das rebecas, em dias de missa cantada. Essa natureza hirta, amarella por dentro e por fóra, brusca de gestos e ávida de posição, tinha a seccura dos pergaminhos por muito tempo enrolados, que resmalham, sacudidos.

Percorrera a vida dentro dos diccionarios, das selectas e das grammaticas, encostado ás ideias dos outros, dispensado de pensar, prohibido de rir; e

projectando esse viver de catacumba pela escola superior, tinha o ar d'uma traça de cartorio, incapaz de marchar fóra de duas paginas seguidas.

O que o cegava agora ainda mais, era a saude, a vivacidade, a expansão e a graça do seu pequeno amigo de collegio. Emquanto elle estagnava nos oito palmos de altura, e na torpeza dos seus ossitos de aleijado, o Pedrinho desenvolvera-se n'um magnifico animal contente e bom, espadua rija, braço estriado e face rosa, com respostas para tudo, cabeça arejada, e uma lucidez de espirito penetrante, sem esforço e sem cansaço.

Em toda aquella organisação cantava o equilirio das funcções desenvolvidas á larga, na curva potente da mocidade e da força. Por traz dos seus risos e replicas, espirrava uma jovialidade sincera e doce, generosa e serena; e era um prazer dar-lhe o braço, vel-o arremedar a pedanteria dos sabios, dizer asneiras ás mulheres, ou atirar ao longe, n'um dextro movimento, a pezada bola do *cricket*.

Irregular por indole, ávido de sensações multiplices, colhendo noções em tudo, amando as côres, os sons, os bons livros, todos os jogos dextros e todos os habitos finos, tinha a sensualidade exquisita das bellas coisas, um poder de assimilação inenarravel. N'elle, o estudo fazia-se sem esforço e

d'um jacto: mas não chuchando as sciencias da matricula, pelas dóses reguladas da lição, como uma compota sorvida em colheradas, apanhava más notas, faltando, para se desenfastiar d'aquillo.

O Paulo fallava-lhe a correr, recebia-o com frieza, raivado dos fatos nitidos e frescos que lhe via, das suas unhas polidas e da sua distincção de maneiras. Interiormente, a vontade d'elle seria esganal-o, tornal-o infeliz, reduzil-o a pó. E a cada passo pregava-lhe peças, nunca lhe estendia a mão primeiro, nem lhe emprestava os apontamentos, e ria-se por traz d'elle, intrigava-o constantemente, com reticencias torpes sobre o collegio e as amizades antigas. Mas á sahida da Physica, certa manhã, chamou-o de parte com ar grave, e foram indo ao jardim.

Lá longe, o amarellento tirou um almasso da pasta, esteve a folheal-o de manso, e desentupindo a guella do pigarrito classico, leu em voz alta:

Idéa geral sobre os barometros metallicos.

E em ar de informação, pomposamente:

—Pediram-me, para o *Almanach de Lembranças*...

CARDOSO I, PRINCIPE

Tambem eu fui vêr a S. Vicente, o patriarcha morto.

Pobre principe Ignacio Cardoso I! — Como o teu bom riso de velho ficaria sceptico, se os mais fervorosos prelados podessem rir na morte, d'esta pequenina comedia catholica! Eis um principe que os apellidos de familia prejudicavam, e que apesar de purpurado, teve sempre a santa alma, limitada e tibia d'um peão. Como chefe da igreja lusa, a grande virtude do seu reinado, foi ter sido sempre mais Cardoso do que patriarcha. Excellente e santo velho, cujos chinellos vermelhos arrastavam no seu paço as nostalgias da doença e as infantilidades da monomania!

Lá estava elle deitado entre os damascos da eça, duro de perfil, rudemente talhado em camponez, de bocca aberta e pés salientes, sob um docel franjado de ouro, e entre os grandes cirios aprumados em candelabros colossaes. Aos pés d'esse ultimo pomposo leito, immoveis de oração, velavam calvicias de priores: e um grande conego, com cara d'isso, pujante, brutalmente calçado, á cabeceira do morto, fazia por manter attitudes feras, em harmonia com a magestade da camara ardente, e o silencio rigido da turba: mas as mulheres distrahiam-n'o, e os seus olhitos de frascario iam por um rostinho e outro, *botando gallinha.*

Ai, como é triste ficar nas criptas de S. Vicente, baixas, lagrimejantes de humus, embalsamado pelo processo Sucquet, n'um caixão de mogno e chumbo, improductivo e inutil para alli. A grandeza é fatigante: nem depois de morto se póde ir entre os obscuros, fertilisar os seios da terra mãe, para volver depois n'uma bella flôr, purpurina e delicada. A promessa no outro mundo, d'uma vida melhor, não passa talvez d'uma allusão poetica áquella galante operação chimica, mediante a qual o cynismo da peccadora vem transfeito em casti-

dade, n'um cacho de junquilhos brancos ou lilazes orvalhados, emquanto os principios conservadores do burguez egoista e ferrenho, volvem philantropicamente á superficie do solo, por exemplo, em flores de borragem — de tamanha efficacia na bronchite.

Têem já vocês reparado como certas coisas reconstroem physionomias humanas conhecidas de nós: o traço d'alguem que amámos, d'uma pessoa que nos impressionára em tal sitio, e por qualquer detalhe, pequenino que fôsse? Ás vezes, é a nuvem que por entre uns esboços de cara, guarda por momentos o riso doce de nossa irmã. É ás vezes, uma flôr que tem no desenho do calice, o modelo fragil da pobre creaturinha loira que morreu tisica, ao escrever-nos a primeira carta.

Certos marmores com veios conservam, em sulcos, os narizes de velhos que passavam á nossa rua, muito embirrantes, e nos enguiçavam de morte, quando eramos pequenos — mas d'uma vez, no quarto andar ali ao pé, ouvimos dizer que morreram, e nunca mais os tornamos a vêr — quando á meza d'um café, tendo na pedra os olhos distrahidos, de repente, uma noite, damos com elles, os narizes que tanta anthipathia nos inspiravam ou-

tr'ora. No *tohu-bohu* das populações que respiram alto, pela noite, entre as flambagens do gaz: nos gritos das arvores vibrantes ao vento: no correr da agua entre basaltos, a mesma reminiscencia vaga nos surprehende, de vózes que já antes tinhamos ouvido, e agora parecem despertar dentro de nós, saudades de idyllios extinctos, como a perguntaremnos: *recordas-te?*

Quantas e quantas vezes, a gente se não recorda já!

Pois estas analogias tão mysteriosamente poeticas, este ar de familia que as coisas brutas conservam das coisas vivas, não os pensem phantasticos ou casuaes. Está provado que resultam d'uma ascendencia logicamente propulsionada, com a sua biographia, a sua evolução, caracteres herdados, e mais ainda, vicios transmittidos.

.

Nobres e antigas linhagens extinctas hoje, esquecidas entre os homens, occupam agora cargos eminentes no reino vegetal, ou são pedras preciosas entre os minerios contemporaneos. A minha banca de cabeceira certamente foi n'outro tempo algum desabusado fumista, porque charuto esquecido em cima d'ella, arde sempre até ao fim — e póde ne-

gar-se que isto na pedra não seja um vicio hereditario, uma estravagancia de familia?

Cem annos que eu vivesse, jámais esqueceria a surpreza convulsa que tive ante um repolho branco, bojudo, baixo, quasi nedio, que compraram lá em casa, um domingo. Eu vira por acaso em cima da banca da cosinha, aquelle sujeitinho cru; um d'estes repolhos birrentos que fazem poiso nos quintaes—repolho de casa particular, que nenhum conheço eu de costumes peores. E detive-me a olhal-o, sem saber porque. Havia fremitos de labios na orla descorada das suas folhas: e ao centro, muito fundo, vellado, quasi miope, um olho verde olhava-me n'uma ternura...—n'uma ternura, veja-se isto, um olho verde...

Recapitulando. Desconfio que era uma certa D. Jacintha Correia, celibataria amorosa por indole, com luneta, que em vida perseguira as minhas frescuras de rapaz, e mesmo depois de couve... Assim, que poeta não sabe de flores que nos beijam?... virgens mortas sem o amor d'um homem, e conservando escandecidos, os ardores nubentes da sua primeira mocidade. D'uma vez, sosinho no meu quarto, eu considerava uma rosa chá que emmurchecia n'um copo, tão triste! Disse-lhe assim: tu soffres! Ella curvou-se mais sobre a haste, n'uma expressão di-

vina de magua, e vi-lhe duas grandes lagrimas nas petalas. Era talvez a amante de Henri Heine.

Eis porque detesto, embalsamem alguem, mesmo que seja um velho patriarcha obeso e Cardoso — pois fica improductiva uma porção de substancia, e se não deixa accentuar na vida seguinte, a vocação que talvez na anterior houvesse sido contrariada.

Era presentindo a inutilidade a que lhe iam votar os restos, por ventura, que esse velho principe semi-louco tanto chorava nos seus ultimos mezes, como um captivo, pelos salões de S. Vicente, entre o egoismo dos conegos, e os damascos fanados da pompa sacerdotal. Embalsamar um homem é prejudicar a agricultura — e as mitras têem tanto azote! Se eu fôr um grande homem, e morrer na evidencia das pompas officiaes, não me injectem chloreto de zinco pelas carotidas, não?

Ha na minha aldeia um terreno que me pertence, e eu tenho lavrado por minhas mãos, sempre debalde, ai de mim! Lego-lhe o meu corpo: talvez se commova, o egoista, restituindo a meus filhos as bellas espigas doiradas que me recusou a mim. Porque, agora serio, a minha vocação não é ser litterato — é ser trigo.

ROBERTO

Faz frio.

Já as primeiras lamas deixam sobre os asphaltos, esculpturada em concavo, a pégada febril do transeunte — grandes pégadas de burguez, ao lado das pequeninas covas dos tacões altos e aventureiros.

Docemente veladas de nuvens, as noites vem rapido logo ao cahir das Trindades, após um curto crepusculo, onde as primeiras brumas d'inverno se esfarrapam.

As zonas de gaz mal esclarecem os escaninhos da rua — rolam as carruagens n'uma preguiça molle de sendeiros estafados — os cafés enchem de claridades os vidros dos seus portaes — fecharam as fabricas e as modistas — e eis uma população labo-

riosa que se atropella e precipita, n'uma avidez de liberdade, resfolegando os primeiros haustos d'ar enregelado.

Ora, n'estes indecisos momentos d'entre dia e noite, e ao fim d'um jantar confortavel, Roberto sentia remoçar a sua grisalha meia edade. Emilia, a sua mulherzinha adorada — quize annos mais nova infelizmente, infelizmente! Roberto ia então nos seus cincoenta e seis — tinha sido d'uma travessura sem preço, durante a refeição. E com geitosinhos de macaca, risadas, monosyllabos e momos da sua bocca cheia de frescura, ella fizera-o rir logo em seguida ao primeiro copo de vinho — e por ali fóra, deslisando ao longo dos *croquettes,* mordendo a bellos dentes os pequenos rabanos, debicando o filete de linguado, e fazendo ao roast-beef uma careta, ella contou-lhe as anecdotas do jornal, disse a sua idea sobre o romance do folhetim, arremedou a visinha do coronel... Os olhos d'ambos accendiam-se ao fogo d'um calix de Madeira: Emilia tinha mesmo chegado a embeber a linguinha de serpente n'uma ardente lagrima de cognac.

Mas estava com telha. Não querem ver?

Á sobremesa abraçou o maridinho pelas costas

Oh Roberto! Oh! Roberto!
Pim! Pim!

e com descaramentos de garoto, pediu-lhe de repente um cigarro.

—Doidivanas, uma doidivanas, murmurava Roberto descendo a rua Larga de S. Roque. Porém coraçãosinho de pomba, e incapaz de... Safa! resumia elle, passando a mão pela careca de respeito.

Á porta dos Azevedos, como tinha parado a accender o seu *breva,* deu cara a cara com o grande amigo Simões—capitão Simões d'infanteria 7—aquelle macilento alto que está sempre no Afra, á caça das rapariguitas.

Muito verboso, o Simões! Em aspirante, a suprema fascinação do seu talento, emphatico e oratorio, eram papeis de galã dramatico, n'um theatrinho á Praça das Flores. Noites de ser fallado nas folhas.—É pena que se não dedique! diziam as locaes. E a sala enchia-se em elle representando. —Entra o Simões, deve ser bom. Corôas de papel pintado não tinham conta. Applausos, um turbilhão d'abalar o predio pelos alicerces. Vae elle, tanto se compenetrou d'aquelles triumphos, tamanho fogo o incendia perante as situações romanescas, que por fim, mesmo fóra do proscenio, já capitão, continuava sempre actor tragico, e enchia

o Afra com os formidolosos gestos dos seus braços quixotescos, mostrando a guita dos pulsos fóra das mangas cebosas do seu raglan de trazer.

O partido scenico que elle tirava do mais pequenino caso da rua, os detalhes com que sabia condimentar episodios d'apparencia a mais inoffensiva; a sua vocalisação procellosa de barytono; a sua emphase e a sua mobilidade facial de narrador, poderiam ás vezes passar por intrujice, em espiritos recalcitrantes ao poderoso genio dramatico de Simões.

Mesmo alguns o declaravam um canalha da especie mais pittoresca; um prégador moralista, sem linha nitida de conducta; um pae de familia sem collaboração provada na progenie; um militar sem disciplina, um cidadão sem caracter, e um caloteiro sem credito.

— Tudo calumnias, diziam outros, Roberto mais do que nenhum. E proseguiam:

— O que Simões nos parece, é uma grande alma amesquinhada pelos vencimentos de capitão.

— Ah! meu grande amigo, exclamou elle com um revolutear de cabellos, occultando precipitadamente o frasco que acabava de comprar na pharmacia.

Meu unico e fiel amigo! Que tortura me calcina as entranhas n'esta hora, e me deixa abrasada a mente, n'um fogo de mil infernos escarafunchados por Satanaz. Se tu soubesses, meu Roberto, se tu soubesses a amplitude da minha desgraça! — e Simões desatou em soluços nos braços do pobre homem.

— Hein? Vae perscrutando para que medonho destino meus paes educaram o seu primogenito, n'um codigo de honra e sãos principios. Vae perscrutando para que fim tragico cultivei eu estas faculdades; para que terriveis recompensas me fiz notado nas letras; e encheram de corôas os meus vacillantes passos na arte, e me vestiram esta farda, e me pozeram á cinta esta durindana!

— Que foi? dize lá, que foi isso? dizia o outro ferido já por aquella linguagem de pompa, e olhando em volta, a ver se alguem os estaria escutando.

Arrastou com Simões para a escada do predio; o visinho dourador começara a reparar; dois ou tres burguezes haviam já relentado a sua marcha de hippopotamos, e fitavam a orelha, caminho da vehemente apostrophe do capitão, cujos prantos punham em banho russo as manapolas de Roberto.

—Sabes? proseguiu o actor em voz cada vez mais cava; sabes como eu gostava d'Elvira, minha esposa, a mãe dos meus filhinhos? Loucura de todas as horas e de todos os dias! Ia destacado, uma comparação... A alma do guerreiro partia, mas a ternura do amante ficava. Descrever-te o nosso arroubamento á despedida, seria compor para teu deleite o mais mimoso poema de beijos de que poderia orgulhar-se a lingua patria e vernacula.

E tão profundos, tão sinceros os meus sacrificios por aquella sorte de esphinge, que eu ia á coragem de me privar dos pequenos gosos inherentes a todo o homem da minha cathegoria—eu não fumava, eu não jogava—e dos meus soldos, trinta e cinco mil reis eram para o *ménage*, dez mil para ella só.

D'aqui já tu podes diagnosticar, oh Roberto! a magnitude da minha paixão.

—Isso é verdade, accrescentou Roberto á guiza de commentario philosophico. Isso lá é verdade.

—Pois Roberto, prepara os ouvidos para um terrivel segredo. Sei como a tua alma é delicada. Digo-t'o eu: vaes ser derrubado pelo assombro. ELVIRA ENGANA-ME!

—Diabo! fez o pobre homem n'um desolamento sincero.

—Ha mezes—para que fechar-te as cavernas lugubres d'esta alma?—ha mezes que eu sentia fugirem-me de sob os dedos, os impeccaveis arminhos da ventura. O lar é um ninho de pombos, cuido eu, forrado com as pennugens ventraes dos dois conjuges.

Eu era feliz até aqui: n'esse frouxel de delicias legaes, embalado pela confiança e pela boa fé, o amor tem calenturas serenas. E o teu pobre amigo ia deixando rumorejar a maledicencia na passagem d'Elvira, cuja formosura bem sabes, tem despertado velleidades lá no regimento. Não é por me gabar, mas tem... velleidades, despertado velleidades lá pelo regimento.

Cartas anonymas deixavam-me indifferente... *Tua mulher engana-te por esses paraisos da Baixa, quando tu entras de serviço, rua de tal, ás tantas horas*... e proseguia a lista das infamias, muito maior do que a lista dos restaurants!

Porque emfim, meu velho, eu ao contemplar o rostinho d'Elvira, redondinho como o d'uma santa, ao fitar em cheio, nas pupillas, os olhos côr de tabaco de Hespanha da minha rica mulherzinha, via-a tão vaporosa e tão pura, rescendendo uma innocencia por tal fórma translucida, que dizia á noite commigo:

—... Se esta rapariga tem vicios, em que corações se anicha então a pureza das castas esposas?

Almas simples e sinceras, ingenuidades de mancebo em peitos de militar torrado pelo sol dos destacamentos... oh! quantas rudes decepções acabrunham e envelhecem a nossa insana credulidade!

E outra vez Simões deixou cahir os braços n'um tragico desalento.

Fulminado, effectivamente fulminado por aquella inesperada confidencia, Roberto guardava um silencio de patibulo.

—Pois enganava-me, a perdida! Com o camarada... da Beira, um rapagão!... E loiro. Desde a mais remota antiguidade que os loiros teem sido a perdição das trigueiras, menino.

Hontem fez-se evidencia a medonha suspeita que me esmagava a coragem. Entro em casa cerca das quatro horas, depois d'uma berraria á cancella... oh Theodora! oh sopeira! Oh Elvira! E as desavergonhadas, moita! lá dentro. Emfim appareceu a pitosga da moça. — A senhora? — A senhora sahiu, e disse que quando o senhor viesse, que fosse bus-

car a senhora a casa das meninas Santos. Eu tão parvo, que acreditei.

Agarro no kepi, torno pelo corredor; mas junto do quarto d'Elvira, de repente, a modos que senti bulha de passos. Levanto o fecho da vidraça e a vidraça resiste. Ora! uma coisa d'estas para o meu genio... perdi logo as estribeiras. Arrombo a porta; ai meu amigo!... Inda vi Miguel Cassio em roupas brancas... Da Beira... teem fama... um rapagão!

—Que horror! que horror!

—O ardil agora. Fingi que não percebera... fiz de conta que a coisa não fôsse commigo... e não era! De feito mil coisas me explicariam, querendo eu, a presença do camarada no quarto de minha mulher. Com a bondade angelica d'Elvira, um botão despregado na roupa branca do camarada bastaria... comprehendes? Deixei-os socegar da surpreza. Finjo que vou n'um reconhecimento, ámanhã pela manhã. Á tarde volto. Ha de ser implacavel a vingança! até comprei o guarda nocturno! oh Roberto!

—Estás doido! estás doido! clamou Roberto, assustado pelo feitio que o drama ia tomando.

—Antes doido do que trahido! irrompeu Simões todo iracundo. E com jactos de palavras gutturaes:

—... comprei duas onças de chloroformio na botica... um praticante amigo... Dizem que traz a morte suavemente. Ella merecia atrocissimas torturas... Amanhã á tarde, oh amanhã á tarde!...

Mas já Roberto lhe interceptara a passagem, com forças de gigante, que derribaram pelos hombros o capitão.

—Não! isso é que não! tartamudeava elle desorientado. Deita para cá o chloroformio, Simões! Tu, um militar, com medalhas e quatro filhos... tu capitão Simões, d'infanteria 7 á cova da Moira, apontado assassino por toda a gente?!... Não, não póde ser, attende-me, escuta, desgraçado! É a costa d'Africa, com algemas aos pés, um calor de rachar, e abcessos de figado. Deita para cá o chloroformio, Simões, deita p'ra cá o chloroformio!

O outro rebolava-se n'uma agonia de mil toiros —não! ha de morrer. É a voz da honra, dizia elle. Porém a lucta ia resolver-se. Suando em bica, Roberto lá conseguira sacar-lhe o frasco da algibeira, afinal.

—Bem! tiras-me a arma. Sou um miseravel. Vae dizer a essa mulher que não sustento perdidas. E empresta-me dez libras, que me vou a pedir transferencia para a cidade dos arcebispos.

Era tarde.

Satisfeito por ter salvo o amigo, Roberto ia seguindo para casa, no vagar de quem redige uma historia para dizer á mulher, depois do chá. Palpava o frasco.

—Eh! Eh! Tinha-lh'o arrancado, com violencias de rapaz. E confessou a si mesmo, ao fim das contas, valer mais que os novos esse corpo de velho, cujas elasticas energias estavam intactas ao fim de meio seculo de canceiras.

Recolhia mais cedo essa noite. Mas orgulhou-se. Não tinha a recear o adulterio, elle!—E com radiosas miragens, o pobre reconstruia o seu larzinho tepido e farto: Emilia deliciosa n'um roupão de pellucia azul com rendas brancas: o *glu-glu* da cafeteira fervendo na cosinha: toda a residencia coberta d'estofos de côres attenuadas, com bocadinhos d'arte aqui e alem, sobre as *consoles,* e verduras tenras, subindo em espiraes exoticas e languidas, dos pequenos vasos de faiança franceza; a gata dormindo sobre um cochim do canapé—e por baixo das janellas, fundos de jardim adormecidos em esponjosos vapores, na penumbra d'aquella noite chuviscosa de novembro.

—Ai que beijo! que grande beijo ella ia levar!

Então achou-se em frente da casa. Nos seus vagares, a divagação o fôra conduzindo, mais rapido do que elle cuidara. Ia a subir: quando do segundo andar fronteiro, uma voz chamou pelo nome d'elle. Ergueu a cabeça — muito boas noites! — Era o coronel.

Roberto ficou ligeiramente surprehendido. Ia em dois annos que os dois eram visinhos; pouco se haviam relacionado... cerimoniosos cumprimentos de janella para janella, quando muito. Que Roberto era uma raridade assomar á janella. Alguma vez, ao voltarem da secretaria no mesmo americano, os dois homens trocavam saudações, se adregava ficarem sentados um ao lado do outro: e seguia-se um dialogo incolor de gentes cerimoniosas que nada teem que se dizer, opiniões ambiguas sobre o tempo, a carestia das casas, um ou outro caso de jornal, estrepitante.

A S. Roque o coronel mandava parar, e os dois apeavam-se — Roberto, muito delicado, pedindo desculpa — o coronel birrento quasi, gesticulando sempre de punho cerrado, aos encontrões nos passageiros da plataforma — e ahi vinham elles, travessa do Guarda-Mór acima, prolongando a con-

ferencia a pequeninos passos, e rebuscando delicadezas com que se captivarem reciprocamente.

—Quer v. ex.ª vir ás minhas sopas?

—Não, muito agradecido a v. ex.ª, tornava o outro. Minha mulher espera. Agora se v. ex.ª me quer dar a honra?...

E separavam-se com profusão de excellencias e venias do maior ceremonial.

Entretanto, a indole placida de Roberto não estava bem ao lado das quixotescas explosões do militar. Emilia então, nem o podia vêr.

—Lá está o urso, dizia ella, correndo o *store* apenas lobrigava o coronel por entre os vidros.

—Coitado, tornava Roberto, conciliador. É um pobre diabo. E olha que não vivem com largueza.

—A mulher então faz faniquitos. Aquelles oculos, ai!...

—Pobre senhora! Aborrece-se talvez de ser pobre, e de passar a vida fingindo que o não é—e bocejando—O que elles teem é um bonito rapaz.

—Sim. Parece uma mulher de má nota. O presumido!

—Julgas?

—Faz-me até raiva! dizia ella avançando com tedio o labio humido, pendido n'uma pinta de copas côr de rubim.

O filho do coronel chamava-se Ruy. O Gymnasio-Club, orgulhando-se d'elle, como d'um filho dilecto, affixava-o por taboleta das boas fortunas amorosas da corporação.

Ruy era alto, co'a soberba cinta dos gymnastas, flexivel, fina, vigorosa, fechando um busto de *jongleur,* cujas musculaturas correctas tinham a suprema solidez, n'uma suprema elegancia. Tinha os olhos cinzentos, ondas de sangue no pescoço, cabellos frisados por cima das fontes, e uma expressão d'impetuosidade nas narinas, a contrabalançar-lhe o typo fruste de certas particularidades physionomicas, como a exiguidade da barba, e o lobulo escarlate da orelha, feminino.

—Querendo subir, disse lá de cima o coronel, uma chavena de chá... dois minutos de cavaco... dá-nos excessiva honra.

Roberto desfazia-se em agradecimentos; mas não; estava um pouco fatigado: o dia fôra trabalhoso, ia deitar-se.

—O morgado recolheu já?

Aqui o coronel teve uma tosse. Ainda não. Ha de estar agarrado aos trapesios no Club. Gente

nova! Queira v. ex.ª subir. Ó Pulcheria! Eu mando allumiar...

— Não, não, agradecido.

— Até me parece que as senhoras sahiram, ha bocado, redarguiu a coronela do alto, com uma tosseira tambem, muito teimosa.

Roberto ergueu o gasnete p'ra cima, cumprimentou.

— Parece-me que não. Aliás tinham-me prevenido.

— V. ex.ª recolhe-se hoje muito cedo.

— Eh! Eh! contra o meu costume, coronel.

A sua idêa era cavaquear com Emilia a respeito do Simões, na salinha tepida, deante d'uma chavena de chá. Já o coronel erguia a voz, insistindo — uma chavena só... e que aquelle seu protegido já estava empregado, na contadoria da junta...

Porém Roberto recusava-se positivamente a aturar o urso aquella noite: e lesto, com agradecimentos breves, enfiou pelo portal do predio em que morava. Começou então a subir devagarinho a escada. Um quarto depois das dez. Muito cedo realmente! E conforme o seu costume, deu um safanãosito suave no botão da campainha. Toda a casa parecia adormecida. O relogio do escriptorio batia regularmente o seu pulso, em tic-tac. Roberto ap-

plicou o ouvido. Decididamente tinham sahido. Outro safanão. Silencio egual... mas d'esta vez afigurara-se-lhe sentir nas profundezas da casa, o quer que fosse d'um sussurro confuso e intermittente.

—Oh Emilia, Emilia!

A tolice! Até lhe pareceu que tinha cahido um movel, no interior da casa. Estas imaginações esquentadas! Elle era nervoso, estava nervoso... Ora adeus! Sahiram, ahi está. E enxugou com as costas da mão, as primeiras gottas do suor frio que lhe aljofrava na raiz dos cabellos.

Positivamente, ruidos surdos na casa. Positivamente!

E no espirito de Roberto, de subito, a historia do Simões começou a illuminar-se, ganhando corpo, tragedia, intensidade: via o adulterio, a surpreza, o camarada a fugir, ella perdida — e um cyclone de ciumes trepou por elle, em formigueiros, em contracções, em escarlates d'incendio e assassinato! Aonde é que estava o chloroformio? Elle não via: faulhas de fogo saltavam-lhe por deante dos olhos. E metteu hombros á porta; á volta do corredor tropeçou n'um reposteiro, cahiu de bruços. A creada tinha-o agarrado.

Mas com um desespero leonino, Roberto sacu-

diu-a pelos hombros, e passou. E ainda os viu, Ruy com Emilia, na meia nudez dos crimes immundos, enlaçados entre o murmurio dos beijos enervantes.

No governo civil, para onde os policias, aos gritos da creada, conduziram Roberto, o desgraçado ao referir como assassinara, recusou-se obstinadamente a responder porque maneira tinha arranjado o chloroformio.

Nunca se poude estabelecer o delicto flagrante d'adulterio; que a rapariga negava tudo, e o gymnasta conseguira escapulir-se sem que ninguem o lobrigasse. Admittido pois que Roberto viera p'ra casa munido do veneno, a premeditação passou no julgamento como um facto indubitavel. E assim ficou na historia do crime, entre faccinoras, um homem cuja consciencia estava pura, e cujo ideal de honra sobrelevava o dos mais immaculados.

MISS ELLEN

—Ah, miss Ellen, miss Ellen!

Que nostalgia me fazem as trezentas leguas que nos separam, apezar d'esvoaçarem juntos, no translucido ar dos sonhos candidos, de bibe branco e cabellos ao vento, como *babies*, os nossos corações.

Aquella saudavel alegria que eu parece mostrava n'outro tempo, e a miss gostava tanto—uma alegria de risos côr de cereja, vivacidades e pontos de vista mirabolantes, ternuras subitas, ditos, generosidades de humor—todo o equilibrio d'uma saude excelsa, involucrando uma juvenil castidade—aquella alegria, tenho um presentimento de que não tornaremos a vêl-a outra vez, em *tête-à-tête*,

no mesmo canto de gabinete, sob um toldo de riscas, diante do rio, quando os barcos recolhem da pesca, e se ouvem resfolegar os paquetes, barra fóra... ou no fundo do mesmo *landeau*, recorda-se? por essas tardes lucidas de Cintra, durante a estação... Compônho e recompônho o quadro encantador da nossa convivencia de trez annos; convivencia de rapazes ennobrecidos por um mesmo espirito de casta, subtil e grande, onde a familiaridade não fazia esforço em ser fraterna, nem a tagarellice buscava encobrir uns longes d'idyllio superintendido — convivencia de camaradas e companheiros de collegio, ingleza pela ideal limpidez dos seus olhos, meridional pela effusão dos meus sorrisos — em cujos *shake-hands*, miss Ellen, sentia eu sagrar-se para todo o sempre, um universo d'innocencia e lealdade. Então havia flores azues dentro dos meus projectos, e azas de rola batendo *angelus* ineffaveis, na minha alma tão gozoza d'alegria!

N'aquella salinha redonda, quasi interior, depois de jantar, já no inverno, recorda-se?... quando uma penumbra vaga enchia os corredores do velho palacio, e a cidade lá longe, em ondas de

casaria, entrava a polvilhar-se de pontos avermelhados? Ascendiam da barra, lentamente, os aguaceiros, por grandes fumaradas, como crostas de noite envolvendo uma necropole enregelada.

Áquella hora, mistress Well dormitava um pouco na sua velha poltrona, ao pé do fogão, na sala de jantar que os creados arrumavam em bicos de pés. Arthur tossia, com a sua graça pallida d'enfermo, e era quando Mr. Well, cada vez mais taciturno, se resolvia a descer á bibliotheca. E n'aquelle fundo de felicidade benefica, discreto, calmo, recatado, aonde o luxo hereditario, d'uma austera magnificencia, não guardava sobre os estofos, como por essas casas dinheirosas e recentes, as pregas da loja e a ultima demão dos tapeceiros — onde os braços abertos dos *fauteuils* pareciam estreitar, tremulos de emoção, os velhos amigos da casa — n'aquelle fundo de felicidade benefica, dizia eu, emquanto miss Ellen me passava o Tennyson (vestido em marroquim do Levante, e dentado a oiro, por Capé) — o Tennyson que vinha de reler baixo, n'um meio tom de confidencia — o velho piano fazia aquelle preludio de Bach, tão triste, arranjado por Gounod... e a sua voz, miss, a sua religiosa voz ia dizendo as primeiras phrases mysticas e celestes d'aquelle canto desalentado.

Encontrei outro dia o visconde. O mesmo, sabe? A sua eterna mania consiste ainda em representar um fim de raça, que se debate com a nevrose, e se aborrece de tudo, das mulheres, dos cavallos, dos restaurants e das viagens.

O que mais me espanta n'este typo de decadente, mais bonito do que viril, e antes effeminado do que cavalheiresco—cujos claros olhos se affogam, sob o setim dos cilios, n'uma preguiça molle d'oriental: e cujo sorriso em flexa, posto que humido, me parece guardar o seu canto de mordacidade cigana, extremamente cynica e presentida—o que mais me espanta n'este decadente, é a mistura de preguiça e força nervosa que vejo fundidas n'elle, sem predominio exclusivo d'aquella ou d'esta, e todavia collaborando em dóse desegual, conforme os dias e as impulsões.

Ha momentos, miss Ellen, em que eu vou chamal-o um gommoso da especie mais antipathica, um *petit-maître* enfatuado e inutil, no qual apenas reconheço a propriedade magneto-electrica de fazer convergir aos pontos criticos da sua figura, todos os pontapés que não levarem sobrescripto.

Mas reconsidero depois... no fundo, bem no fun-

do, elle me parece ás vezes ingenuo e delicado, pouco instinctivo nas excentricidades que affixa, affectando ares cynicos, aborrecido porém do papel que se impôz.

Possue entretanto uma qualidade excessivamente refinada que eu adoro; está cada vez mais desgostoso de ser moreno, e tem paradoxos cynicos de humor deante das cabelleiras ruivas que vê passar.

E com isto é-se apontado, miss Ellen, é-se apontado...

Vae perguntar-me, sem duvida, que teimosia é a minha em lhe fallar d'este visconde que a senhora jámais poude aturar, e no entanto a preoccupava um poucochinho.

Preoccupava, preoccupava...

Na embaixada de França, a cada instante a sua cabecinha voltava-se para a porta, resfriando a conversa com sir Ralph, uma noite... e quando elle entrou, sem querer, os seus hombros tiveram um brusco sobresalto, entre os myosothis que lhe bordavam o decote. Que estas coisas por si sós não dizem nada; miss Ellen é franca e leal como uma ingleza; e a independencia da sua educação e da sua raça, permittir-lhe-hiam declarar-se frente a frente, caso gostasse do visconde. Entanto, ha-de permittir que eu lhe diga—as mulheres, quando

pretendem occultar qualquer coisa, são d'uma eloquencia que nos alarma e põe logo de sobre-aviso. E n'esse tempo, miss Ellen, mesmo calada...

Trezentas leguas agora, entre miss Ellen e o visconde, entre miss Ellen e eu. Por immensas que sejam as nossas affeições, possuirão ellas a elasticidade de não rebentar, tendidas entre os extremos d'uma tão impossivel distancia?

O que eu soffri das galanterias que elle lhe dizia, na sua emphase ligeiramente cantada de *poseur*, e das reservas com que miss Ellen me fallava d'elle!

Tanta vez que eu chorei por vel-a fria commigo; tanta vez que passava, como um espião tenebroso, á volta dos pavilhões do seu jardim...

Miss Ellen tinha razão em me chamar o ultimo bigode e pera da epocha romantica: nada exacto como esse dito, mesmo apesar d'eu n'esse tempo, não ter ainda barba nenhuma. Jámais se desmentem certas fatalidades de herdança, e eu venho d'um sentimentalismo arrebatado. Meu pae foi dos que na noite do *Ernani*, cercavam Theophilo Gauthier, de velludo negro e collete escarlate, com botões de diamantes. Balzac aproveitou-lhe o typo

para o duque de Soria, e Delacroix achava-o exagerado. Cada globulo do meu sangue, ia a dizer, sabe traçar com garbo, por cima do hombro, mantos côr de parede, e fazer tilintar espadins nas encruzilhadas de cada arteria por onde fizer caminho. Quanto a minha mãe... O velho Camors já dizia:

— *Tant que l'homme naitra de la femme, il aura en lui quelque chose de defectueux.*

Era uma celeste coisa, miss Ellen, era uma celeste coisa a amisade de irmã que a senhora me offerecia. A quasi intimidade que nos deixavam, bem me fazia vêr por que modo adoravel eu era estimado dos seus.

Parece se crystallisara em mim, por bondades tamanhas, uma candidez de caracter, tão intensa, tão consoladora, tão casta, como eu jámais sentira outra na vida — e nunca eu fôra tão bom, nem tão alegre, nem tão feliz... Até me fazia heroico, acredite, a sua confiança.

Não calcula como foi martyrisada a minha infancia, e entre que egoismos eu luctei, primeiro que chegasse aqui. Tantas angustias permittiram todavia que eu guardasse inteira, palpitante, a virgindade do meu coração; antes de a vêr, jámais elle sentira o rasto d'uma mulher.

Que admira? As que eu amaria sem reservas, no esplendor do seu transparente alabastro, todo abrasado em poemas ineditos, desconfio nunca deram por mim.

As outras faziam-me triste: o resto horrorisava-me.

A primeira vez que nos vimos, eu estava n'esse periodo morbido, em que o coração resfria de se sentir abandonado. Miss Ellen fez-me o effeito d'estas princezinhas de lenda, ligeiras como sylphos, envoltas n'uma atmosphera vibratoria d'alegria, e cuja actividade parece que se balanceia n'um rythmo de walsa em surdina, perpetuamente alado. N'esse tempo, como hoje, eu precisava bem d'esta especie de paraiso que Miss Ellen illuminou para mim, com o luar dos seus olhos azues.

Ha tres annos. Havia cinco que minha irmã se deixara morrer, por um começo d'outomno. Ah, miss Ellen, miss Ellen! Tenho ainda na ideia a desolação d'essa quadra funesta para as nossas duas familias, quando surgem as primeiras camarinhas de suor na fronte das nuvens, e toda a natureza, arripiada, parece retrahir-se. Nas longas aleas, dias antes rumorosas dos *croquets* juvenilmente apos-

tados, cahiam funebremente as folhas amarellentas dos platanos.

E ella esmaecia, sorrindo, a pobre Martha, com o sereno albor d'essas santas gothicas que os illuministas miniaturaram nos evangeliarios do seculo XII, hysterisadas na celeste graça do Espirito.

Ai de mim! — visões fatidicas que estendeis sobre a minha cabeça os vossos dedos d'esqueleto... Ao canto da persiana, de cima d'aquella arvore, ou n'um banco musgoso de jardim, a morte, coroada de rosas, como nos *lied* tradiccionaes da velha Allemanha: a morte espreita o quarto aonde ella tosse, e vae tocando na sua frauta, feita d'uma tibia que alveja, a walsa dos tisicos que hão-de cahir extenuados na cova, este outomno... — e pelas avenidas caladas, da cidade ao cemiterio, lá vem apparecendo as virgens que partem, affogadas em rosas brancas e lagrimas maternas, co'as mãos em supplica sobre os seios inviolados. E eu via-a circumvagar por toda a banda, a terrivel adela, sedenta d'uzura, e estendendo a cautella de penhor aos desgraçados para quem se acabara na vida, a tolerancia.

Adolescencias divinas, brancas côr d'espuma, roseas da côr da aurora, e mais loiras que o linho fiado á beira dos lagos biblicos — infancias rouba-

das ao mais mimoso dos seraphins das Ascenções —humildes e poderosos—nostalgicos e felizes, vós todos... digamos a nossas mães que nos deem os ultimos beijos, e aos nossos amigos que acendam os ultimas brandões... O cemiterio tem fome.

—Tão cedo! muitos suspiram. O sol ainda vem tepido, e na sepultura faz frio. Inda tem cachos as cepas, por essas fulvas encostas, á sombra das oliveiras. Mais um momento ainda, um só momento!

—A noiva d'este é uma loira que transfunde o seu sangue, se tu queres, nas veias exangues do noivo.

—Aquella tem um pae que offerece erguer uma cathedral de marmore branco, immensa como o mundo, e com flechas mais altas do que as da cathedral de Colonia.

Mas a hora bate, silencio! a terrivel hora que vibra n'um sino invisivel e tragico.

E assim morreu Martha, e Arthur assim morreu, d'amores por ella, no outomno seguinte.

Estas duas perdas empardeceram-nos a vida, e fizeram-nos a cidade odienta e insupportavel. Nunca mais mistress Well deixou de pensar no seu *cottage* da *Escocia,* tão branco no verde alpestre

dos abetos, á beira da lagôa em que boiam nenuphares. Aquelle velho palacio de quinas macissas e janellas monumentaes, no calado bairro da Lapa, por cujas escadas, alabardeiros de bronze erguiam candelabros, té ao portal d'entrada—aquelle velho palacio, por cujos jardins d'altas muralhas, as araucarias figuravam gigantescas pyramides, que dir-se-hiam architecturadas com parasoes sobrepostos—aquelle palacio tão confortavel e fidalgo, tornou-se insupportavel de lucto, para o *spleen* de Mr. Well, seu nobre pae. Nunca mais o piano poude fazer musica de camara, na recatada salinha intima, a quatro velhos amigos, quando o Tennyson vae de leitor a leitor, repetido, saboreado, n'uma tocante emoção d'espiritos nobres, e as senhoras fazem tapeçaria á roda da meza coberta de velludo verde até ao chão. Por todos os cantos e moveis, começou a vagabundear a sombra d'Arthur, d'ali por deante, impedindo o livre rumo de conversa que lhe não dissesse respeito.

A cada passo, inda que a trajectoria raciocinal do assumpto não abordasse, ao de longe que fosse, reminiscencias do morto, ahi vinham historias e parlendas sobre o que elle diria e faria, n'este caso e n'aquell'outro.

«... N'aquelle sophá, além assim, por baixo

do espelho circumdado em espiras de hera, contára elle a sua primeira victoria de *cricket,* com sir Raph e todo o *excentric-boys-Club.* Junto áquella janella, elle deitara a primeira golphada de sangue, um domingo, á hora das leituras pias.

Era n'uma postura assim, como lady Sydney-Black está agora, que Arthur gostava d'ouvir lêr Carlos Dickens e Georges Elliot, os dois romancistas do lar—e n'um banquinho baixo, aos pés de miss Ellen, sua irmã, que elle se punha a ordenar os seus cartões d'insectos, com alfinetes doirados, cantando baixo *A ultima rosa do estio,* de Thomaz Moore.

N'essas sessões patriarchaes, tão affastadas já pela felicidade morta, miss Rower, americana flexivel e tão branca, com graças de criança e ligeirezas d'ave, não tirava os olhos d'elle; e d'uma vez aguarellou-lhe o retrato n'um costume de flanella azul e meias altas, ao lado do velocipede que elle amava tanto...»

O phantasma d'adolescente melancholico, sério, poetico, especie de Hamlet que parecia recordar-se d'uma vida sobrenatural que nunca vivera—o phantasma não deixou mais de vir commungar nos actos quotidianos da familia—conservavam-lhe o talher ás refeições, deixavam-lhe todas as

noites um *fauteuil* vago ao pé do fogo, e faziam mesmo por lhe escutar o conselho nos conclaves domesticos, esse conselho que apenas se ouvia por presagios, ás horas da noite em que o silencio é transparente, e deixa fluctuar nas grandes camaras, subtil como um ether, a alma invisivel da superstição.

Esta nostalgia do meio esmagava a coragem de nós todos, estacando nos seus labios, miss Ellen, o sorriso angelico que outr'ora enchia de musicas aquella faustosa residencia.

Forçoso nos foi dizermos adeus, tenho um presentimento de que foi o ultimo, esse adeus—e semelhante ideia faz-me chorar.

A VERRUGA

Tinham-se erguido do jantar.

A sala do refeitorio era estucada de claro, tendo um mau fresco piedoso no tecto, e arcos de vidros córados sobre o jardim, por traz d'uma gradaria onde martyrios, madresilvas, *bougainvilles,* faziam reticulos espessos de florações. Ao fundo da peça, entre quadros representando versiculos da Biblia, n'um grande painel de moldura negra, a Senhora do Carmo sorria, coroada d'estrellas, com o Bambino na attitude de proteger um mundo azul que segurava entre os joelhos.

Foi Laura, a mais velha das educandas, quem das seccas mãos de soror Maria recebeu a carta

do papá Borges, antes aberta e cuidadosamente lida pela preceptora. Papá Borges contava ir buscar a filha em tres dias, quatro, o mais tardar.

Tinha feito mobilar um angulo do palacio, segundo informações, dizia elle, que Laura lhe fornecera, e as quaes tinham merecido reparos de soror Maria, sobre a modestia christã, e as indulgencias a ganhar pela vida isempta d'apparatos e ostentações. A leitura da carta dera um alvoroço. E mal se abriram as portas do jardim, e o alegre bando desandou a correr pelas aleas verdes, no meio de péllas atiradas, arcos rolando, e *crokets* em organisação, a pobre rapariga, cingindo Albertina e Margarida pelas cintas, communicou-lhes n'uma tagarellice a grande nova, que fôra até ali o mais extraordinario episodio da sua vida. Sagazmente, nos intervallos das rezas e lições, as tres tinham combinado sahir no mesmo dia, de caminho fazendo uma cidade de futuros projectos e felicidades sem preço. Tinham entrado ao mesmo tempo no recolhimento, estudado as mesmas classes, aturado as mesmas mestras, apaixonando-se pelas mesmas musicas, e sonhando em commum, nas noites molles de dormitorio, o mesmo idyllio d'um primo aos pés, n'uma paysagem d'esmeralda, onde pastassem cabrinhas de porcelana.

Esta symetria d'anniversarios, casualidades, estudos e aptidões, apertára em volta das tres um laço d'amor vehemente, essa quasi ciumenta estima cortada de sobresaltos, que vem d'uma intimidade absoluta de corpos e de espiritos. Laura, a mais autoritaria no grupo, fazia valer as suas opiniões, e impunha o seu temperamento á ingenuidade doce das outras duas. A mais nova até, Margarida, copiava-lhes os feitios, acceitava-lhe as vontades sem murmurio, sentindo um respeito pelas suas palavras, e um fogo pelas suas perfeições.

Menos impressionavel, Albertina era toda calada no seu bibe, as suas mãos de rainha pequeninas e pallidas, em que havia as doçuras d'um marmore, e uns grandes olhos obliquos d'onde radiava a sombra d'umas olheiras. Sob a bata escura do recolhimento, nada mais fino e delicado do que essa figurinha de fórmas transparentes, que uma melancolia grave, alta, quasi desdenhosa, esmaltava d'esplendores serenos. E em tres ou quatro dias, ellas iam separar-se e sahir! Esta ideia que enthusiasmava Laura, e atravez de Laura, Margarida, não tinha lá grande echo no coração d'Albertina. Lembrava ainda com terror os seus primeiros annos, antes do recolhimento, entregues á governante do tio Padua, n'uma rua ingreme d'arra-

balde, entre casebres de peixeiras. A governante fallava-lhe sempre d'um modo sêcco, por cima dos seus oculos de metal; na visinhança não havia pequenos; o rio deante, espelhava a monotonia do seu crystal adormecido, e por baixo quintalorios onde seccavam canastras e cueiros...

E nunca vinham visitas, as creadas eram todas velhas e detestavam-se; e aquella oppressão de todos os instantes concentrára a sua alma, condensando-lhe a vida d'ave nos olhos estrellados, e enriquecendo-lhe o sorriso d'uma multiplicidade d'accordes e tons, que chegava a parecer singular, tão precoce era.

Reflectindo na sahida d'aquelle recolhimento, onde fizera o seu mundo, e além do qual cousa alguma para ella existia, Albertina invadia-se d'uma indifferença, d'uma pena, d'uma tristeza, parecendo-lhe seria mais negro agora o segundo andar do juiz Padua, e a convivência d'aquella governante rabugenta e sebentona. De noite, as ultimas noites de dormitorio, sob o pallor da lampada cahindo do tecto como n'uma dependencia de templo, Albertina, estendida no leito, architectava por fragmentos a sua vida cá fóra, e desolava-se. Laura teria carruagens

e palacios, todas as vaidades do luxo que faz explosão nas festas da alta vida, uma existencia de prazeres e de sumptuosidades. Margarida era rica, e tinha um irmão, Alberto, que a vinha procurar ás semanas, e fôra o amante ideal de todo o recolhimento; e por quem ella mesmo...—E n'esse segundo andar sem cortinas nem esteiras, duramente mobilado, grosseiro de contacto, sem o convite amavel d'um estofo, onde as pesadas bancas vergavam ao peso de papeladas amarellentas, e bahus de coiro e lavatorios de ferro arrastavam pelos cantos, entreabertos, desordenados, n'um desleixo fetido de hospedaria e casa de batota—n'esse segundo andar tão sem conforto, ella Albertina, iria sepultar a sua mocidade como n'uma cova, não recebendo, não conversando, não sahindo —com a eterna paysagem do rio ante os olhos, se os alongasse—com a promiscuidade da gente ovarina, catando-se ao sol, caso os descesse.

Em Laura nenhum traço de subjeição, anemia ou tristeza. Era o homem do recolhimento, quem fazia de principe enamorado, quem tinha força, dava leis, arredondava os mais fortes seios, e contornava sobre o rebordo das orbitas, as mais cerradas e negras sobrancelhas.

Na sua figura havia a exuberancia que nasce

da saude herdada e do harmonico e livre crescimento. Jámais a viram pallida ou distrahida n'essa *rêverie* sentimental que é o *chic* da chlorose feminina. Aos dezeseis annos era uma mulher de quadris magnificos, tendo esse rijo busto que fez a paixão d'uma raça de esculptores antigos, onduloso sem excesso, elastico sem deformação, e irradiando a brancura rosea, em cujo fundo se vê o sangue circular, globulo a globulo.

Era nas linhas de transição que essa estatua mais se ennobrecia, como um modelo — por exemplo — a linha que contornando a redondeza dos hombros, subia n'uma onda, até ao lobulo da orelha, cujo rubor punha a ideia no primeiro medronho outomnal — a que n'uma voluptuosa curva, partia da axilla, para se alargar depois na expansão das ancas — a que recortando cordilheira de neve indefinivel, ia dos seios ao hemispherio do ventre — e outros detalhes: a linha do punho para a mão: a linha brusca, constantemente deslocada, dos joelhos... Consequencia d'esta floração da carne, a vida de Laura transbordava necessidades fataes, inquietas brutalidades, furias, violencias, impulsos singulares, gargalhadas, replicas e garotices. — E tinha a devassidão innocente, innata na femea pubere, que por todos os poros aspira o

amor, e nas suas phantasias, mentalmente abraça corpos d'athletas, n'essa ancia de maternidade que o amor allega para desculpar o prazer.

Lentamente, a melancolia de Margarida dissolvia-se nas distracções que lhe proporcionava o irmão; além de que, Laura vinha ás manhãs, e as duas passavam horas cochichando e rindo baixo, abraçadas uma á outra. Projectos de vida mundana começaram então a viver nos craneosinhos das duas.

Laura talhava á larga, n'uma febre de luxo e dissipação; porque era uma voluptuosa, aquella creatura, refinada d'um gosto que se esboçava em cada dia melhor, e onde dominava já a nota extravagante que dá celebridade. O que faria ella agora, senhora como as outras, adorada pela papá Borges, podendo riscar vestidos como appetecesse, casando as côres que mais estimasse, percorrendo as lojas de carruagem, indo ás corridas e leilões celebres, e mostrando aos binoculos de S. Carlos, nas grandes noites, o desenho das suas espadoas reaes? Margarida, muito preoccupada tambem. Alberto tinha comprado um palacete a Buenos-Ayres

no fundo d'um grande jardim burguez. E havia duas semanas que os dois irmãos faziam de tarde o *tour* dos armazens, apartando aqui e além, mobilias e *bibelotage*.

Na tarefa emprehendida, Alberto deixava inteira liberdade á irmã. Pobre rapaz tão dedicado e tão serio, não sabia fazer senão o que lhe fosse sympathico, e ainda bem ella não tinha formulado um desejo, já elle o adivinhava para lh'o satisfazer. Amava fortemente essa organisação honesta, um pouco ingenua e um pouco fria, mas tão leal que era digna d'um culto. Eram quasi da mesma idade, e não tinham mais ninguem. Quando Margarida deixou a clausura, o irmão fugia ás subjeições dos tutores para entrar a administrar-se. Todo esse inverno foi um cyclo de prazeres e novidades. Nas manhãs em que não podia vir, Laura enviava o seu diario a Margarida, apertando algum *bouquet* de rosas chá.

Eram animadas as *soirées* do papá Borges, gente de todas as côres, monumental o bufete, politica pelos cantos... Na confusão das gravatas brancas, um ou outro typo destacava o seu tom caricatural: Joãosinho, um brazileiro que apparecera em Lisboa n'um estadão; o artilheiro Faustino, que viera bom do Algarve; a figura espectral do delegado Aman-

cio; juiz Padua, sempre dobrado ás exigencias da etiqueta...

Todos estes comparsas da moda, celebridades de momento, homens de lettras ineditos, sabios sob palavra de honra, ou janotas sem fortuna conhecida, faziam a grande raça eleita em que o paiz tinha os olhos, e d'onde se tiravam funccionarios e generaes para todas as especies d'exercitos, finança, professorado, parlamento, burocracia e jornalismo... A mór parte eram rapazes exasperados de pobreza, luctando com a vida magra das casas de hospedes, sabendo dolorosamente o valor do dinheiro, e tentando perfurar tenazmente a crosta d'obscurantismo, para na evidencia surprehenderem posta, consulado, embaixada, commissão ricamente provida, ou o acaso d'um bom casamento.

E cada um tinha o seu systema d'ataque. Uma ambição ardia nos olhares, por traz dos sorrisos e das affectadas blandicias. Os mais novos iam na esteira de Laura, de Margarida, e do *bouquet* d'ingenuas que n'aquelles bailes arrastavam as primeiras caudas dos seus vestidos de senhoras, enchendo-lhes os albuns de pensamentos, e os ouvidos de madrigaes soffrivelmente tolos. Margarida, mais simples, inda se impressionava; Laura ria. Porque ella era das que dizem a um homem: Sê

como os ephebos, vigoroso e vivo, com a adolescencia dos lirios e a côr tocante das rosas. Que o amor tambem se incende da possibilidade de o inspirar. Ou de contrario não ames!

Essa Juno fogosa soffria a attracção das plasticas efflorescentes de seiva, que exhalam em cada movimento um perfume de força. A sua paixão porém, a sua velha, estranha e unica paixão, era Margarida, e atravez d'ella, talvez, um pouco, Alberto. Mas tão calado, esse rapaz!

Á entrada de maio, o alegre bando de mundanas debandou para o remanso das quintas. É quando Lisboa perde as suas mais franzinas e graciosas figuras. Mas o convivio proseguiu, e *matinées* dançantes, vestidas de cassa, com cachos de lilaz nos cabellos, continuaram por baixo das arvores os calafetados bailes do inverno anterior, onde as camelias fanam aos primeiros halitos do gaz, e os velludos negros fazem luminosos os hombros nús das mulheres. Todas as manhãs, *landeaus* e carros de mil fórmas, despejavam á porta das casas de campo, borborinhos d'adoraveis palradoras, chilreantes visitas que vinham de longe passar o dia, trazendo recados d'esta e beijos d'aquella, in-

vadindo os aposentos n'uma chafranafra, para despertar os dorminhocos, com ordens sem conto á cosinheira, e o *laisser-aller* de quem faz da vida um paraiso.

Laura e Margarida tinham ido surprehender a primavera ao valle do Sado, mosaico de laranjaes e jardins, kiosques, mirantes, casinholas e montanhas, onde as andorinhas vôam todo o anno, e a natureza desabrocha n'uma eterna juventude. N'aquelle oasis furtado aos indiscretos, a vida espadanava n'uma continua agitação de passeios e pic-nics. Aos sabbados, os comboios traziam de Lisboa familias da roda de Laura e Margarida. O delegado, que durante a semana improvisára uma ou outra semsaboria poetica, vinha lel-as á quinta, cada vez mais espectral e d'olhos fixos.

Juiz Padua trazia Albertina, uma senhora, por quem Alberto começava a sentir o seu fraco. Pontes, o formoso Pontes de *D. Maria*, cuja *pose* dramatica tinha o geito de estar sempre deante da machina do photographo, punha n'aquellas reuniões a arte palaciana de dizer o monologo. E toca a divertir! Logo pela manhã, n'uma pequenina enseada do rio, as senhoras de vestidos claros e parasoes hilariantes, em circuito, com as pernas cruzadas sobre tapetes, na areia, ou errando entre as rochas á caça

de mariscos e algas, ou meio despidas sobre a prancha das barracas—as senhoras faziam n'essa aguarella marinha, uma serie de manchas e *silhouettes* pittorescas. Algumas tomavam banho, duas ou tres mais audazes iam remando uma guiga ao longo da praia, e as que sabiam nadar faziam apostas, aventurando os seus arrojos bem para lá da terra firme. O negrito de Laura trazia então sobre um carro o grande realejo, e mesmo sob as frescuras salgadas da manhã, emquanto relampejava aos remoinhos da luz, o azul-turqueza da agua, a valsa rompia quasi em *deshabillée,* os homens em *veston* de flanella e camisas decotadas, as senhoras de linho azul ou percale rosa, com botinas altas de pelle de gamo, e disformes chapeus amachucados por fitas que vinham atar por baixo da barba.

Uma manhã, antes do sol, ainda o rio deixava ondular vapores phantasticos por cima da sua agua sombria, Alberto e as tres educandas foram no *landeau* do papá Borges, pela estrada d'Azeitão, entre serranias bruscas, verdes ineffaveis de pinhal, fazer appetite para o almoço. Albertina crescera muito, e soubera guardar no typo elançado as dolentes melancolias de creança, tão poeticas nos seus profundos olhos de madona. Nas faldas da serrania, apoz os ultimos contrafortes das quintas,

os grandes bosques começavam, legiões verdes de guerreiros trepando socalcos e fraguedos, na mira de surprehenderem o roqueiro desconforme de Palmella, ou algum reducto abandonado aos corvos pelas cristas da cordilheira. Alberto, que hesitára algum tempo entre Laura e Albertina — porque o vigor voluntarioso de Laura tinha fascinado a feminilidade exquisita d'esse timido — parecia agora gostar seriamente d'Albertina. Na base da serra, á entrada do pinhal, Margarida declarou que sentia as pernas dormentes, e quiz saltar para uma ascensão de hora e meia, té lá riba, ao primeiro sanctuario da Cartucha.

Já a esse tempo Laura batia as saibreiras com o seu bordão de *touriste*. Porém Abertina sentia-se tão fraca! dormira mal, e Alberto ficou a fazer-lhe companhia.

Assim a carruagem foi lentamente, pela nova estrada que entra em Palmella sem rampa, nem esforço, larga, tapisada de vermelho, entre troncos biseculares. Em hora e meia, os viajantes deviam encontrar-se junto áquelle portello de vinha, onde está um cruzeiro — quem faltasse pagaria multa aos pobresinhos de Troino. E amparadas uma á outra, hombro a hombro, as duas iam-se perdendo entre urzes e medronhaes. Laura tirou o

chapeu, deixando cahir as suas enormes tranças.

—Uf! até que emfim nos deixaram sós!

Tudo em roda cerrado de vegetaes: as gordas piteiras, estriadas d'amarello e cheias de ferrões, sahiam dos despenhadeiros e vallados, cortando fórmas cruas no fundo saibroso das terras; figueiras bravas, de troncos curtos, abriam parasoes por cima das sebes, junto de freixos, entre erupções de silvados; por sob as confusas ramas e troncos agglomerados, corriam monticulos e sinuosidades cobertas de relva, que as camomillas e esporas picavam de estrellinhas tricolores. Um chilrear de passaros saudava o amanhecer. E lá em baixo, no valle de Setubal, em renques longos, separando as quintas, fazendo o traçado dos caminhos, de cada vez que o vento esfrangalhava as brumas, viam-se os eucalyptus sacudir esguiamente os longos cutelos da sua folhagem baça. Ellas iam de vagar, pela encosta abrupta, arregaçadas até aos joelhos, saltando pedras e tojos, por não rasgar os vestidos nos galhos seccos do matto.

—Que madrugada foi esta? disse Laura de repente.

—Se não dormi—e alto: estou-me a lembrar d'um inglez que vi hontem... aquelle do velocipede...

—Andas á procura de namorado, acudiu a outra, em voz secca. Era tempo!

—Não é isso, ia dizendo Margarida distrahida. Mas has-de confessar que é seccante fallar toda uma noite com o Joãosinho, ou com esse teu primo delegado, que parece cahir da bocca aos cães. Esse inglez nada d'affectado, de gasto, ou doentio.

Olhou a outra de soslaio, com um mau riso que lhe fazia adejar as narinas, pallidas de subito. E muito de vagar:

—Casava com elle, palavra!

—Afinal, que tenho eu com isso? Por amor d'esse principe é que tu me chamaste?...

Mas Margarida continuava alto:

—Como será bom ter um pequerrucho do homem que se ame! Os filhos são o amor dos paes feito esculptura, e a esculptura tornada vida á força de paixão. Nos pormenores d'essa obra d'arte—os deditos, os pésitos, as pernitas, a boquita, os olhitos—nem um bocadinho que não seja collaboração de duas vehemencias egualmente sublimes—e cingia-lhe bruscamente a cinta—Gostavas de ter um filho?

Laura então poz-se a fital-a com uma ternura infinita—os seus labios tiveram sobre os de Margarida um leve roçar de buços loiros, uma troca de

halitos apenas suspirosos — e deslumbrada ave, vencida por um falcão, a pobre pequena ia-lhe desfallecendo no peito, doce, muito docemente.

— Mas tu, dizia Laura que se tinha assentado n'uma attitude lassa, com a sombrinha japoneza aberta sobre o hombro, e desapertado da garganta o tufo de renda da gravata — tens a certeza d'amar esse rapaz?

— Certeza, certeza... disse a outra.

— E elle?

— Conhécel-o?

— Mal. Tem meneios de *cocotte*. Ama-te um pouco, ao menos?

— Se m'o disse!...

— Então duvída, minha filha.

— Não percebo. Duvidar!...

— Presentimentos. Não o achas frio?

— Um inglez é sempre calmo.

— Actor... afeminado...

— Antigamente. Agora não. E é tão bonito! Sim, um quasi nada contemplativo, e com feitios de rapariga... Tem a doçura dos loiros, que parece feita de musicas e languores. A voz sobretudo. Que melodia triste, a das suas abstracções! E não lhe reparas na bocca? É de noiva. E na brancura da sua pelle, na ligeireza da sua cinta, eu leio a

complicada anemia que faz a condemnação e a divindade d'um fim de raça aristocratica. Porque elle é nobre.

Laura não deu resposta: tinha flechas de ciume nas pupillas, e os cantos da bocca comprimidos de perversas admoestações.

—Ora dize-me, fez ella de chofre—que ideia fazes tu d'um marido?

—Um homem que nos ame toda a vida.

—Isso é theorico. Nenhum homem póde amar toda a vida uma mulher. Que supplicio para ambos, se assim fôsse! O amor é dos primeiros tempos. Depois, a estima se encarrega de tornar felizes os dois, de companhia com os filhos, se os ha. Um marido é além d'isso mais que o homem que nos dá beijos depois do jantar, quando o cognac se lhe vaporisa na cabeça, e a digestão lhe sobe á bocca. É o procurador dos nossos interesses, o que satisfaz as nossas exigencias de pequenas perdularias, o que nos acompanha se estamos tristes, e nos aconselha se vamos tresviadas. É o nosso bom rapaz, o nosso gozo e o nosso banqueiro, aquelle de quem nos podemos fiar cegamente, sem temor de burla ou descredito. O que não vê a nossa leviandade, aprecia-o elle, do fundo do seu bom senso viril. Como espirito deve ser-nos superior, como homem

não nos deve envergonhar. Agora dize-me: esse inglez está nos casos?

—É intelligente, é fino, é cavalheiro, é dedicado. O que elle disser soar-me-ha como um decreto; e nada que eu presinta, viria embaciar a nossa felicidade.

—Illudes-te, penso. O ephebo que te deslumbra é um collegial que apenas poderá fazer junto de ti o *ronron* que fazem os gatos nas almofadas d'um canapé. E minha filha, cuidado! Aos trinta annos, esse albino—tão fragil que o menor pé de vento atira com elle por cima das arvores—esse albino terá o aborrecimento dos invalidos que o luxo cachetisa por uma continua inacção interior. O seu *spleen* formar-te-hia uma existencia horrorosa. Será um epileptico, ou um doido—passará a vida encommendando *prompto-allivios* para as suas nevralgias, e excitantes para as suas precocissimas inercias—emfim, elle ha-de ir da adolescencia, sem transição, para a velhice... Cuidas que exagéro? O pae d'elle era um velho diplomata passeado por todas as dissoluções de Paris e Londres. A mãe morreu tisica aos vinte e cinco. Estas coisas transmittem-se, e procriam torpezas novas. Por fórma que o teu noivo ha-de ter no sangue todos os vicios paternos, accrescentados com as miserias organicas

da pobre senhora que lhe deu o sêr. Treme pelos teus filhos, foge d'elle. Sendo inoffensivo, é terrivel.

— Tivesse eu de morrer, apenas trocado o primeiro beijo — dava-lh'o. Endoidece-me; não quero saber de mais!

A voz de Laura estava rouca. E muito pallida nas faces, precipitando as coisas que dizia:

— Então ouve, então ouve. Eu queria poupar-te uma noticia. Albertina é noiva d'elle, Albertina, aquella sonsa. Vi-os eu, abraçados, á porta do jardim, aquella noite... E seria infame desviar a pobre pequena d'uma inclinação antiga e tão sincera. Não imaginas! Para ella o casamento é um refugio. Quasi que a mata de fome, o tio Padua. Tu esquecerás o inglez, fica combinado.

— Não! fez Margarida duramente. Não!

— Arrancas-me confissões que eu não quizera fazer de modo nenhum. Ouve. Elle joga.

— Deixal-o!

— Embriaga-se como o ultimo marujo.

— Que m'importa!

— Escreve a todas as mulheres, tem amantes...

— Cada vez gósto mais d'elle!

— Pois bem: has-de deixal-o á força! Ou vou já contar tudo — as nossas noites de recolhimento, as tuas cartas com Albertina, o que tu dizias de

mim... E bato-te! E estrangulo-te! Has-de deixal-o á força! — Porque eu amo-o!

— Isso é mentira! gritou Margarida furiosa. De mais sei eu o que lá vae dentro de ti! O recolhimento desviou-te do thalamo p'ra sempre, e o despreso do homem, bem o vejo eu na tua face, de cada vez que teu pae traz á tua presença um promettido. Oh, fazes-me horror!

Prosternára-se a outra, e debruçada no chão beijava-lhe os vestidos.

— Minha esposa de mysterio, esposa criminal, do mesmo sexo que o esposo! dizia ella. Os homens nunca poderão compensar em mim a suprema embriaguez dos teus abraços, e a ardente caricia que vem sorver-me a existencia, pela frescura humida d'essa bocca. Oh, sim! labios nos labios, olhos nos olhos, coração no coração. Que celeste coisa é o beijo, quando troca duas respirações perfumadas egualmente; e que admiravel musica, inedita e profunda, se exhala d'este noivado nosso, monstruoso e divino, em que a força da paixão talvez compense a infecundidade d'elle, e a delicadeza do nosso sêr, tão superior como obra d'arte, vê palpitar junto de si, confusa, perdida, quasi doida, outra delicadeza que a equivale, e nos abala, e nos deslumbra! Vê como elles são egoistas, os

homens, quando exhaustos no coxim dos nossos cabellos esmanchados, á hora em que os braços cahem desfallecidos, nos perguntam — «que sentiste? que soffreste? deliciei-te? porque choras tu?... dize-me da intensidade dos teus fremitos, da quintessencia das delicias que te dei, para eu calcular se n'esta juncção dos nossos desejos, o meu ficou vencido e amesquinhado, a beneficio do teu.»

Quão grosseiras as emoções em que elles se agitam — esse inglez é um *boxeur* antes de tudo — pois que as exprimem com palavras d'uma chateza deprimente! O seu grito é o d'um animal selvagem que amesquinha a femea fragil, o d'um sultão que ultraja a pobre escrava do deserto: e quando sahem das nossas alcovas, mesmo nos olhos dos mais ingenuos, lê-se uma impudencia que espesinha o mais incorporeo da nossa delicadeza e da nossa susceptibilidade. Jámais nós seremos todas de nossos maridos, por muito que os homens nos fascinem e nos deslumbrem — porque nunca elles saberão surprehender as intangiveis perversões da nossa alma, as hystericas finuras dos nossos sentidos, e esta aspiração sem fim para o gozo inimaginavel de duas pombas que se ajustam uma na outra, irmãs e noivas ao mesmo tempo. N'este hymeneu, sim... n'este hymeneu fazemos nós evolar

sem medo, na mesma cumplicidade poetica e refinada, a feminina essencia, a gracilidade lactea e nervosa, que são como os alcaloides typicos da nossa natureza, e nenhuma lingua traduz senão a que nós fallamos, orelha a orelha, sobre as rendas do mesmo travesseiro, e nenhuma analyse precisa, e nenhum raio de luz conseguirá jámais surprehender.

Tu que és uma purissima pomba, exquisitissima nas tuas sensações, nas tuas leituras e nas tuas ideias, como poderás admittir a ideia d'um homem no teu leito—oh sensitiva maravilhosa d'uma raça que se desmembra!—um homem cuja brutalidade envileça os teus requintes de gata, rompa bestialmente o mysterio da tua virgindade, e faça borbulhar o sangue á flôr da tua epiderme, pela furia indomita dos seus appetites de barbaro!?...

E aqui a voz de Laura tinha adquirido *nuances* graves, crystallinas modulações, venenos deliciosos de persuasão... Phosphorejantes de culpa, torvos, humidos, terriveis, os olhos da outra... Talvez n'esse instante elles podessem explicar por que razão, subindo a encosta, já farto d'esperar, Alberto as viu sobre as floridas urzes, como duas nymphas da Hellade, em risinhos, gritinhos, sobresaltos, n'uma *toilette* apenas mythologica, e ainda porque

foi que na surpreza, esquecendo-se de reparar a desordem das baptistes, Laura dizia titubeando, a Margarida:

—E agora continuarás a affirmar, grande teimosa, que eu tenho uma verruga no quadril?

FANTOCHE

(AO SR. COMMISSARIO DE POLICIA)

Não me atrevo a cuidar que vossa senhoria já alguma vez tivesse reparado em mim. Como physionomia, eu sou o que em lingua de plebe se costuma chamar um cara de cavallo. Redondo, barrigudo, sem espirito, sem posição, sem fortuna, sem heranças e sem convicções, passo a minha vida n'uma obscuridade desesperadora, adormecendo a scentelha gulosa dos meus olhitos de frascario, por traz d'umas lunetas fumadas d'administrador de concelho demittido, e portando-me bem, como a maior parte dos imbecis, pelos obstaculos reles que até agora tenho encontrado, sempre que procuro

dar ao meu procedimento uma directriz muito diversa.

Não me resigno, entretanto, a este papel anonymo de burro, sem responsabilidades, nem aptidões, e tenho promettido a mim mesmo sahir do infame esquecimento a que me votam, seja qual fôr o preço de sahida, e os precipicios que eu haja de galgar, n'uma cambalhota d'audacia, cynismo, ou extravagancia. E para começar, já lhe confesso, amigo commissario, que me dei á frequencia das *más companhias.*—Más companhias, meu rico senhor commissario!

As relações que travei á minha recente chegada da provincia, com esta especie particular de creaturas, tão deliciosas de tracto quanto compromettedoras de intimidade, se por um lado me alliviam do peculio grangeado durante as sopas magras da minha aldeia, por outro, estou que hão-de lançar a minha personalidade a uma evidencia, de que os jornaes inda talvez se occuparão. Na pleiade aliás mirabolante dos meus recentes amigos, eu seria ingrato, se acaso deixasse d'illuminar em pleno peito, para estarrecimento das massas, uma das figuras mais vivas, mais espirituosas e mais profundamente originaes da alta vida lisbonense—a qual, se pelos acasos especiaes da sua posição, cahir nas

bemdictas unhas de vossa senhoria, nem por isso deixa de ter direito á sua deferencia, como a pessoa dos deputados e outras mirabolantes figuras d'este paiz. Refiro-me, senhor commissario, ao meu amigo Fantoche, um dos *sportsmen* mais distinctos da cidade, e um dos mais freneticos *viveurs* do café Tavares.

Fantoche é um cão gastralgico e rechonchudo, acerado no remoque, paradoxal no penteado, litterario, voluptuoso, e com uma bonhomia inteiramente régia para os peccadilhos azues de consciencia — os das cadellinhas bonitas sobretudo. Já vossa senhoria ha-de ter ouvido citar os seus epigrammas, diamantinos e bruscos, que por si valem tratados de moral; e muitos *trucs* e facecias hervadas de humorismo, que a linguarice do *boulevard* depois foi travestindo, a sabor do seu calão particular.

Surprehender nas quatro duzias de aphorismos, qual mais estonteador e lampejante, o systema philosophal de Fantoche, é já de si coisa difficil, porque a subtileza da sua trama não seja substracto a escrever-se em meia duzia de notas; accrescendo que não é costume, além d'isso, a auctoridade

mostrar deferencia por este genero particular d'indagações. Que este cão seja por conseguinte um boudhista, com a *impassibilidade subjectiva*, ou simplesmente com diabetes e furunculos no reverso paginal, eis o que não vale muito a pena esquadrinhar. Demais um nevoeiro mystico se diffunde nas doutrinas fundamentaes da sua philosophia, que assim parecem vagas e inaccessiveis; d'onde nasceu que muitos biographos até, matricularam Fantoche, erradamente, na eschola philosophica de Villa do Conde.

Depois, que simplicidade a do seu tracto! Jámais o meu cachorro seria capaz d'orgulhar-se, de com uma phrase haver produzido a demissão d'um ministerio, ou affirmaria que alguns dos seus pamphletos houvessem compellido a legislação contemporanea á abolição dos açaimos, dos bolos d'estrychnina, e das colleiras, nos vertebrados da sua categoria e da sua egualha. Sendo certo, entretanto, que Fantoche teve sobre as fortes questões da actualidade, opiniões solidamente arcabouçadas, e pontos de vista d'um transcendentalismo ainda hoje imperativo nos centros mentaes da Europa culta.

Pois muito bem, senhor commissario! Erisse os seus cabellos de assombro! Fantoche, o grande espirito astral, em cuja esteira se envergam e des-

moronam reputações e litteraturas; Fantoche, o dandy impeccavel como Brummel, o *sportsman* como Morny e o principe de Sagan; Fantoche, o meu amigo Fantoche, acaba de ser catrafilado pelos carroceiros da camara, como o mais abjecto dos larapios, e aguarda, na abegoaria, a estas horas, o degredo e a morte, se vossa senhoria lhe não acode com a sua valiosa protecção.

Se fôr preciso captal-a com bilhetes de politicos e grandes personagens—porque n'este desgraçado paiz tudo se vende e se compra, desde a turgida mão de nabos, até á magestade sacratissima da lei!—Fantoche envia um sacco d'empenhos ao gabinete de vossa respeitavel senhoria. Ah! quanto a isso, Fantoche tem relações. Não é a traição politica que o apunhalará pelas costas, nem a perfidia dos seus antagonistas em sciencia, que ha-de acolhel-o d'improviso, no macadam d'uma betesga! Fantoche é preponderante: invocará a convivencia de todos os frequentadores do Tavares, seus camaradas de ceia, seus amigos, seus admiradores, seus confidentes—forçando a justiça a lançar sobre o seu corpo de cachorro, o manto de condolencia, por entre cujas dobras ella tanta vez consente se escapulam os desavergonhados graudos.

Qual a ascendencia de Fantoche, não poderei dizel-o certamente. É nobre, illustre, vem das cruzadas, de Cerbero, o pae Adão da canzoada, do cão d'Alcibiades, do cão de Montargis? ... Ou, descendente d'uma velha familia christã das catacumbas, terá nas veias sangue do tótó misericordiosissimo de S. Roque? Um escriptor menos escrupuloso escreveria: este Fantoche é filho, como a maior parte dos *gommosos* que se acanalham ás esquinas, naturalmente, do primeiro macho que vem subindo, e da primeira femea que fôr descendo.

Educaram-no, como é costume, na perversão e no desrespeito. Aprenderia a ser glotão, ladrador, farcista, malcriado. Recolheria tarde, vomitando as ceias de bacalhau pelas esquinas, farejando as cadellas retardatarias, pelas ruas: e nas praças, com impudencias de farçola, ao passar junto ás arestas dos monumentos, *peut-être il se viderait, le vilain gars!*

Talvez! Mas estas turbulencias da edade, tão proprias de rapazes finos, a mesma edade as corrigiu e fez cessar. Um bello dia, á volta d'uma viagem, os que o tinham conhecido impetuoso, agarotado, um pouco faia, mal puderam resuscitar no

dandy altivo, sobrio de gestos, um pouco tardo de falla, e de proposito arrastando dos *ss* e d'uma perna, o antigo cão que tanto gostava de ser mirado, e rua afóra parava a farejar todas as lojas, a monocular todos os grupos, e a metter o nariz em todos os cabazes. Republicano e desordeiro d'instincto, como todos os cachorros, tendo-se tornado em pouco tempo o Manuel d'Arriaga do seu club, e o Jacintho Nunes do seu departamento, Fantoche parecia ultimamente voltado ás effusões monarchicas, por arte, requinte, chic — e na rua, em farejando batedor, eil-o a correr para o rebordo dos passeios, afim de tomar fileira com os mais janotas da sua convicção. Esta proscripção de crenças que implacavelmente o tinham afastado, até alli, de todos os concursos, graças a um velhito de chibata que á porta das salas constantemente o impedia de fazer brilhar em publico os seus merecimentos, não logrou vencer as animadversões que a sua primeira attitude politica provocára. Porém, o seu caracter fizera-se, a sua grande importancia sopesava-se!

Reconheceu-se em Fantoche um cachorro possuidor de todas as qualidades sociaes d'um homem celebre, sceptico fino, artista egregio, *gourmet* nevrotico — e assim era vêl-o com os seus instinctos

d'aristocrata, as suas pernas tortas de *homme de cheval*, a cabeça alta, um ar sêcco, agitando a cauda com ceremonia quando passava o senhor duque; e á porta das egrejas de luxo, fingindo um respeito de familia pelos bons principios; e nas tabacarias, com invectivas a Bismarck, ouvindo discutir os ultimos telegrammas — e depois, quando passava Lola, a abordar com ganidos galantes a pelliça cara da instantanea — ou se mylord Paninho Enfestado subia na sua parelha pigarça, coçando as barbichas com a pata, de repente, Fantoche a escancarar a guela n'uma careta jovial de visconde Reynaldo:

— Que arreios! Que cavallos! Só em Lisboa!...

Oh! o que David Corazzi ria no Tavares, noites e noites, escutando as suas anecdotas, com um travor d'allusões tão bem doseado; e que de coisas diversas e profundas nós lhe ouvimos, Urbano de Castro e eu, *pele-mele,* no vortilhão da sua palestra tão viva, suggestiva, fecunda, ductil, e fasciada de pontos de vista surprehendentes! A *verve* d'elle, ao abordar qualquer assumpto, refazia-o, afinava-o, começava de o ir bordando a fios de sol, e matizes de oiro de episodios, qual mais estonteador de sardonismo! Emfim, a nevrose, que está tornando as capitaes em grandes Salpêtrières,

hypnotisadas por Charcots de monte-pio, a nevrose entrava já a roer a carcassa d'este illustre, a quem os graciosos d'officio começaram de roubar os ditos, e a Camara agora acabou por sequestrar a liberdade.

Jámais esquecerei a linha augusta do seu typo de cão da alta, feita d'essa elegancia ligeiramente desdenhosa que o principe Citron e a senhora de Metternich puzeram em voga, nos salões do boulevard St. Germain. Nada dos prazeres vulgares d'um cão sem hierarchias de familia, grosseiro e obsceno, que se baixa na rua a metter a lingua em todos os charcos, e se deita de ventre para esbrugar um osso, entre as immundicies d'um barril. A vida tinha para Fantoche outras delicias d'áparte, outros requintes, outros ideaes, outras gustações, outros perfumes—coisas que pela fina essencia mundana e intellectiva, perturbavam a materialidade villã dos outros cães. Todas as tardes, depois d'almoço, descia elle o Chiado a passo lento, a cauda em croc, a orelha esperta, e os olhos fatigados, em cuja myopia impertinente se exasperava a ironia azul d'um gentilhomem *griffon-terrier, accompli*. A delicadeza das suas im-

pressões dava-lhe uma intolerancia para a dóse de tolice que todos os homens arvoram, como distinctivo de temperamento, uns d'este modo, aquelles d'outro, e todos por egual banhando as carnes n'um semicupio de vaidade satisfeita. A espaços parava um pouco, fingindo analysar a caleche nova do visconde da Varzea, ladeira acima, ou esgrimir com a ponta da cauda, lestamente, um pequeno signal d'intimidade á ministra da Russia — *Her Gracious Magesty*.

A *vitrine* de M.me Colombe merecia-lhe sempre attenções particulares, com o charivari das terrininhas de *foie-gras*, os mólhos de espargos, as linguas fumadas, as conservas, e os môlhos britannicos, tão inflammatorios, que cheiram a copahiba e a acido phenico. Depois, lá mais em baixo, na loja do Carlos Carvalho, elle a receber as effusões dos seus amigos de lettras, comediantes, folhetinistas, colleccionadores de bugigangas...

Fantoche mesmo, tinha uma paixão por colleiras ornadas, xaireis de seda, bengalas e gravatas espaventosas.

Protegia singularmente as artes, como o conde de Franco, presenteando os artistas a seu modo; e quando rapaz, dizem, expuzera alguns pasteis no salão do *Commercio de Portugal*... depois de

os ter ido comer, verdade seja, á pastelaria do Rosa Araujo.

Era esta a sua hora lilaz durante o dia. O barulho das ruas parece que reanimava a sua inanição d'antigo galan derreado pelas intimidades do amor que ceia. E Rocio fóra, lá ia tomar o sol còr d'açafrão da Avenida... N'aquelle recinto do presupposto luxo lisbonense, em que tudo parece alugado por uma agencia de pompas funebres, as arvores, os bigodes, as carruagens, as sobrecasacas, o tom das luvas e o silencio lugubre dos janotas; n'aquelle recinto de luxo, á hora dos trens, que popularidade a sua, tão superiormente affixada no invejoso adeus dos homens, e no sorriso amavel das mulheres! — Adeus, Fantoche! — Como vae isso, Fantoche? — Ólá, Fantoche! E as mamãs mettendo á cara do *dandy* as suas filhas. As condessinhas fazendo parar, por vêl-o, as suas equipagens. Reporters tomando nota do seu *humour* sobre o caso do dia. E jornalistas aprendendo o seu bote secreto, n'esse jogo d'esgrima dos cães, malicioso, e que tão bem recorda o jogo... d'aguas de Versailles.

E presa na Abegoaria, esta personalidade tão superiormente aziumada de conceitos e rasgos de genio, coruscantes! Esta noite, á hora do jantar, os *habitués* do Tavares já não verão chegar á hora prefixa, arrastando a sua ataxia e o seu tedio, por entre as mesas, este grande *flaneur* que encheu Lisboa com as radiações da sua *verve* inesgotavel, e que depois de Jeronymo Collaço, foi o unico que em Portugal interpretou o dandysmo, conforme as theorias scientificas de Barbey d'Aurevilly. Ah! senhor commissario, senhor commissario! A mim ninguem me tira da cabeça que as opiniões de Fantoche incommodavam o governo, se não é que aggrediam mesmo, á bofetada, a cara glabra da opinião. Na alta superioridade de Fantoche sobre o seu tempo, tem a historia de procurar as origens da sua queda. Foi assim com Marcos Maria Fernandes, Napoleão I, e *el gran poeta* Gomes Leal. Mas cautela, senhor commissario! O dia d'ámanhã ninguem o viu. Lisboa, privada do seu homem, tornar-se-ha como um deserto tenebroso, em que os camelos se entrechocam, sem atinar com as portas da Academia: e Belisario da lenda, bastos annos, triste e cega, irá por toda a parte chorando o seu Fantoche perdido.

MADRUGADA D'INVERNO

Entre as duas e as quatro horas e meia da manhã, Lisboa é cruel para o noctambulo. Não ha onde comprar um cigarro, onde engulir dois dedos de genebra, onde lêr um jornal ao abrigo do frio. Fecharam já os cafés todos da cidade, os mais bem frequentados e os mais réles, desde o *Tavares* até ao *Refilão*, e não abriram ainda as casas de chocolate, como o *Despique*, nem as tabernas aonde os operarios entram, como a *ginginha* do Largo de S. Domingos, ao passar para a lide, escuro ainda.

A vida é então d'uma vacuidade lugubre para os que não teem casa, nem somno, nem familia. Vae-se ao acaso, tropeçando de fadiga, de redor

dos quarteirões, nas ruellas infames dos bairros lugubres, sob a poeira dos varredores, á procura d'uma manifestação vital qualquer, vagabundo ou forno de padeiro, comprehendendo emfim o sentido d'essa palavra—não ter para onde ir—que tanta vez ouvimos na boca dos mendigos, e de que nunca quizemos sopesar a angustia innarravel. De roda, tudo concorre para nos esmagar a coragem, durante aquellas duas horas e meia seculares, em que os relogios não batem, e as mais simples coisas travestem contra nós aspeitos aggressivos. Amortalhadas de sombra, as casarias alinham duramente as suas altas fachadas sepulchraes, ao longo das ruas cada vez mais extensas e desertas, que a luz ennodôa de livido, fugindo aos boqueirões dos portaes com medo das facadas, e escorrendo no asphalto em tremulinas côr d'ocre, zebradas de sangue, em que reluzem cristaes d'argila e mica, como diamantes cahidos das algibeiras rotas d'um ladrão.

Por cima da cidade, onde a treva commenta as impotencias do gaz que arde cá em baixo, todo um pavor de chaminés e aguas-furtadas ergue os braços, para as profundas estrellas que não empallidecem, prenunciando a aurora. É um desespero mudo, uma raiva satanica, pelos grotescos dramas que se estão epilogando áquella hora, nas barrigas

de todos esses desconformes predios somnolentos... adulterios, infanticidios, doenças incuraveis, amores hediondos, sonhos de gloria, roubos d'ideias e de heranças, falcatruas de todas as especies — de que um vintemilavos só, bastaria para levar ao patibulo os protogonistas, se acaso os codigos punissem crimes moraes, e a justiça não fosse, d'entre todas as megeras publicas, a mais insolvavel e sinistra criminosa.

Andam-se assim leguas e leguas, e o mesmo coma que amadorna a cidade n'aquella apathia de sombra, emmurchece na alma alcoolica dos erraticos, a flôr da evocação, elyssea e vaga, reconduzindo o espirito á miseravel certeza de que por mais viva phantasia que se tenha, não ha scintillações como as que dimanam d'um lustre illuminado, nem fórmas como as que brotam da *toilette* de baile d'uma mulher.

Ás tres da noite, as ultimas tipoias deixaram o paradouro das praças, fecharam no Rocio os tres estancos, os policias sumiram-se... E cada vez mais a gordurosa treva baixa do ceu, em cachemires luctuosas, monstros de tinta, nevoeiros de

passagem, que vem nuverinhando da barra, e correndo para os montes, correndo, em rebanhadas lentas de *pierrots*. Agora, um regelo glacial trespassa as vestes dos expulsos; erguem-se as golas, as mãos osseas entram nas mangas dos casacos — felizes dos que n'este mundo ainda podem ter casacos com mangas! — e as figurinhas lividas cachetisam-se, as caras engelham-se, tomando os tons molles do coiro novo, e elles lá vão, curvados na sombra humida dos predios, em cujo desvão grato lhes seria ficar ao abrigo do frio, um instantinho.

Nada é terrivel como encarar na sombra uma d'essas physionomias de nocturnos, obrigados a andar constantemente para não despertarem suspeitas aos guardas, inquietos, palmilhando a lama com um *choc-choc* de botas descosidas. Entre os mais lugubres ha um de barbas, já velho, encorpado, que traz o casaco logo por cima da carne sem camisa, e um penante amolgado na cabeça. A sua passagem nas ruas tem uma hora fixa, e poucas vezes elle altera o itinerario.

Cerca das tres horas, vê-se aquelle homem chegar ahi das bandas da Avenida, atravessar o Rocio collado ás casas do lado de S. Domingos, a sua barba grisalha sobre o peito, os olhos fixos, a sacola pendente, e tão absoluto silencio nas passa-

das, que diricis um espectro marchando, de cabeça direita, indifferente aos estimulos, e unicamente absorto em debater comsigo, um velho caso tragico d'outr'ora.

Para qualquer ponto que siga, a postura d'esse homem é sempre inteiriçada, a *silhouette* de gentleman, um passo largo, calmo, bem estylado, e nenhuma curiosidade pelo que se passa á roda d'elle. Mesmo afrontado, o seu ar não desmancha, os seus olhos não fixam, a sua cabeça não se volta.

Da grande barba, gottas d'orvalho pingam-lhe sobre o escorpião do sterno e das costellas: os seus olhos dilatam-se de somno, e olham sem vêr, como encandeados de estar fitando alguma refulgencia d'astro, mysteriosa: e no gesticular macabro, na continuada disputa que elle entretem comsigo proprio, sente-se o sonho absorvendo uma existencia, e a razão bruxoleando entre os exasperos do dualismo que lhe desviou o cerebro talvez da sua integridade de funcção.

Jámais me aconteceu vêr aquelle homem nas ruas de Lisboa, a outra hora, e mais d'uma vez que tenho seguido, atravez da cidade, as suas espiraes d'espirito malefico, que me recorda, pela fatalidade impassivel, aquelle velho Thorbern do conto

de Hoffmann, que vae pelas galerias das minas, té que se lhe depare um mineiro a quem assassinar de asphyxia.

Outro é pequeno, azougado: o focinho de padre, glabro e vinoso, tem uma expressão spasmodica de vicio na fixidez dos olhos abrazados, e por entre os dentes, quando succede cruzar um transeunte, sae-lhe um risito de coruja, convulsivo, por séries de tres ou quatro frouxos, farfanhado ás vezes de monosyllabos obscenos, e com um grito no fim que faz tremer — tanto elle recorda os que se ouvem nos hospitaes, aos meningiticos. Traz na cabeça um chapéusinho de côco amaricado; um casaquito curto cinge-lhe o tronco, e saracoteia-se, voltando a cada momento a cabeça, a vêr se o acompanham. Como um passaro de noite, molle e funereo, este sinistro typo acachapa-se ás esquinas, dissolve-se como d'encanto por detraz das arvores das praças, junto ao cunhal dos predios, nas lagôas de treva de certas expansões de ruas pouco alumiadas... Deve ser velho talvez, mas a viveza dos seus meneios faz calefrios: ha saltos bruscos, carreirinhas empóz d'alguem que vae passando, subitas fugas — e ouve-se-lhe sempre o grito sem rythmo nas fauces, que parece um motejo, que parece um lamento, um arranco de dôr, ou um

grito d'appello — quem sabe? — aos enfermeiros de Rilhafolles.

Todos teem visto á esquina de S. Domingos, já fóra de horas, um monstruoso anão todo barbado, com hombros de titan, os olhos tortos, e duas manapolas pendendo d'uns desconformes braços inactivos. Elle não falla, elle não mexe: só o seu olho torto vae rolando n'uma melancolia agourenta, na esteira de qualquer que ouse fital-o. Ninguem soube ainda o que vem fazer para alli aquelle homem, que não está bebado, nem pede esmola, nem vende, e larva da noite, se desfaz nas viellas aos primeiros clarões da madrugada.

— *Café quente e aguardente!*

Um homemzinho pequeno, a voz sumida, deita nas praças este pregão roufenho de commercio. A espaços pousa no chão a almotolia de folha em que se guarda a beberagem, senta-se um instante no rebordo de pedra do passeio: um vagabundo approxima-se, remexendo nos bolsos, á procura d'um cobre com que pagar-se o excitante: e o homem tira a almotolia de cima da lanterna onde ella vem segura, vasa uma chicara da droga, e emquanto o outro bebe, uma tosseira funda saco-

de-lhe o cavername do tronco, e sente-se a sua asthma piar na respiração entrecortada.

É uma pittoresca industria a que elle exerce. Compra pelos botequins a polmoeira do café que já não serve, addiciona-lhe um bocado de casca de carvalho e tremez torrado, e a mistura fervida em agua, misturada com alcool, é vendida depois ás sentinellas, aos cocheiros de noite, e aos *decavés* que encontra pelas ruas. De longe, a pequena luz da sua lampada phosphoreja, em zig-zagues de bruxa, rua fóra, durante essas duas horas em que o homemzinho percorre a cidade, desde as portas dos quarteis, até aos bancos das praças mais escusas. E a gente pensa nos filhos a quem esse miseravel ha-de talvez dar de comer!

Cada vez o ar resfria mais, e as nuvens baixam. É o momento em que se faz na atmosphera uma especie de crise, como nas doenças, e em que na sombra começa a deliquescencia gradual que deve resolver-se pela madrugada.

De roda ás paradas dos quarteis estridulam de quando em quando as sentinellas. É uma toada triste, com resaibos de penas condensadas; aquelles álertas correm, reatam-se, té cingir a cidade n'um collar de vozidos lentos, que não lembram a guerra, mas como appellos de rêzes atravessam os

campos, indo bater ás casas das aldeias—e as velhas que adormeceram a pensar nos filhos desterrados, talvez sintam em sonhos, n'esse álerta d'esperança, reverdecer-lhe os emmurchecidos corações. D'esta nostalgia participam tambem os gallos, cujas vozes de predio em predio se concitam, primeiro em chamamentos isolados, depois em córos, e por ultimo em indescriptiveis charivaris. O presagio d'alva como que tornou a cidade mais sonora: cada rumor toma nos ares uma intensidade viva e crystallina, que vem aos nossos ouvidos reforçada, como se a repercutisse a membrana immensa d'um phonographo. Se nos approximamos do rio, sente-se a agua resonar em haustos preguiçosos, nos refluxos da maré que choca entre si os costados das fragatas. E para dentro do rio, a treva liquefeita, n'um vertiginoso movimento espiral de fórmas incoherentes, vae-se lentamente aquatintando aos tons de pardo, onde se lobriga já, sobre a linha d'agua, o ponto fraco em que ha-de brilhar a pupilla azul da antemanhã.

Um sino toca a bordo: os pharoes dos navios empallidecem; e emquanto nos beiraes as andorinhas dão guinchos, impacientes pelo dia, começam a soar pelas calçadas os sapatorros dos primeiros homens que vão para o trabalho, fogueiros de fa-

bricas, serradores, serventes d'obras... Já a esse tempo a procissão de carroças do lixo, vindas do Aterro, começou a dispersar-se nas ruas, n'uma estrupida terrivel de rodados: e o cascalhar da ferragem acrescenta o barulho que vae pela cidade, n'esse começo d'espertina que é em Lisboa, depois de quatro horas de repouso, a primeira convulsão da vida activa.

Quatro horas soam. Sobre os bancos das praças, nas amuradas dos caes, os ultimos bohemios cahiram alfim prostrados de fadiga: os bebados calaram-se, as sentinellas dormem nas guaritas: só nos pedestaes dos squares, as estatuas continuam a não desmanchar a nobreza heroica dos seus gestos. É a hora em que os jogadores desertam das batotas, e as lanternas dos medicos, das parteiras, e das casas de passe, relampagueiam de nojo pelo que ouviram e estiveram a suspeitar a noite inteira.

Á proporção que o gaz se extingue, as ruas vão tomando assim grandes aspectos scenographicos; as casas parecem decuplicar d'enormidade: as perspectivas prolongam-se em avenidas de necropole, azul e pardo, d'uma physionomia formidavel que nos recorda Rembrandt e as gravuras antigas d'agua forte. Então começa a debandada dos cor-

vos, d'aquelles cenaculos sinistros em que o vicio deu *rendez-vous* á miseria e á morte subita. E pelas portas d'escada, a medo abertas, na suspeita dos guardas nocturnos estarem ainda levantados, lividas cabeças espreitam, assustadiças... patas de velludo arranham, por dentro, as fechaduras perras dos portões... e uns após outros, como a via está livre, elles se esgueiram, os viciosos, mulheres e homens, roufenhos d'alcool, soltando por officio as ultimas gargalhadas, em *toilettes* de baile e de cadeia, pelas boccas dos predios, de cujas fauces trescala o bafo da cavalhariça humana que vem d'escoicinhar a sua torpeza, e volta co'a luz a reprimir-se, pelo terror dos regulamentos policiaes.

Toca a alvorada. Uma varina passa a correr, junto de mim. Esta mulher matinal, com arrecadas d'oiro e fugitiva! — A que sargeta atiraria ella o ventre que desfez?...

INDICE

INDICE

—

	Pag.
Lisboa velha e Lisboa nova	7
As ruas — O demonio da vitrine — Um adulterio côr de rosa	34
Amor de velhos	55
A chavena da China	111
A condessa	127
Quarenta e dois contos	149
Os cabellos d'Alzira	169
Sentimental Journey	185
A senhora Ministra	197
De noite	205
Pedro e Paulo	221
Cardoso I, principe	237
Roberto	243
Miss Ellen	265
A verruga	275
Fantoche	299

PQ 9261 F5L5

Fialho de Almeida, José Valentim
Lisboa galante

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 01 07 004 1